

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ELIZABETE APARECIDA BRAGATTO ABATE

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E AUTODESENVOLVIMENTO AFETIVO,
COGNITIVO E SOCIAL DO PROFESSOR CONTADOR

CURITIBA
2020

ELIZABETE APARECIDA BRAGATTO ABATE

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E AUTODESENVOLVIMENTO AFETIVO,
COGNITIVO E SOCIAL DO PROFESSOR CONTADOR

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Tania Stoltz

CURITIBA
2020

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de
Bibliotecas/UFPR-Biblioteca do Campus Rebouças
Maria Teresa Alves Gonzati, CRB 9/1584

Abate, Elizabete Aparecida Bragatto.

Contaçon de histórias e autodesenvolvimento afetivo, cognitivo e social do professor contador / Elizabete Aparecida Bragatto Abate – Curitiba, 2020.

110 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientador: Prof^a Dr^a Tania Stoltz

1. Arte de contar histórias. 2. Professores – Formação. 3. Contadores de histórias. 4. Educação – Metodologia. I. Título. II. Universidade Federal do Paraná.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -
40001016001P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ELIZABETE APARECIDA BRAGATTO ABATE** intitulada: **CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E AUTODESENVOLVIMENTO AFETIVO, COGNITIVO E SOCIAL DO PROFESSOR CONTADOR**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 27 de Novembro de 2020.

Assinatura Eletrônica
10/12/2020 20:48:24.0

ARACI ASINELLI DA LUZ
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
24/12/2020 09:44:01.0

MARCELO DA VEIGA CRON
Avaliador Externo (ALANUS HOCHSCHULE)

Assinatura Eletrônica
12/12/2020 08:33:57.0

DENISE DE CAMARGO
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
11/12/2020 08:55:44.0

ROSELY APARECIDA ROMANELLI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO)

Dedico esta dissertação aos professores e professoras contadores de histórias, em especial àquelas que participaram desta pesquisa e que com afetividade e comprometimento empenham-se em perpetuar a arte da narrativa oral, levando esse alimento para a alma humana.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao universo, à força de toda a humanidade e ao mundo superior pela oportunidade de existir.

À minha orientadora, professora Dra. Tania Stoltz que com sua afetividade, delicadeza, entusiasmo, comprometimento e conhecimento me acompanhou nessa longa jornada de construção como pesquisadora.

Ao meu marido Gilberto, companheiro já de longa data, um incentivador que me apoia em tudo que desejo fazer com carinho, amor e atenção.

Ao meu filho, Renan, pelo amor, parceria e horas dedicadas à leitura de meus manuscritos, gratidão por ser essa pessoa especial e a quem amo profundamente.

À banca, professora Dra. Denise de Camargo, professor Dr. Marcelo da Veiga e professora Dra. Rosely Aparecida Romanelli, minha imensa gratidão por participarem como avaliadores, tanto da qualificação quanto da defesa desta dissertação, contribuindo com o conhecimento e o respeito pelo meu trabalho.

Aos professores (as) do programa de pós-graduação, prefiro não citar nomes para não esquecer ninguém, vocês foram muito importantes e especiais nesse processo de autodesenvolvimento.

Aos colegas da pós-graduação que participaram imensamente, colaborando com seus conhecimentos e juntos tivemos a oportunidade de aprender mais. Aos amigos e amigas que fiz ao longo desses 2 anos, em especial à Juliana Schwarz que sempre esteve mais próxima, compartilhando as dificuldades, conhecimentos e alegrias.

Às professoras contadoras de histórias que participaram desta pesquisa, a minha imensa gratidão e reverência pela disponibilidade de tempo, entrega afetiva de suas experiências como contadoras de histórias e por serem educadoras tão especiais. Junto com vocês tive a oportunidade de contar mais esta história e compreendermos juntas que a contação de histórias nos possibilita a amplitude de consciência e o autodesenvolvimento.

Gratidão também a equipe da Fatum Educação, em especial ao Anderson Duarte pelo carinho e atenção que sempre me atendeu e ao professor Dr. Cleber Fabiano por abrir as portas de sua instituição de ensino tão admirada e reconhecida por muitos contadores.

Agradeço, enfim, a todos que utilizam a arte da narrativa oral como proposta de trabalho e como experiência de autodesenvolvimento, levando o amor e a esperança em sua jornada de vida, trilhando o caminho do respeito, da amorosidade e da gratidão em benefício de uma humanidade mais consciente de si e do outro.

Se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história.
Dessas onde não faltem animais, ou deuses e muita fantasia.
Porque é assim – suave e docemente que se despertam consciências.

Jean de La Fontaine

RESUMO

A presente pesquisa tem o objetivo de compreender como professores significam o seu autodesenvolvimento afetivo, cognitivo e social a partir da prática da contação de histórias. Trata-se de estudo qualitativo e exploratório, utilizando a triangulação de dados a partir dos instrumentos e procedimentos de estudo empíricos: entrevista exploratória semiestruturada, desenho, grupo focal e diário de campo. A análise de dados baseou-se em Delval (2002); Creswell (2010); Gatti (2005) e Bonfim (2010). Participaram do estudo doze professoras que estavam em processo de formação de contador de histórias ou já passaram por essa mesma formação. As idades variaram de 31 a 68 anos e a experiência com a contação de histórias foi em média de 2 a 12 anos, tanto em escola pública quanto privada. Os dados sugerem que a prática regular da contação de histórias possibilita o autodesenvolvimento cognitivo, uma vez que permite a conquista de novos conhecimentos e a ampliação da visão de mundo em profundidade e consciência. Além disso, contribui para o autodesenvolvimento afetivo, por possibilitar o encontro com os próprios sentimentos e emoções. Quanto ao autodesenvolvimento social, contribui para lidar melhor socialmente com a diversidade das manifestações humanas, aprimorando a capacidade de se colocar no lugar do outro, respeitando as individualidades, sem perder de vista o próprio “eu”. Nesse sentido, a contação de histórias se justifica como uma possibilidade na formação de educadores comprometidos com o próprio desenvolvimento e transformação e que possam contribuir para uma educação mais humana e consciente.

Palavras-chave: Contação de histórias. Professor. Autodesenvolvimento. Autoeducação. Autoconhecimento. Rudolf Steiner.

ABSTRACT

This research aims to understand how teachers signify their affective, cognitive and social self-development from the practice of storytelling. It is a qualitative and exploratory study, using data triangulation based on empirical study instruments and procedures: semi-structured exploratory interview, drawing, focus group and field diary. The data analysis was based on Delval (2002); Creswell (2010); Gatti (2005) and Bonfim (2010). Twelve teachers who were in the process of becoming a storyteller or have already undergone this same training participated in the study. The ages varied from 31 to 68 years old and the experience with storytelling was on average from 2 to 12 years, both in public and private schools. The data suggest that the regular practice of storytelling enables cognitive self-development, since it allows the conquest of new knowledge and the expansion of the world view in depth and awareness. In addition, it contributes to affective self-development, by enabling the encounter with one's own feelings and emotions. As for social self-development, it contributes on dealing better socially with the diversity of human manifestations, improving the ability to put oneself in the place of the other, respecting individualities, without losing sight of "myself". In this sense, storytelling is justified as a possibility in the formation of educators committed to their own development and transformation and that can contribute to a more humane and conscious education.

Keywords: Storytelling. Teacher. Self-development. Self-education. Self knowledge. Rudolf Steiner.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – FLUXOGRAMA DE BUSCA E SELEÇÃO DOS ARTIGOS....	20
FIGURA 2 – DESENHO DA PARTICIPANTE FLORA.....	57
FIGURA 3 – DESENHO DA PARTICIPANTE JASMIM	77
FIGURA 4 – DESENHO DA PARTICIPANTE ORQUÍDEA.....	78
FIGURA 5 – DESENHO DA PARTICIPANTE DÁLIA.....	79
FIGURA 6 – DESENHO DA PARTICIPANTE HORTÊNSIA – CASA DOS AVÓS MATERNOS.....	80
FIGURA 7 – DESENHO DA PARTICIPANTE HORTÊNSIA – TEMPOS DE HOJE.....	80
FIGURA 8 – DESENHO DA PARTICIPANTE VIOLETA.....	81
FIGURA 9 – DESENHO DA PARTICIPANTE MARGARIDA.....	82
FIGURA 10 – DESENHO DA PARTICIPANTE ROSA.....	83
FIGURA 11 – DESENHO DA PARTICIPANTE MELISSA.....	83
FIGURA 12 – DESENHO DA PARTICIPANTE ANGÉLICA.....	84

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – PARTICIPANTES.....	48
QUADRO 2 – INSTRUMENTOS.....	54

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	18
2.1 REVISÃO SISTEMÁTICA.....	18
2.2 REVISÃO INTEGRATIVA	20
2.2.1 Contação de histórias e a educação.....	20
2.2.2 Contação de histórias e o desenvolvimento de adultos.....	22
2.2.3 Contação de histórias e o desenvolvimento de professores.....	25
2.3 O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA EM RUDOLF STEINER E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	30
2.3.1 O autodesenvolvimento a partir de Rudolf Steiner e a contação de histórias	30
2.3.2 A percepção, o conceito e a consciência.....	35
2.3.3 Conhecimento cognitivo superior e a consciência.....	40
2.3.4 Contação de histórias e a consciência.....	43
3 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	47
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	47
3.2 CONTEXTO E PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	47
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	50
3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS.....	53
3.5 ESTUDO PILOTO.....	55
3.6 COMITÊ DE ÉTICA.....	58
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	58
4.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	58
4.2 ANÁLISE DOS DESENHOS.....	75
4.3 ANÁLISE DO GRUPO FOCAL.....	85
4.4 DISCUSSÃO.....	91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS.....	97
APÊNDICE 1 – FORMULÁRIO.....	102
APÊNDICE 2 – ENTREVISTA.....	103
ANEXO 1-PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	104
ANEXO 2-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	108

1 INTRODUÇÃO

A complexidade do desenvolvimento da sociedade tem confrontado o ser humano com inúmeros e variados desafios. Diante desse contexto, torna-se fundamental o investimento no autoconhecimento e no autodesenvolvimento para a construção de sentido da existência frente a múltiplos estímulos e cenários, bem como para o investimento em uma direção que seja coerente com a produção desse sentido. Este estudo investiga uma prática passível de contribuição para o autodesenvolvimento: a contação de histórias.

O tema desta pesquisa surgiu a partir da minha trajetória pessoal e profissional. Graduada em psicologia, atuei na área organizacional recrutando e selecionando profissionais para a área financeira. Paralelamente, atuei na área clínica, visto que minha intenção sempre foi contribuir com o desenvolvimento das pessoas. Ainda que me sentisse realizada no consultório, havia uma inquietação pelo social, como participar e fazer alguma diferença para mais pessoas e ajudá-las na busca do autoconhecimento. Ao participar de uma roda de histórias em um curso de especialização em Arteterapia com fundamento na Gestalt terapia, descobri a narrativa oral e por ela me encantei, entendendo que poderia levar essa experiência para muitos ouvintes. Assim, coincidindo com minha mudança para Curitiba, fiz um curso de contação de histórias e com esse mesmo grupo iniciei as atividades como contadora voluntária.

A experiência com a contação de histórias com diferentes públicos me possibilitou reconhecer que há um desenvolvimento significativo do ouvinte na medida em que evoluem os encontros. Percebi também que eu já não era a mesma, eu havia mudado e toda essa vivência me despertou o interesse pela educação, ingressei então no curso de pedagogia na UFPR. Os estágios desenvolvidos ao longo do curso, o convívio com alunas (os) da graduação e com professores (as) das escolas pelas quais passei me motivaram a estudar a contação de histórias e o desenvolvimento humano, não só dos ouvintes, mas também do contador. Iniciei no segundo ano da graduação um projeto de iniciação científica com o tema “Contação de histórias e desenvolvimento de adultos”, os resultados foram surpreendentes em relação ao autodesenvolvimento e autoconsciência do contador de histórias a partir da narrativa oral. Depois, no TCC, continuei com a proposta de estudar a contação de histórias, mas com foco nos adolescentes, cujo tema foi “Contação de histórias para adolescentes?”. Aqui tivemos resultados importantes com relação à aceitação e ao envolvimento dos adolescentes com a contação de histórias, de

entenderem essa prática como um aprendizado para a vida, como forma de autoconhecimento e reconhecimento do seu entorno.

Ao longo dessa graduação tive a oportunidade de conhecer a pedagogia Waldorf e a Antroposofia de Rudolf Steiner, nas quais identifiquei conceitos e estratégias de trabalho que contemplam não só o aluno, mas também o desenvolvimento profundo do professor. Os contos de fadas e a mitologia foram temas abordados por Rudolf Steiner (2002), o que me instigou a aprofundar-me mais em sua teoria, reconhecendo que essa poderia ser uma fundamentação teórica importante para trabalhar com o autodesenvolvimento de professores e a contação de histórias.

Por que os professores? Ao longo dessa trajetória de quase 15 anos, tenho observado uma formação de professores com maior ênfase no conhecimento teórico e técnico, mas pouco aprofundada no que diz respeito ao desenvolvimento humano. Essa preparação mais focada na instrumentalização teórico-prática pode comprometer a atuação do professor com as diferentes questões que surgem no ambiente escolar, desde o trato com os alunos e familiares, perpassando pelas questões hierárquicas e pelo relacionamento com os pares, sendo um ambiente, na maioria das vezes, hostil, competitivo e conturbado. A falta de humanização no processo de formação implica em dificuldades afetivas e profissionais, comprometendo não só o fazer pedagógico do professor, mas também a consciência de si mesmo e do seu entorno.

Entendemos que o professor é conjuntamente com outros (familiares, amigos e sociedade), a base da formação dos indivíduos, sendo um agente de transformação (QUEIROZ; MACIEL, 2014), já que a trajetória educacional é um longo processo na vida das pessoas e o professor é aquele que não só acompanha o desenvolvimento cognitivo, mas também influencia positiva ou negativamente na formação afetiva e social dos alunos.

Na literatura encontramos estudos que retratam a violência no ambiente escolar (SILVA, M.; SILVA, A. G., 2018). Em pesquisa bibliográfica, foram compilados 92 estudos que trataram sobre a produção da violência na escola. Os resultados apontaram que os alunos aparecem em primeiro lugar, tanto como agressores quanto como vítimas e, em segundo lugar, têm-se os professores, contribuindo para a produção da violência no contexto escolar. A análise segue a ideia de que os professores “são protagonistas na constituição da violência da escola, contribuindo para a produção da violência em espaço escolar [...] a violência simbólica é a mais usada pelo professor contra o aluno” (SILVA, M.; SILVA, A. G., 2018, p. 471). As autoras defendem esse entendimento, visto que a

quantidade de alunos que sofrem com esse tipo de violência é muito maior do que a sofrida por professores, não querendo aqui desconsiderar o sofrimento emocional vivido também pelos professores. As autoras sustentam que não estão em busca de culpados ou vítimas da violência escolar, mas levantam a hipótese de que a violência contra professores pode ser um espelho daquilo que os alunos sofrem no ambiente escolar, não isentando os alunos de suas atitudes. Silva e Silva (2018) ainda complementam que:

Os documentos apontaram que alunos e professores estão no cerne da constituição da violência em espaço escolar, e não somente o aluno é responsável por ela. Ademais, as fontes indicaram a baixa influência externa na produção da violência em espaço escolar, levando-nos a crer que essa violência é produzida e reproduzida fundamentalmente por meio do tipo de relações estabelecidas dentro desse espaço, cuja participação dos professores é alarmante. (p. 482).

Como consequência, outro estudo retrata “O adoecimento do professor frente à violência na escola”, destacando que esse adoecimento está inteiramente ligado às relações sociais existentes e que reverberam para o interior dos muros da escola. A falta de valorização do professor por parte da sociedade, não é só materialmente, mas também em termos de sua posição social, uma vez que este tem como meta transmitir o conhecimento, mas muitas vezes não consegue exercer seu ofício com dignidade, seja por falta de condições materiais, falta de respeito pelo seu trabalho ou interesse dos alunos, seja por dificuldades para lidar com a totalidade do contexto escolar. A autora conclui “que os professores se sentem despreparados para lidar com a violência na escola [...] tal fato agrava as tensões e pode provocar o adoecimento do professor [...] outro fator é a violência simbólica, aquela que não está claramente explícita” (FACCI, 2019, p. 133), que compromete de forma silenciosa a vida pessoal e profissional do professor. Ainda nas palavras da autora:

O esvaziamento do trabalho, [...] a pouca valorização da atividade pedagógica, as relações de trabalho e as transformações das políticas educacionais – que cada vez mais descaracterizam o ato de ensinar como aquele que leva o aluno a se apropriar do conhecimento, guiado por um professor que deveria estar humanizado (no sentido de ter acesso aos bens culturais mais desenvolvidos pelos homens) – contribuem para esse adoecimento do professor. (FACCI, 2019, p. 138-139).

Esta pesquisa está relacionada a esse aspecto da humanização do professor, sobretudo à aquisição de uma formação digna e profunda, focada em bens culturais e na experiência estética. Entendemos que professores que se preocupam com o

autoconhecimento e o autodesenvolvimento poderiam desenvolver melhor a sua tarefa na escola, não só como aquele que transmite o conhecimento, mas também como um educador mais humanizado, aquele que acolhe, observa e compreende o seu entorno. Para tanto, é necessário ter um olhar para dentro de si. Essa ação pode ser um diferencial no ambiente escolar e poderá ir para além desse contexto, reverberando tanto nos alunos quanto naqueles que estão nas adjacências, uma vez que alunos e professores também são protagonistas da sociedade como um todo.

A oportunidade de trabalhar com diferentes estratégias no contexto escolar é um aspecto significativo para a promoção do conhecimento e do aprimoramento do professor. Nesse sentido, a contação de histórias se configura como uma possibilidade de formar leitores críticos e indivíduos que tenham um olhar para o desenvolvimento estético, aspecto que viabiliza a autoconsciência e o autoconhecimento. Steiner (2009) aborda sobre a autoeducação do professor que está relacionada à “consciência de si próprio – a autoconsciência, que lhe permite ter plena noção de si mesmo frente ao mundo” (p. 26), aspecto fundamental na arte de ser educador. Assim, reafirmamos nossa hipótese de que um professor bem preparado, consciente da importância de seu autodesenvolvimento poderá realizar de fato um trabalho que contemple uma educação mais profunda e integral.

Nesse sentido, é essencial darmos voz aos professores para conhecer as repercussões das histórias em suas vidas, podendo assim refletir e contribuir para uma formação mais ampla, humana e consciente. Meneghel e Inguez (2007) retratam a importância de ouvirmos os protagonistas do contexto a ser estudado, aprofundando o conhecimento nas questões individuais para aí entendermos o coletivo.

A pergunta que norteia esta pesquisa é: Como professores significam o seu autodesenvolvimento afetivo, cognitivo e social a partir da prática da contação de histórias.

A relevância deste estudo no âmbito social atende à necessidade de contribuir para o autodesenvolvimento do professor por meio da contação de histórias, com o objetivo não só de instrumentalizar para um trabalho mais consciente e profundo, mas também de primar por uma formação integral que percorre os aspectos cognitivo, afetivo e social com a intenção de preparar para uma vida mais plena (PINHEIRO; RAMOS, 2013).

No Brasil, a contação de histórias tem ganhado espaço no âmbito da discussão científica, com maior expressividade na área da educação, cujo foco são as crianças (QUEIROZ; MACIEL, 2014; CHESINI; CRESTANI; SOUZA, 2013). Entretanto, vem

conquistando reconhecimento os estudos com adolescentes, adultos e idosos em diferentes contextos sociais. Têm-se como resultado a promoção do autoconhecimento e a ampliação de recursos subjetivos para auxiliar na trajetória pessoal dos ouvintes, possibilitando pensar a própria essência nas diferentes óticas (MONTEZI; SOUZA, 2013; BARBOSA; SOUZA, 2015; BRITO; VIDAL; TAVARES; VIEIRA, 2014; MENEGHEL; IÑGUEZ, 2007).

Sobre este tema, poucos estudos investigam o desenvolvimento do contador de histórias (ABATE; STOLTZ, 2020; COSTA; POLARO; VAHL; GONÇALVES, 2016; RIBEIRO, 2013) e, mais especificamente, quanto ao desenvolvimento do professor contador de histórias a literatura é ainda mais restrita. Vimos autores que focaram seus estudos na instrumentalização do professor (KERRY-MORAN, 2015; SANTOS, 2013; CHESINI; CRESTANI; SOUZA, 2012), na metodologia de ensino (BARBOSA, 2017; KIRCHOF; SILVEIRA, 2009) e autores que defendem a literatura como aspecto fundamental para a formação humana (SILVA; SOUZA, 2017; RODRIGUES, 2015; LOURENÇO, 2014; PINHEIRO; RAMOS, 2013).

Os poucos estudos encontrados com o tema proposto não contemplam a temática do autodesenvolvimento do professor contador de histórias, sendo esta a razão pela qual desperta o interesse pela investigação e a realização desta pesquisa. Observamos uma lacuna importante na literatura disponível, no sentido de entender com base nos relatos de professores, como se dá o processo de desenvolvimento integral, cognitivo, afetivo e social, na sua formação a partir da experiência com contação de histórias.

Percebemos que trabalhar com as narrativas pode auxiliar na construção de aspectos cognitivos e também propiciar o desenvolvimento da afetividade, oportunizando o percurso por diferentes culturas e o conhecimento da essência humana. Formar professores mais conscientes da importância de seu autodesenvolvimento é um aspecto fundamental para aqueles que trabalham na formação de outros indivíduos.

Nesse sentido, a contribuição deste estudo para a comunidade científica será a de conhecer como o professor significa o seu autodesenvolvimento cognitivo, afetivo e social a partir da sua prática como contador de histórias e o quanto esse aprendizado contribui para o seu fazer pedagógico. Esse conhecimento poderá contribuir para a formação de professores rumo a uma educação humanizada e integral, que os instrumentalize não só com conhecimentos técnicos e científicos, mas que também auxilie para a formação de indivíduos que se importem com as questões afetivas e sociais. No contexto acadêmico, a prática será oferecida àqueles que estão se preparando para lidar

com a formação de novos indivíduos, os que já estão atuando no contexto escolar e também àqueles que participam da formação de novos professores.

Entendemos que a arte de contar e ouvir histórias contempla a formação literária do professor, sendo de grande importância para o seu autoconhecimento por acessar a herança das experiências humanas nos diferentes espaços e tempos, bem como os conflitos e inquietações humanas (PINHEIRO; RAMOS, 2013).

O direito ao estético, à fruição, à reflexão, à apropriação de mundos subjetivos e objetivos, possibilitando, por meio da herança que é a literatura de um povo, a formação de um cidadão leitor que se insere politicamente, se compreende como um agente histórico, que se transforma e transforma a realidade que o cerca. Contudo, essa prática só pode ser atingida a partir de uma reflexão pautada num referencial teórico que sustente a importância da Literatura para a formação social, psicológica e cognitiva do cidadão e que corrobore para que o professor tenha uma prática docente sustentada por pesquisa. (PINHEIRO; RAMOS, 2013, p.32).

É significativo, portanto, que o professor contador de histórias amplie seu universo literário, despertando assim novas possibilidades de compreender e lidar com as situações enfrentadas na vida. Já são conhecidos os benefícios da Literatura no desenvolvimento cognitivo do ser humano. Por outro lado, a ampliação do universo literário, por si só, não garante o desenvolvimento da capacidade de contação de histórias. Este estudo enfoca precisamente esse ponto, o do desenvolvimento do contador de histórias a partir da prática de contação.

Pretende-se, com esta pesquisa, compreender como professores significam o seu autodesenvolvimento afetivo, cognitivo e social a partir da prática da contação de histórias.

Em relação aos objetivos específicos, o estudo pretende: compreender o desenvolvimento de professores a partir da contação de histórias à luz da Antroposofia de Rudolf Steiner; compreender como se desenvolve a prática da contação de histórias em relação à rotina de trabalho dos professores; investigar como se expressa o interesse dos professores por literatura e em específico pela contação de histórias; entender o processo de desenvolvimento cognitivo do professor enquanto contador de histórias; entender o processo de desenvolvimento afetivo do professor enquanto contador de histórias; entender o processo de desenvolvimento social do professor enquanto contador de histórias.

Com a finalidade de responder aos objetivos este estudo está subdividido em capítulos que contemplam: o segundo capítulo compreende a revisão de literatura,

abrangendo a contação de histórias e o desenvolvimento do professor com a intenção de compreender o estado da arte do tema proposto, bem como a autoconsciência e a autoeducação na visão de Rudolf Steiner. O terceiro capítulo trata do desenvolvimento metodológico, incluindo o contexto, participantes, instrumentos, procedimentos de coleta de dados e de análise de dados. Na análise dos resultados e considerações finais, estaremos apresentando como se configura a prática da contação de histórias no desenvolvimento do professor e como esse processo pode ou não contribuir no seu fazer pedagógico.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura contempla o tema: a contação de histórias e o desenvolvimento do professor, contudo, devido aos poucos estudos encontrados, optou-se por uma revisão mais ampla sobre o conteúdo da contação de histórias relacionada ao desenvolvimento humano. Considerando Creswell (2007), a revisão de literatura nos dá a oportunidade de conhecer mais profundamente o tema a ser pesquisado, possibilitando delimitar o propósito da investigação e clarificando a importância do estudo. Nos aproxima também dos estudos pertencentes ao assunto, ampliando os tópicos relacionados, viabilizando a identificação de lacunas e possíveis estratégias de investigação e comparando os resultados encontrados.

2.1 REVISÃO SISTEMÁTICA

O processo de revisão sistemática é uma forma de identificar na literatura o tema de estudo nos diversos campos do conhecimento, facilitando a avaliação e a síntese de forma organizada e criteriosa. A revisão sistemática é um trabalho reflexivo na perspectiva de Zoltowski, Costa, Teixeira e Koller (2014), configurando-se “pela aplicação de estratégias de busca, análise crítica e síntese da literatura de forma organizada, minimizando os vieses” (p. 97).

A investigação da literatura atendeu aos critérios da revisão sistemática, considerando palavras-chave, período de tempo estabelecido pelo pesquisador, bem como critérios de inclusão e exclusão (ZOLTOWSKI et al., 2014; VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014).

A identificação dos artigos, teses e dissertações para esta revisão foi realizada por meio das seguintes bases eletrônicas de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos da CAPES, PsycINFO, Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Century, Education Resources Information Center (ERIC), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), MEDLINE/ Pubmed.

Foi definido um intervalo de tempo de 12 anos, considerando os anos de publicação entre 2006 e 2018, nos idiomas inglês, português e espanhol. As buscas foram realizadas com as palavras-chave nas línguas portuguesa e inglesa com combinações por meio dos operadores booleanos “AND” e “OR”. O interesse foi por estudos relacionados ao desenvolvimento do professor contador de histórias, sendo utilizadas as palavras-chave: “contação de história” OR “narração de história” AND professor; “contação de história” OR “narração de história” AND desenvolvimento; “storytelling” AND teacher AND development; “storytelling” AND teacher; “storytelling” AND development. As várias combinações possibilitaram um maior cenário das pesquisas que vêm sendo realizadas com o tema contação de histórias.

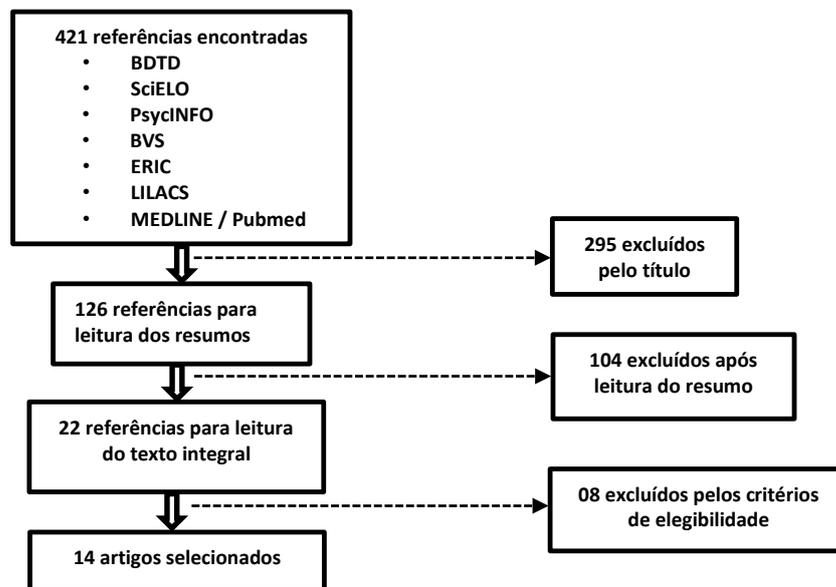
Foram excluídos os artigos não revisados por pares, contação de histórias em hospitais, histórias da prática docente de professores que não contemplam a contação de histórias, revisão sistemática de literatura, contação de histórias em língua de sinais ou para surdos, contação de histórias para crianças, contação de histórias para crianças vitimizadas, contação de histórias e a diversidade sexual, contação de histórias no ensino de inglês, contação de histórias digitais.

Foram incluídos os artigos, teses e dissertações em português, espanhol e inglês com pesquisas qualitativas e/ou quantitativas desde 2006, cujo objeto de pesquisa estivesse relacionado ao desenvolvimento do professor/ educador a partir da contação/ narração de histórias. Em função da pouca literatura que contempla o desenvolvimento do professor, optou-se por realizar uma revisão dos artigos relacionados ao desenvolvimento a partir da adolescência, o que nos dá um panorama do efeito da contação de histórias com o público no início da vida adulta e com os adultos.

A consulta às bases de dados possibilitou o acesso a 421 documentos, descartadas as duplicidades. As análises dos documentos foram feitas respeitando os critérios de inclusão. Uma primeira análise foi realizada com base nos títulos das publicações, nessa fase foram eliminados 295 trabalhos; em seguida, outra avaliação foi feita nos resumos, nesse momento foram excluídos 104 documentos, restando 22 documentos para serem

lidos na íntegra. Após a leitura final do material selecionado, foram excluídos 8 trabalhos pelos critérios de elegibilidade, restaram 14 documentos que farão parte da revisão integrativa, conforme fluxograma (FIGURA 1) de busca e seleção dos artigos.

FIGURA 1 - FLUXOGRAMA DE BUSCA E SELEÇÃO DOS ARTIGOS



FONTE: A AUTORA (2019).

Foi verificado que a maior parte das pesquisas são qualitativas, tendo somente dois trabalhos quantitativos. Prevaleram os estudos empíricos mais relacionados ao treinamento e desenvolvimento dos professores no sentido da prática da contação de histórias. A fundamentação teórica dos documentos encontrados foi diversificada por se tratarem de estudos realizados em diferentes áreas. Optou-se por discutir os trabalhos encontrados, buscando um aprofundamento nas metodologias utilizadas pelos pesquisadores com o objetivo de encontrar semelhanças nos estudos a fim de subsidiarem a pesquisa aqui proposta.

2.2 REVISÃO INTEGRATIVA

2.2.1 Contação de histórias e a educação

Na perspectiva de Vosgerau e Romanowski (2014) é mais adequado trabalhar na área da educação com uma proposta interpretativa dos dados obtidos, pois “os achados, os instrumentos de coletas e sujeitos participantes normalmente são variados, o que torna

difícil a agregação ou contabilização de resultados” (p. 176). Assim, é pertinente encontrar afinidades entre os documentos selecionados “de forma interpretativa, por semelhanças, para que possam responder à questão central de pesquisa proposta” (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014, p. 176).

A contação de histórias é uma prática comum na educação com a finalidade de propiciar o amplo desenvolvimento (ABATE; STOLTZ, 2020; CHESINI; CRESTANI; SOUZA, 2013). Tem sido utilizada com a intenção de desenvolver o hábito da leitura, a socialização e também tratar de temas variados e de maior complexidade com leveza, cumprindo com uma proposta educativa e terapêutica preventiva (MONTEZI; SOUZA, 2013; BORGES, 2015; QUEIROZ; MACIEL, 2014). Nesse sentido, Borges (2015) argumenta que por meio das histórias o indivíduo sente que “parece seguro projetar suas dúvidas e preocupações, porque as histórias legitimam seus conflitos e abrem a possibilidade de encontrar um caminho que lhes permita delinear seu sofrimento e que, em princípio, podem nomear esses conflitos” (p.136).

A narrativa oportuniza imagens universais que aproxima as diferentes culturas, por meio de sentimentos e ensinamentos contidos nos diferentes contos. Estes chegam ao educando por meio do professor contador de histórias, alguém em quem confia e admira. As palavras proferidas pelo professor têm significativa importância na formação cultural e afetiva do educando. Nas palavras de Rudolf Steiner (2005), filósofo, educador e fundador da Antroposofia, “A autoridade baseada no afeto, no amor, é a melhor relação pedagógica” (p. 83).

Há trabalhos importantes realizados com adolescentes em que a contação de histórias é uma estratégia que mobiliza as relações sociais e possibilita o pensar na educação. Montezi e Souza (2013) trabalharam com alunos do 6º ano a respeito da dimensão do processo criativo, mediado pela contação de histórias, e consideraram um fator importante na questão cognitiva e no prazer que os adolescentes demonstram em participar de projetos relacionados à criatividade e imaginação.

Barbosa e Souza (2015) também pesquisaram alunos do 6º ano e discutiram a importância de trabalhar o respeito e o desrespeito no ambiente escolar com adolescentes, sendo a contação de histórias uma ferramenta significativa para mobilizá-los a pensar nas relações que estabelecem com os seus pares. Os autores argumentam que “A história revela a imaginação atuando na construção de um modo de viver menos doloroso e mais prazeroso” (BARBOSA; SOUZA, 2015, p. 265).

A escola tem grande importância na formação humana, por isso é necessário que o professor se desenvolva, nos aspectos cognitivos e afetivos, a fim de contribuir positivamente na relação com os educandos. Considerando Jung (1988, p. 50), "[...] a verdadeira finalidade da escola, o mais importante não é abarrotar de conhecimento a cabeça das crianças, mas sim contribuir para que elas possam tornar-se adultas de verdade [...] conscientes de si mesmo".

A cultura literária é defendida por muitos estudiosos como um fator primordial na formação humana, pois auxilia no desenvolvimento cognitivo e afetivo, considerando que o conhecimento ajuda a construir uma análise crítica, com maiores subsídios para sustentar ideias e pontos de vista. Destarte, é um processo contínuo "formar leitores autônomos e críticos, exige o desenvolvimento de diferentes habilidades ao longo dos anos" (QUEIROZ; MACIEL, 2014, p. 26).

2.2.2 Contação de histórias e o desenvolvimento de adultos

O efeito da contação de histórias para os adultos ainda é pouco estudado, principalmente com relação ao desenvolvimento do contador. Entretanto, os estudos encontrados relatam os efeitos positivos dessas narrativas com diferentes públicos e contextos sociais (ABATE; STOLTZ, 2020; COSTA, 2016; RIBEIRO, 2013; MENEGHEL; IÑGUEZ, 2007; BRANDÃO, 2006).

É observado que essas rodas de contação de histórias têm o objetivo de promover autoconhecimento e ampliação de recursos subjetivos para auxiliar na trajetória de vida dos contadores e dos ouvintes, possibilitando pensar a própria essência por meio de um novo olhar.

Na literatura, encontramos autores que pesquisaram o desenvolvimento do contador de histórias voluntário. Abate e Stoltz (2020) relatam, em pesquisa qualitativa exploratória com 30 contadores de histórias, como a prática da contação de histórias se relaciona ao desenvolvimento cognitivo e afetivo de adultos. As autoras afirmam que esse desenvolvimento está atrelado às "questões relacionadas à afetividade, que contribuiriam para modificar a maneira de pensar e atuar na vida" (p. 15). Comentam que os contadores percebem um constante desenvolvimento subjetivo que atribuem à prática da contação de histórias, incluindo "mudanças na forma de agir, de se comportar e de ver o mundo, aproximando-se mais do 'ser' humano e das suas fragilidades" (ABATE, STOLTZ, 2020, p.15).

Há autores que descrevem que para um envelhecimento ativo, a contação de histórias pode ser uma técnica de cuidado inovadora, um recurso pertinente e efetivo à educação em saúde. Realizou-se a capacitação de oito idosas como contadoras de histórias populares com a intenção de valorizar a cultura do imaginário da população de Amazonas, local em que a pesquisa foi desenvolvida. Tal prática se mostrou positiva, com mudança na qualidade de vida das idosas. Na perspectiva das autoras, “Exercitar a própria mente ou memória constitui-se em importante aprendizado, ocorre o ‘aprender a aprender’, e isso é essencial, pois com ele, é possível que as pessoas adquiram competências para se desenvolverem em suas vidas” (COSTA, et al., 2016, p.1137).

Ribeiro (2013) relata em sua dissertação, apresentada em Portugal, como se estrutura o perfil de contadores de histórias e narradores profissionais. Trata sobre a formação da pessoa como contadora de histórias, reconhecendo a importância da formação prática e o desenvolvimento do ser humano nesse processo. A autora faz um amplo estudo e análise sobre a contação, o contador e o conto, esclarecendo conceitos sobre o tema em língua portuguesa e inglesa. Tem maior foco na análise do perfil do contador de histórias profissional, sua formação e trajetória. A autora também afirma que a contação de histórias envolve o prazer com a possibilidade da aquisição de aprendizagens significativas como: “a criatividade, a sensibilidade, a emoção, a ação, a inclusão e a flexibilidade, no sentido em que se adaptam a todas as idades, necessidades e níveis de desenvolvimento” (RIBEIRO, 2013, p. 16). Relata ainda que “A experiência de vivenciar um conto, que implica todo o treino, a prática, o envolvimento da corporeidade e teatralidade e respectiva sintonia com a voz, tornam-se subitamente algo influente e motivante tanto na vida do contador quanto na do ouvinte” (RIBEIRO, 2013, p. 80).

Em estudo sobre narrativas intergeracionais, Brandão et al. (2006) descreve o valor das histórias na infância, fazendo do adulto idoso o interlocutor, sustentando que o contar histórias é uma atividade relevante nesse momento da vida. O artigo enfatiza a importância da disseminação de programas que valorizem e promovam a capacidade dos idosos de contar histórias para crianças, destacam o desenvolvimento psicológico e linguístico, bem como a ampliação das relações de convívio nessas duas fases do desenvolvimento humano. Brandão et al. (2006, p. 100) argumenta que “o campo da Gerontologia Narrativa é uma área emergente nos estudos sobre envelhecimento, [...] o envelhecimento é um processo biográfico, envolvendo o contar e o recontar contínuos da experiência vivida”.

Em trabalho realizado com grupo de mulheres sob o olhar da psicologia social, tendo como foco de discussão as questões de gênero, raça e classe social, Meneghel e Iñiguez (2007, p. 1816) defendem que “[...] o contador de histórias é como o interlocutor que ajuda o narrador a reconstruir sua história, retomando experiências das quais foi espoliado, construindo uma identidade e uma memória coletiva”. Argumentam que as narrativas orais ainda são pouco usadas para trabalhar com grupos em risco e vulnerabilidade social, principalmente com mulheres em situação de violência, surgindo como recurso importante nas intervenções na área da saúde. Observam que na pesquisa, “as histórias foram analisadas como possíveis estratégias para enfrentar as desigualdades de gênero, mostrando-se uma ferramenta analítica poderosa para avaliar ações de saúde coletiva” (MENEGHEL; IÑIGUEZ, 2007, p.1822).

As histórias favorecem o desenvolvimento do mundo interior, possibilitando entrar em contato com experiências e sentimentos vividos com a perspectiva de um novo olhar e compreensão dos fatos, uma vez que os contos carregam grande riqueza da humanidade. Steiner (2002) corrobora que “As fontes da alma humana das quais jorra a verdadeira poesia dos contos de fadas, que falam para nós como algo mágico, originário de todos os séculos do desenvolvimento da humanidade, situam-se muito mais profundamente” (p.2).

Em artigo publicado na área da ciência da informação e biblioteconomia, BRITO, et al. (2014) relata a importância da discussão sobre formação de leitores e de mediadores de leitura. As ideias desse trabalho teórico estão fundamentadas na necessidade e importância da ação das universidades e suas bibliotecas no fomento da leitura como um ato prazeroso e essencial àqueles que vivem na sociedade da informação e do conhecimento.

A contação de histórias pode criar novas trajetórias de aproximação da literatura e provocar no adulto o prazer de ouvir e contar histórias, podendo favorecer a construção de trocas coletivas. O interesse por conhecer novas culturas através da literatura pode ajudar contadores e ouvintes a perceber diferentes oportunidades e possibilidades de lidar com as questões que a vida apresenta. Assim, “o que se expressa nos contos de fadas está enraizado tão profundamente na alma que a pessoa o vivencia, seja ela uma criança na primeira fase da infância, um adulto de meia idade ou uma pessoa idosa” (STEINER, 2002, p. 3).

2.2.3 Contação de histórias e o desenvolvimento de professores

Poucos são os estudos com relação à contação de histórias e o desenvolvimento de professores. Entre artigos, teses e dissertações, encontraram-se estudos interessantes com maior foco na preparação de novos contadores (KERRY-MORAN, 2015; SANTOS, 2013; CHESINI; CRESTANI; SOUZA, 2012). A contação de histórias também é utilizada como metodologia de ensino e aprendizagem (BARBOSA, 2017; KIRCHOF; SILVEIRA, 2009). Outro estudo relata a importância de a literatura auxiliar o trabalho e a formação de professores (HENRIQUES, 2012). Há autores que argumentam que o acesso à literatura é um recurso fundamental na formação humana (SILVA; SOUZA, 2017; RODRIGUES, 2015; LOURENÇO, 2014; PINHEIRO; RAMOS, 2013).

A preparação do professor como contador de histórias é vista por muitos estudiosos como a base para um bom trabalho em sala de aula. Partem da preparação da expressão verbal, corpo e planejamento, tendo como foco principal a instrumentalização para a prática, visando o ouvinte.

Kerry-Moran (2015) trata em seu artigo *Improving Preservice Teachers' Expression in Read-Alouds*, sobre a questão da leitura em voz alta pelo professor. A pesquisadora trabalhou com duas professoras que se preparavam com leitura em voz alta e relata a importância da formação de professores da educação infantil para essa prática, utilizando métodos para implementar a qualidade expressiva do professor. Sugere que as estratégias para o sucesso da leitura devem levar em consideração a clareza na verbalização das palavras, alterações no tom da voz, ritmo e pausa, contato visual com os ouvintes, preparação da leitura e uma boa escolha da literatura a ser ofertada aos alunos, só assim o professor se sentirá seguro e aproveitará esse momento de forma prazerosa. Relata ainda que professores bem preparados e que se relacionam de forma positiva com o texto e a leitura conseguem passar ao ouvinte as emoções que a literatura pode conter, contribuindo para o desenvolvimento de novos leitores.

Ao término da graduação, muitos professores entendem que já estão preparados para desempenhar as suas funções de educador, mas muitas vezes não se dão conta de que adquiriram uma grande quantidade de conhecimento que se aplicados erradamente não atenderão às necessidades e nem conseguirão atingir os seus objetivos com os educandos. Para Jung (1980), psicólogo e teórico da psicologia analítica, “Todo o nosso problema educacional tem orientação falha: vê apenas a criança que deve ser educada, e deixa de considerar a carência de educação no educador adulto” (p.149).

Na tese apresentada na UFB, Santos (2013) pesquisou sobre a constituição do professor-contador de histórias. Trabalhou com alunos de pedagogia em uma disciplina que contemplava a formação de contadores de histórias. A partir das experiências vividas pelos alunos, defende a ideia de que é por meio da rememoração das suas histórias de vida, da memória afetiva das histórias ouvidas de outros contadores que o contador se constitui se assim desejar. É a partir da vontade de se tornar um contador aliado às experiências de contar e recontar que é possível se formar na arte da narrativa.

O desenvolvimento intelectual e prático faz-se necessário ao longo da trajetória profissional, sendo fundamental também dar importância ao desenvolvimento pessoal e afetivo que farão a diferença na relação professor/ aluno/ escola/ sociedade. Para Steiner (2005), cabe ao professor “Além de ter a consciência de tudo o que está realmente acontecendo e de tudo o que ele próprio faz, o educador deve trabalhar constantemente em si próprio” (p. 87).

Chesini, Crestani e Souza (2012) são profissionais da fonoaudiologia e desenvolveram estudo com duas professoras de educação infantil. Uma foi preparada, na teoria e prática, para contar histórias para as crianças e a outra participou como grupo controle não recebendo nenhum tipo de orientação. A melhoria na narratividade da professora que foi instrumentalizada refletiu diretamente na evolução das habilidades narrativas das crianças, bem como na capacidade de atenção e concentração durante a hora do conto. Concluiu-se que a “Experiência de Aprendizagem Mediada (EAM), os princípios interacionistas sobre a aquisição da linguagem trabalhados com a professora e o desenvolvimento narrativo foram efetivos na experiência formativa” (CHESINI; CRESTANI; SOUZA, 2012, p. 10). Desse modo, sinalizam que a formação de professores deve ser realizada por profissionais qualificados que trabalhem com as necessidades do professor, aprimorando ainda mais o seu fazer pedagógico.

É significativa a importância do professor mediador nas histórias contadas nos livros, pois ele traz para a relação com o aluno aspectos afetivos que dão vida e encanto à narrativa, viabilizando o caminho do ouvinte por diferentes tempos e espaços. Jung nos diz que “É muito importante que o professor esteja consciente desse seu papel. Sua tarefa não consiste apenas em meter na cabeça das crianças certa quantidade de ensinamentos, mas também em influir sobre as crianças, em favor de sua personalidade total” (JUNG, 1988, p. 49).

A contação de histórias é pensada por alguns autores como metodologia de ensino aprendizagem, na qual o conteúdo didático pode ser melhor compreendido pelos alunos, sendo, na visão destes teóricos, um conhecimento essencial na rotina do fazer pedagógico.

Barbosa (2017) relata em sua dissertação a importância da formação de professores em contação de histórias tanto no aspecto teórico quanto prático e defende a possibilidade de usar metodologicamente esse conhecimento, sendo um desafio para o processo de ensino-aprendizagem. Entrevistou e observou 4 professores que utilizam a contação de histórias na prática diária da sala de aula para transmitir os conteúdos das suas disciplinas. Identificou que a formação em contação de histórias para professores ainda é informal e mais prática do que teórica, sendo um conhecimento que os próprios professores buscam, e não uma preocupação na sua formação básica. Relata também a visão dos professores sobre essa prática em sala de aula, os resultados positivos encontrados no processo de ensino aprendizagem, bem como as relações afetivas que podem permear a aprendizagem.

Kirchof e Silveira (2009) analisaram o estudo de 140 relatos e observação de contação de histórias realizadas por professoras em escolas públicas e particulares de educação infantil e anos iniciais na região Sul do Brasil. Identificaram que a hora do conto tem uma forte tendência de pedagogização, principalmente em função da escolha das histórias que trazem conteúdos para civilizar e formar um tipo específico de sujeito; a critério da professora são enfatizados alguns aspectos que ela julga relevantes; o conto escolhido tem relação com projetos que estão em andamento ou retratam problemas que estão ocorrendo com a turma; são aplicadas atividades de enriquecimento para registrar o momento. Em contrapartida, também foram encontradas professoras que possuem um discurso mais contemporâneo, reconhecem a literatura infantil como arte, afirmam que a escolha das histórias tem o objetivo de desenvolver o gosto pela leitura ou de trabalhar as emoções da criança, não tendo compromisso com valores morais ou pedagógicos. Concluem que a literatura ainda não é vista como um produto estético por muitos professores que trabalham com a contação de histórias e que falta um melhor preparo para eles.

A contribuição da leitura literária é um aspecto fundamental para a formação humana, relatam alguns autores. É preciso ser também um admirador da literatura para poder transmitir esse encanto aos ouvintes, é o que diz Steiner (2005, p. 27) “o homem formula pensamentos; põe em ordem as sensações recebidas, compreende o mundo,

constrói o universo interno de representações mentais, de pensamentos e de ideias”, envolvendo o público com um saber vivido e afetivamente internalizado.

Silva e Souza (2017) retratam um estudo de observação da *performance* de uma professora com seus alunos na hora do conto, valem-se das experiências da professora na hora do conto para explicar o quanto a *performance* do contador de histórias faz a diferença para atrair a atenção dos ouvintes. Argumentam que para encantar os “contadores emprestam sua voz, seu corpo e até mesmo seus afetos às narrativas, tornando as situações propostas pela trama significativas a quem a escuta, fazendo seus ouvintes enxergarem nas entrelinhas” (SILVA; SOUZA, 2017, p. 30). Nesse sentido, relatam a importância da preparação do professor contador de histórias quanto ao planejamento, à identificação com o texto e à utilização de técnicas para que a história tenha o efeito desejado, ou seja, a *performance* se torna marcante, quando esses quesitos são atendidos.

Rodrigues (2015) compartilha um relato de experiência, envolvendo a leitura, a contação de histórias e a formação de novos contadores de histórias dentre os professores da Rede Estadual de Ensino de Goiás. Conta que foram formados entre 2007 e 2012 um total de 585 contadores de histórias num projeto da universidade, com o apoio de grupos de contadores de histórias da região. O projeto compartilha conhecimentos técnicos e teóricos da arte da contação de histórias com os professores das escolas públicas da região. A pesquisadora fundamenta-se na teoria de Wallon, filósofo, médico e psicólogo, quando relata que “o grande desafio experienciado pelo contador de histórias é conseguir manter o equilíbrio entre a razão e emoção, no momento da apresentação para o público” (p. 65). Nesse sentido, a afetividade e a inteligência caminham juntas na formação e preparação do professor contador de histórias, relata a autora.

Lourenço (2014) enfatiza em seus estudos teóricos que “o *encantamento* por meio da contação de história seria a razão para continuarmos a contar e a ouvir histórias, perpetuando esse ato por gerações” (p. 28). Os argumentos da pesquisadora estão fundamentados nas ideias de Foucault, filósofo e teórico social, quando argumenta que para o contador encantar os ouvintes é preciso que ele mesmo esteja encantado em seu fazer, identificando-se com a própria arte de viver e retratando o encantamento como uma experiência estética. Relata sobre o Programa Nacional da Biblioteca na Escola (PNBE), desenvolvido nas escolas públicas em 2014, o qual tinha a proposta de formar espaços de leitura nas escolas dos quais o professor possa se apropriar. Frisa a importância de o contador de histórias ‘auto-educar-se’ no sentido de que para ocupar a posição de incentivar à leitura, “o sujeito deve fazer parte do universo da leitura, ocupando o papel

ora de mediador, ora de próprio leitor” (LOURENÇO, 2014, p. 29-30). Completa ainda que a contação de histórias pode favorecer as relações sociais, ser a propagadora de conhecimento para gerações futuras com a possibilidade de transformação social, mas, para tanto, é importante que os contadores despertem em si a sensibilidade ao transmitir a história para assim disseminar o conhecimento.

A literatura contempla aspectos importantes da contação de histórias junto ao processo de preparação do professor, tendo foco na sua preparação prática com o objetivo de repercutir no seu fazer pedagógico. Não foram encontrados estudos que explorassem a autoconsciência do professor, de seu fazer e de seu eu enquanto ser humano, sendo estas as razões pelas quais se instiga o interesse pela investigação e realização desta pesquisa. Assim, encontramos uma lacuna importante nesse processo, no sentido de que os poucos estudos encontrados com o tema proposto não contemplam a temática de compreender como professores significam o seu autodesenvolvimento afetivo, cognitivo e social a partir da prática da contação de histórias.

A arte de contar e ouvir história preconiza por meio da oralidade pensamentos e sentimentos de diferentes povos e culturas, sendo a grande riqueza da sabedoria humana. A contação de histórias aproxima o professor contador do aluno, sendo que o primeiro tem a possibilidade de apreender na relação que se estabelece a compreensão do como a narrativa está sendo experimentada por cada ouvinte, já que as situações do conto podem ser vividas pela imaginação por meio da criação de imagens individuais, considerando as vivências pessoais. Steiner (2009), aborda a importância de o professor vivenciar o conteúdo que será exposto ao aluno, assim como fazer com que o aluno também vivencie esse aprendizado, de modo que faça diferença na vida de ambos.

O que nós precisamos é lecionar de modo que o nosso ensino seja algo vivo, e isso quer dizer: que nós não nos limitemos a cuidar de que a criança assimile certas concepções, certas sensações, certas habilidades, mas cuidemos de que ela leve para dentro desta vida algo que é vivo e que está em acordo com a sua constituição e com o desenvolvimento dessa constituição. (STEINER, 2009, p. 12).

É, portanto, importante que o professor consiga perceber o seu autodesenvolvimento e a necessidade de seus educandos para conseguir transmiti-los aquilo que precisam, tornando a educação um processo também de autoeducação para os alunos à medida que estes possam se apropriar do conhecimento e utilizá-lo em suas vidas. Nessa perspectiva, Jung nos diz que:

O educador não pode contentar-se em ser o portador da cultura apenas de modo passivo, mas deve também desenvolver ativamente a cultura, e isso por meio da educação de si próprio. Sua cultura não deve jamais estacionar, pois de outro modo começará a corrigir nas crianças os defeitos que não corrigiu em si mesmo. (JUNG, 1988, p. 52).

É significativo, então, que o professor contador de histórias amplie seu conhecimento literário, adquira repertório que atenda o público ao qual conta, e tenha interesse por leituras de cunho pessoal numa perspectiva de autoeducação. Assim, terá a oportunidade de melhor compreender e lidar com as situações da vida, visto que, “só o homem tem consciência de si próprio - a autoconsciência, que lhe permite ter plena noção de si mesmo frente ao mundo” (STEINER, 2005, p. 26). Com um repertório mais rico, o professor, além de se desenvolver enquanto indivíduo, terá a possibilidade de propiciar aos educandos uma literatura diversificada. Dessa maneira, poderá motivá-los a adentrar no universo da leitura a fim de se desenvolverem, entretanto, “o professor deve respeitar o eu de seus alunos, que se vai afirmando cada vez mais, e ao mesmo tempo procurar corresponder ao seu idealismo ainda meio inconsciente” (STEINER, 2005, p. 83). Isto posto, a formação do professor deve ser continuada com a intenção de se desenvolver gradativamente, um processo de autoeducação, para assim contribuir na formação de seus educandos.

2.3 O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA EM RUDOLF STEINER E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

2.3.1 O conhecimento, o pensar e a consciência

A concepção filosófica que envolve o trabalho desenvolvido por Rudolf Steiner tem a preocupação de retomar os conteúdos primordiais da vida humana, orientados pela gênese metodológica da ciência contemporânea (VEIGA, 1994). Dos estudos de Steiner, produzidos no período de 1886 a 1925, surgiu a cosmovisão denominada por ele de Antroposofia¹. Sua teoria buscou explicar de forma subjetiva as questões filosóficas da vida humana, bem como o modo de observar e entender o homem e o mundo, tentando implementar a cientificidade nesse processo. Essa perspectiva teórica engloba tanto os

¹ É uma ciência espiritual desenvolvida pelo filósofo austríaco Rudolf Steiner (1861-1925), inicialmente denominada de Noologia. Preconiza uma forma livre e responsável de pensar, de perceber a realidade e de atuar, observando e respeitando o ser humano e a realidade na qual está inserido. (VEIGA, 1994).

aspectos do mundo físico, observados pelo ser humano comum em seu cotidiano, quanto os aspectos mentais e psíquicos que estão num nível de consciência superior (experiência simbólica) e que permitem a observação de outras realidades que estão além da materialidade (Romanelli, 2015).

Em sua principal obra, a *Filosofia da liberdade* (2000, p. 2), Steiner faz uma análise criteriosa das filosofias do conhecimento desenvolvidas em seu tempo, tendo como motivação, a priori, duas questões relacionadas à existência humana: “o homem é em seu pensar e em seu agir um ser livre ou está fadado a um determinismo da vontade”?

Na perspectiva de Steiner (2000), o entendimento de liberdade está relacionado à ideia de consciência e ainda, mais especificamente, ao modo como atuamos no mundo, ou seja, como se dá a tomada de decisão. Se atuarmos de forma a seguir padrões de comportamento sem que tenhamos um pensar acerca do que estamos recebendo, mesmo tendo resultados positivos nas ações, de maneira ingênua, estaremos somente seguindo o fluxo de modo inconsciente e o sentimento de liberdade não passará de uma ilusão subjetiva. Nesse sentido, a possibilidade de alguma liberdade perpassa pela ideia do querer, partindo do pressuposto que haja consciência no que motivou a ação, bem como da ação em si, vivida amplamente. Dessa forma, entendemos que a consciência passa pelo pensar, tendo ele uma participação essencial no processo decisório.

Steiner apresentou em sua obra *Verdade e Ciência* (1985) a preocupação em desenvolver uma teoria do conhecimento que partisse da tentativa de ampliar e visualizar as partes do processo do pensar desde o início e a possibilidade de acompanhar gradativamente o seu avanço. Nessa perspectiva, sua teoria do conhecimento parte da imagem do mundo imediatamente dado antes mesmo que o pensar o possa explorar, momento em que a observação deve acontecer de forma genuína e isenta de ideias preconcebidas.

Esse corte é feito de forma hipotética, valendo-se da observação do que é dado em sua forma primeira sem que haja interferência da cognição e, após a ação do pensar, a fim de avaliar os resultados desse processo. Não há uma fronteira demarcada objetivamente entre a percepção pura imediatamente dada e o conhecimento obtido por meio do pensar sobre a observação do dado, sendo uma divisão didática para a compreensão desse processo (Steiner, 1985, p. 13). Muitas são as experiências vividas pelo ser humano e que podem fazer parte desse conteúdo dado pelo mundo, Steiner nos revela aquelas que elegeu:

Nesse conteúdo imediatamente dado do mundo inclui-se tudo que, no sentido mais lato, possa surgir dentro do horizonte das nossas vivências: sensações, percepções, sentimentos, atos de vontade, visões de sonhos e de fantasia, representações, conceitos e ideias. Também as ilusões e alucinações estão num pé de igualdade com as demais partes do conteúdo do mundo, pois só a contemplação cognitiva nos dirá qual a sua relação com as outras percepções. (STEINER, 1985, p. 14).

Os conceitos e ideias fazem parte do que nos é dado, mas também são os responsáveis por nos orientar para irmos além da observação inicial e chegarmos à essência do ato cognitivo, pois é o pensar que organiza o que nos é dado e possibilita a compreensão da sua totalidade. Assim, Steiner (1985) completa dizendo que:

É na contemplação pensante do mundo que se realiza, de fato, a reunião das duas partes do seu conteúdo: daquela que avistamos como dada, no horizonte das nossas vivências; e daquela que, para igualmente ser dada tem de ser produzida no ato cognitivo. O ato cognitivo é a síntese desses dois elementos [...] O pensar é, portanto, realmente o ato pelo qual é proporcionada a cognição. Só quando o pensar ordena, por iniciativa própria, o conteúdo da imagem do mundo é que pode efetivar-se a cognição. O pensar é uma atividade que produz seu próprio conteúdo no momento da cognição. (p.16).

Nessa perspectiva, é o conhecimento que nos orienta desde o princípio, por isso o pensar é imprescindível nas decisões, uma vez que sem ele estaríamos subordinados a elas, o que nos iludiria a uma falsa liberdade. Steiner (2000, p. 6-7) nos revela que o importante não é a decisão em si, mas sim a observação do processo pelo qual a decisão se constrói, o pensar sobre o pensar, uma vez que a motivação que se torna consciente está entre o eu e a ação. O teórico ainda complementa que:

Se tudo nos fosse apenas dado, nunca passaríamos do estado em que fitamos o mundo de fora e, de forma análoga, o mundo interior de nossa individualidade. Poderíamos, nesse caso, apenas descrever as coisas de fora, mas nunca compreendê-las. Nossos conceitos teriam apenas uma relação exterior com aquilo a que se referem, mas nenhuma interior. Para que possa haver verdadeiro conhecimento, tudo depende da possibilidade de encontrarmos em qualquer parte do mundo dado uma região em que a nossa atividade não apenas pressuponha algo dado, mas seja ativa em meio a ele. (STEINER, 1985, p. 14).

Considerando as ideias de Goethe, Steiner (2000) relata que o ser humano vive uma constante insatisfação, aspecto que o faz ir em busca do conhecimento, pois necessita investigar e explicar os fatos objetivamente, uma vez que para a consciência a observação do fenômeno não lhe é suficiente. É a consciência da diferença que há entre o eu e o mundo que nos faz um ser único, todavia conservamos o sentimento de pertencimento ao todo, um elo de ligação que nos mantém integrados ao universo. Para Steiner (2000, p.

8), o desenvolvimento cultural, representado pela religião, arte e ciência, surge numa tentativa de compreender e manter a partir de suas especificidades a unidade entre o eu e o mundo. A religião busca a conciliação a partir das revelações de Deus; a arte tenta reunir de forma concreta o que apreende do eu interior e o que percebe do mundo externo e a ciência se ocupa do pensar acerca dos fenômenos observados e experimentados (STEINER, 2000, p. 9). Seguindo essa premissa, Steiner relata que o homem “somente quando consegue fazer do conteúdo do mundo o conteúdo do seu próprio pensar reencontra a unidade da qual ele mesmo se desligou” (2000, p. 9).

Esse conteúdo também está relacionado historicamente à oposição entre o monismo, concepção unicista do mundo que nega os opostos, e o dualismo, teoria que divide o eu e o mundo, tendo como causa a consciência (STEINER, 2000, p. 9). No dualismo, busca-se conciliar os opostos visando uma conexão entre eles, mas em vão, porque entende o homem como espírito (eu) e o mundo como matéria. O monismo tenta se firmar de três formas: materialismo puro; espiritualismo puro; matéria e espírito unidos, uma vez que não conseguem existir isoladamente. O materialismo explica os fenômenos por meio da formação de pensamentos, mas atribui o pensar aos processos materiais (efeitos mecânicos e orgânicos) e não a si mesmo. O espiritualismo “considera o espírito como única e exclusiva realidade” (STEINER, 2000, p. 9), não leva em conta a autonomia do mundo material. O terceiro considera, desde o organismo mais simples (átomo), uma unidade inseparável de matéria e espírito, ainda que esse seja em sua essência uno. Em verdade, essa divisão surge como já mencionado, a partir da própria consciência, pois apesar de nos sentirmos separados, temos em nossa essência algo que nos liga a esse todo. Steiner (2000) acredita que “A investigação do nosso próprio ser nos deve fornecer a solução do enigma. Temos de chegar a um ponto onde podemos constatar: aqui não sou mais apenas ‘eu’, aqui existe algo que transcende o eu” (p. 10). Para melhor compreendermos a posição da cognição na experiência da consciência e da noção de eu, Steiner relata que:

[...] tanto a consciência como a noção de ‘eu’ são, de início, apenas partes do que nos é dado imediatamente, e só resultará da cognição a relação que possa existir entre esta e aquela. Não desejamos determinar a cognição partindo da consciência, mas vice-versa: definir a consciência e a relação entre subjetividade e objetividade, partindo da cognição. (STEINER, 1985, p. 14).

O pensar tem por objetivo formar conceitos a partir da observação, uma vez que o conteúdo observado existe sem que haja a necessidade da presença humana, mas o

processo conceitual só ocorre a partir dessa presença e ação. A observação em si nada revela sobre as possíveis conexões com outros processos e objetos, “essa conexão só se mostra quando o pensar se junta à observação [...] são os dois pontos de partida de toda busca cognitiva consciente do ser humano” (STEINER, 2000, p. 12). O acesso ao objeto que compreende nossas vivências só é possível por meio da observação e, a partir dela, elabora-se o conceito.

Já o sentir se diferencia do pensar, na medida em que “para a observação, o sentimento é algo dado, assim como o processo que o evoca [...] ao perceber o sentimento despertado em mim por um determinado processo, entendo algo sobre o meu mundo interior”, esse está relacionado diretamente ao indivíduo (STEINER, 2000, p. 13). No que diz respeito à observação, não podemos comparar o sentir ao pensar, uma vez que o sentir está relacionado à pessoa que sente, enquanto o pensar está ligado ao objeto observado, pois “o ser pensante esquece de pensar enquanto pensa. Não é o pensar que o interessa, mas sim o objeto que está observando” (STEINER, 2000, p. 13).

O pensar está em função do objeto observado, ele não consegue pensar sobre o próprio pensar durante o processo de observação, para isso teria que se dividir entre aquele que pensa sobre o que observa e aquele que pensa sobre o pensar do que observa, como isso não é possível, o pensar sobre o pensar só ocorre em um momento distinto daquele da observação. Em outras palavras, referente ao nosso pensar, diz Steiner (2000, p. 13), “Se queremos observá-lo, ele primeiro tem de existir”. O pensar sobre o pensar é um estado de exceção, pois traz à consciência as observações e faz relações entre elas, é uma observação da própria atividade do pensar. Nessa perspectiva, Steiner (2000) argumenta que:

Para qualquer pessoa que possui a faculdade de observar o pensar — e com boa vontade cada homem normalmente organizado a possui —, essa é a observação mais importante que ela pode fazer, pois observa algo que ela mesma engendra; não se vê diante de um objeto que lhe é estranho, mas sim diante de sua própria atividade. Sabe, portanto, como acontece o que observa. Discerne com clareza as relações e as conexões. Encontrou-se, assim, um firme ponto de apoio no qual se pode basear a compreensão e a explicação das outras coisas. (p. 14).

Entendemos que para Steiner, a compreensão do mundo parte do pensar. Uma vez que este se fundamenta em si mesmo, primeiro os pensamentos são produzidos para depois chegar à compreensão deles por meio da observação do próprio pensar (STEINER, 2000, p. 15). Para tanto, é necessário que haja um ser pensante (eu) que está entre o pensar

e a observação e este precisa estar imbuído do querer, uma vez que o “verdadeiro pensar sempre é um ato de vontade [...] apenas no pensar o ‘eu’ está inteiramente unido em sua atividade com o conteúdo por ele produzido”, sendo um processo inteiramente consciente (STEINER, 2000, p. 17). Nesse sentido, o interesse por compreender como a consciência se expressa parte da relação que há entre a experiência e o conceito elaborado pelo pensar.

2.3.2 A percepção, o conceito e a consciência

Como vimos anteriormente, a teoria do conhecimento defendida por Steiner (2000), valoriza o processo, o caminho percorrido para se chegar à consciência, e, para isso, distingue a percepção, ligada à experiência, e a ideia, ligada ao pensar, e o quanto ambas contribuem para a totalidade do conhecimento.

Steiner utiliza o termo percepção para denominar os conteúdos adquiridos pelo indivíduo consciente por meio da observação, ou seja, a proposta não está relacionada ao processo de observação, mas ao objeto que surge dela (STEINER, 2000, p. 19). A percepção pode ser do mundo externo (objeto) ou do mundo interno (autopercepção), ambas podem acontecer concomitantemente. Nesse sentido, Steiner (2000) afirma que é possível ter “consciência do objeto, mas também da minha pessoa, que está diante do objeto e o observa” (p. 20). O autor considera que, a partir da observação do objeto, algo muda na mente do observador e permanecem resíduos dessa imagem no sujeito, mesmo quando o objeto desaparece, enriquecendo-o com um novo elemento que Steiner chamou de representação. O teórico entende que há um ‘eu’ por trás da representação e diz:

Só pelo fato de eu perceber meu sujeito e me dar conta de que a cada percepção o seu conteúdo também se modifica, vejo-me obrigado a relacionar a observação do objeto a uma modificação do meu próprio estado subjetivo e falar de minha representação. (STEINER, 2000. p. 21).

Assim, a percepção não se mostra pronta e acabada, sofre modificações variadas a partir do conceito elaborado pelo pensar, visto que o ser humano busca compreender intelectualmente tudo o que observa no mundo externo, relacionando os fatos vividos de forma ordenada. Em função dessa organização individual, realçamos certos acontecimentos e os observamos isoladamente, esse é um processo subjetivo e individual, uma vez que somos um ser único, mesmo que estejamos integrados à totalidade do mundo (STEINER, 2000, p. 28). A cognição é fruto dessa união entre a percepção e o conceito, tornando o objeto completo. Nas palavras de Steiner (2000),

O pensar recebe uma expressão individual em cada homem particular quando associado às sensações e aos sentimentos. Para o conteúdo desse conceito, pouco importa se é pensado por uma ou outra pessoa. Mas cada pessoa o pensará individualmente. A conciliação, ou seja, a união de ambas as partes, a interna e a externa, nos leva à *cognição*. (p. 28).

Da mesma forma que o pensar reflexivo percebe aspectos isolados do mundo externo, também há uma percepção do indivíduo sobre si mesmo em relação ao todo, favorecida pelo pensar introspectivo. A dualidade da existência humana está implícita, uma vez que sou uno com relação à autopercepção, mas capaz de me relacionar com o mundo por meio do pensar, porque este é universal, ou seja, cada ser humano carrega sua individualidade ao pensar sobre conceitos universais. Assim, quando se percebe algo, já se cria a dualidade sujeito-objeto, seja um fenômeno externo, seja interno (sensações e sentimentos). O pensar sobre o pensar permite observar esses processos sem estar identificado com eles, pois entende-se que a questão do pensar é algo universal, vem pela intuição, seria como perceber um conceito universal de forma direta, sem distorções. Nesse sentido, Steiner (2000) discorre que:

Diferente do conteúdo perceptual, que vem de fora, o conteúdo conceitual surge no interior do homem. A forma como se apresenta inicialmente queremos chamar de *intuição*. A intuição é para o pensar o que a *observação* é para a percepção. *Intuição e observação* são as fontes do conhecimento humano. (p. 29).

É o pensar intuitivo (individual) que reintegra os aspectos que antes foram isolados pela observação, considerando a visão subjetiva do observador, e produz um novo nexos e ordem conceitual para o objeto. Nesse sentido, “a relação entre o sujeito e o objeto da percepção é uma relação pensada, isto é, exprimível somente por conceitos” (STEINER, 2000, p. 30).

O caminho de reflexão filosófica traçado por Rudolf Steiner tenta mostrar que o pensar humano é mais do que aparenta ser à primeira vista. A racionalidade intelectual que somente dissecar e explora, constitui apenas sua superfície. A essência profunda do pensar é ordenadora e integradora. Seu poder ordenador e integrador mostra-se ao pensar interiormente vivenciado como atividade mental. Esse pensar intuitivo é um órgão que capta de modo ativo as ideias e conceitos, que são as forças formativas da natureza. (VEIGA in STEINER, 2000, p. 188).

A representação mental (STEINER, 2000, p. 31) é, portanto, um conceito novo e individualizado que surge a partir da percepção do objeto, e as mudanças ocorridas no indivíduo causam nele uma impressão sobre os seus sentimentos (sensação). Assim, “a

representação nada mais é senão uma intuição relacionada a uma determinada percepção, ou seja, um conceito, que já esteve ligado a uma percepção e que depois conservou tal relação” (STEINER, 2000, p. 33). Para transmitir uma representação viva a outro indivíduo, é necessário recorrer à percepção dele, por ser um processo individual, impossível de ser transmitido de forma genuína. A experiência surge da somatória de conceitos individualizados (sentimentos) resultantes da representação mental, em outras palavras, é a combinação da intuição conceitual com uma percepção concreta e viva da representação que enriquece a experiência de cada indivíduo. Dessa forma, por meio do pensar, interagimos com o universo e mediante ao sentimento nos conectamos com o “eu” interior, nos tornando um ser individual. Por essa razão, o que chega à consciência não são as associações desenvolvidas pelo pensar, mas as sensações que permanecem a partir das imagens captadas do objeto (STEINER, 2000, p. 22). O autor ainda argumenta que:

Cada pessoa relaciona sentimentos, diferentes em qualidade e intensidade, com as suas percepções. O desenvolvimento da vida cognitiva ocorrerá no homem em busca da personalidade equilibrada, juntamente com a formação e o desenvolvimento da vida dos sentimentos. O sentimento é o meio pelo qual o conceito obtém inicialmente *vida* concreta. (STEINER, 2000, p. 34).

Nesse sentido, a possibilidade da unificação das imagens e conceitos acontece a partir da percepção que o “eu” tem das coisas e de si mesmo nesse processo. É o “eu” que ordena os conceitos com base no próprio “juízo”, considerando o quanto o conteúdo observado se relaciona com a sua subjetividade. Assim, é o “eu” que torna único o conceito, elabora e compreende o mundo de uma maneira individual (STEINER, 1996).

O pensar em Steiner é compreendido como ideias ativadas e reelaboradas constantemente pelo eu. Conceitos e ideias são colocados em movimento ampliando a intensidade, a amplitude e a complexidade de padrões conectivos. O pensar é atividade pura, não corresponde à mera repetição de pensamentos alheios, memorizados, habituais ou tradicionais. [...] O pensar observado é a atitude do sujeito que não se aliena de si próprio. (BACH; STOLTZ; VEIGA, 2013, p. 10).

Podemos dizer que a vida interior é mantida a partir das imagens conservadas na memória, estimulada pelas sucessivas percepções dos acontecimentos externos. Deste modo, “É a fluidez do pensar que correlaciona a infinidade de variações perceptivas de um objeto com o seu conceito” (BACH; STOLTZ; VEIGA, 2013, p. 9), mantendo em si a regularidade.

Neste ponto, surge a diferença entre o mundo externo, dos aspectos com os quais o ser pensante se relaciona, e o mundo interno, aspectos da autopercepção que contribuem para o processo de autoconsciência.

A consciência humana é o palco no qual conceito e observação se encontram e se associam, o que, aliás, constitui a sua característica básica. A consciência é, portanto, a mediadora entre pensar e observação. Enquanto o homem observa um objeto, este se lhe apresenta como dado; enquanto pensa, apercebe-se a si próprio como atuante. Considera o que está diante dele como *objeto* e a si próprio como *sujeito* pensante. Pelo fato de dirigir o seu pensar para a observação, ele tem consciência dos objetos; quando dirige o seu pensar para si mesmo, obtém consciência de si próprio, ou seja, *autoconsciência*. A consciência humana tem de ser forçosamente também autoconsciência, porque é consciência pensante. Ora, quando o pensar dirige a atenção para a sua própria atividade, ele tem a si mesmo, ou seja, seu sujeito, como objeto diante de si. (STEINER, 2000, p. 18).

As representações mentais estão entre a percepção e o conceito, mas não nos basta compreendê-las apenas por meio do pensar, precisamos colocar algo mais pessoal, relacionado ao prazer e ao desprazer, o sentimento. É o sentir que nos aproxima de nós mesmos, da nossa individualidade, e o sentir só fará sentido para o mundo caso eu o auto perceba e o incorpore aos conceitos elaborados (STEINER, 2000, p. 33). Dessa forma, a nossa percepção tem um pouco de nós, do nosso sentimento, e um pouco do pensar que elaboramos a partir da observação do mundo. Assim, entendemos que o pensar é uma manifestação universal diferente do sentimento e da sensação que são aspectos individuais.

As representações mentais são, portanto, formadas com base nas experiências pessoais e enriquecidas pelos conceitos elaborados pelo “eu”, contribuindo para a consciência.

Dependerá do sentimento de agrado ou desagrado em relação a uma determinada representação ou um conceito, se dela ou dele farei o motivo de meu querer ou não. Eis os elementos a serem levados em consideração para a compreensão dos atos de vontade: a representação ou o conceito que, em determinado momento, viram motivo e constituem a meta, a finalidade de meu agir, e a minha disposição caracterológica que me leva a dirigir a minha vontade para tal fim. (STEINER, 2000, p. 45).

Observamos que o pensar, o sentir e o querer caminham juntos em direção ao processo de autoconsciência e estão diretamente ligados à liberdade. Para Steiner (2000), a liberdade está relacionada à consciência da ação e, sobretudo, à consciência das causas que a movem (p. 7).

É preciso, portanto, construir representações mentais entre o mundo exterior e seus processos mentais para se chegar ao esclarecimento sobre a relação cognitiva entre o homem e mundo (STEINER, 2000, p, 31). O conhecimento é, pois, o ponto principal na concepção de liberdade, sendo a consciência “a mediadora entre o pensar e a observação. [...] O processo observado se desdobra independentemente de mim, e o processo conceitual não pode desenrolar-se sem minha participação” (STEINER, 2000, p. 18). Dessa forma, temos dois pontos que principiam a aquisição cognitiva consciente do ser humano, a observação e o pensar.

A conquista e o avanço dessa consciência não é algo simples e objetivo que conduz à desejada liberdade, uma vez que esta pode ser ilusória, caso haja um predomínio da razão sem uma participação efetiva do eu. Assim sendo, o mais relevante, como já exposto, é a maneira pela qual a decisão manifesta-se no íntimo do indivíduo e não a possibilidade de tomar ou não uma decisão, por isso, compreender a atividade pensante é imprescindível para entender o seu papel no agir humano e o torna único. Steiner (2000, p. 7) cita que quando “o nosso agir se eleva acima da satisfação das necessidades básicas, nossos motivos sempre estarão impregnados por pensamentos”, até mesmo os relacionados aos sentimentos.

Assim, a saída para o agir humano está imbuída da investigação da origem do pensar. Steiner (2000) relata que o pensar livre é uma qualidade da consciência que atingiu o nível intuitivo, entretanto, esta abrangência e profundidade da consciência e de sua relação com a realidade só é conquistada por um processo de autoeducação que vai além da racionalidade.

O pensar intuitivo é uma categoria dentro de um processo de observação fenomenológica do ser humano. A observação do pensar é o ponto de partida para o seu desenvolvimento que só pode ser realizado por autoeducação. [...] O fenômeno do pensar que compreende a si mesmo acontece na e pela consciência. Portanto, o pensar baseado em si mesmo e que se autoconhece não diz respeito à sensibilidade humana; ele é uma intuição da atividade mental consciente de si própria. (BACH, 2015, p. 132-134).

Na concepção de Steiner (2000), a consciência é algo profundo e complexo, só acontece quando compreendo que há possibilidades de escolha e esta é motivada pela vontade, só assim consigo decidir por mim mesmo e então tenho de fato a possibilidade de alguma liberdade. Essa liberdade depende de uma nova integração das partes com esse todo que carrego em mim, são as possibilidades de escolha pessoais que favorecem essa integração. Em outras palavras, para termos alguma liberdade é preciso acessar o material

não só da própria existência, mas também da humanidade (memória universal), visto que, é por meio dessa ampliação da consciência que nos religamos ao outro e o pensar sobre as ações exerce um olhar sobre si mesmo e sobre o sentido da vida. Destarte, a liberdade só é possível na medida em que o indivíduo tem consciência de quem é no mundo e para isso precisa dispor da sua vontade e ter a clareza de que tem possibilidades de escolha (consciência) para assim conseguir uma nova integração da sua individualidade com o mundo e ser em alguma medida a expressão de um indivíduo livre e autônomo. O que Steiner nos propôs é que podemos alcançar efetivamente liberdade em alguns aspectos e no modo com o qual nos relacionamos a algumas condições internas e externas, mas não há uma liberdade total.

2.3.3 Conhecimento cognitivo superior e consciência

Como vimos, na perspectiva antroposófica são considerados tanto os aspectos do mundo físico, já descritos anteriormente, quanto os aspectos mentais e psíquicos relacionados a uma consciência superior, que permite a observação de outras dimensões que estão além da materialidade. É importante compreendermos como se desenvolve esse processo cognitivo superior.

Considerando Steiner (1996), o primeiro grau cognitivo que adentramos está relacionado ao mundo sensório, ligado ao conhecimento da vida comum. Neste grau de conhecimento temos: o objeto que é percebido e causa um efeito sobre os sentimentos, essa impressão pode ser denominada sensação; a imagem que o indivíduo elabora a partir do objeto e que permanece mesmo depois que nos afastamos dele; o conceito que nos permite compreender o mundo por meio do pensar individual e o “eu” que, a partir da observação do objeto, forma a imagem e o conceito, conservando as imagens na memória (p. 20). Após a aquisição do conhecimento material que relaciona percepção e conceito por meio do pensar e está associado ao conhecimento elaborado pela ciência por meio de disciplina, organização e precisão, a Antroposofia nos propõe outras etapas do conhecimento, agora relacionadas ao conhecimento cognitivo superior e ao mundo suprasensível². Podemos dizer que, por meio do refinamento, desenvolvimento e cultivo das capacidades de vivenciar o mundo interno, vamos adquirindo maiores sutilezas que

² É o que transcende o âmbito da percepção física e psíquica comuns. Tal observação pressupõe, portanto, a ampliação da consciência que só conhece a manifestação do mundo físico. Nesse sentido pode-se falar também de uma realidade espiritual que se apresenta à observação suprasensível. (Veiga, 1994, p. 24).

nos introduzem em esferas superiores do conhecimento. É a consciência que pressupõe uma nova forma individual de cognição, implicando em outras possibilidades de consciência e em níveis mais elevados da atividade pensante.

O conhecimento cognitivo superior é considerado pela Antroposofia (STEINER, 1996) como um estado de consciência suprassensível. Os métodos cognitivos descritos nessa cosmovisão podem ser cultivados na vivência interna, sendo: imaginação, inspiração e intuição. Esse método defendido pela Antroposofia, diferencia-se dos métodos científicos tradicionais, uma vez que busca o conhecimento das potencialidades cognitivas inerentes ao ser humano.

O conhecimento imaginativo é o primeiro grau cognitivo superior. Neste, a reação à sensação despertada a partir do objeto não está mais ativa de forma descontrolada, assim a atenção permanece no objeto interno escolhido sem ser desviada por estímulos sensoriais, restando a imagem, o conceito e o eu. A sensação aqui é substituída pela imaginação, nessa etapa do conhecimento, porém, é necessário estar atento para não criar imagens fantasiosas, mas sim vívidas e verdadeiras, advindas agora da experiência interior e conquistadas com serenidade (STEINER, 1996, p. 22).

No mundo imaginativo tudo se manifesta ao homem como se possuísse uma inteligência imediata, ao passo que no mundo físico a inteligência só se pode revelar por intermédio da corporeidade física. O movimento e a liberdade do mundo imaginativo provêm da ausência do intermédio das coisas exteriores. (STEINER, 1996, p. 41).

A imaginação é construída no próprio pensamento, sendo considerada fruto de um estado de consciência suprassensível e movida pelos desejos e paixões, mas que com discernimento e à medida que o indivíduo conhece a si mesmo, percebe e diferencia o que se passa em seu íntimo e o que está relacionado aos objetos do mundo exterior (STEINER, 1996). Nesse caso, a “representação mental é, portanto, uma percepção subjetiva diferente da percepção objetiva dada na presença do objeto no horizonte da percepção” (STEINER, 2000, p. 31). No mundo imaginativo, há um constante processo de transformação de um acontecimento em outro, o surgimento e o desaparecimento das imagens são ininterruptos, mas o mais importante de todo esse processo é a vivência e não, especificamente, o conteúdo.

Diante das inúmeras transformações, o processo imaginativo não é capaz de interpretar as mudanças nem de se orientar nesse novo mundo, tornando-se necessária a evolução nesse estado de consciência superior. Eis aqui o segundo grau de conhecimento

superior, denominado por Steiner (1991, p 142) inspirativo ou volitivo. Neste ponto, a imaginação desaparece, agora “a inspiração fornece as impressões e o ‘eu’ forma os conceitos”. Esse é um grau mais elevado que vai além dos sentidos, algo inconsciente, mais próximo de uma “realidade espiritual fundamentada em si mesma” (STEINER, 2000, p. 25-43).

O conhecimento inspirativo é um trabalho interior que se utiliza das “mesmas representações mentais, dos mesmos sentimentos e sensações” (STEINER, 1996, p. 27) vividos na vida cotidiana, mas que agora não surgem do mundo exterior ou dos órgãos dos sentidos, e sim das vivências internas de cada indivíduo, uma manifestação dos mundos superiores. Aqui, as representações mentais surgem do sentimento e da vontade, que com o desenvolvimento interior favorecem a inspiração. É por meio do conhecimento inspirativo que se faz a leitura do que está oculto e do que se manifesta no mundo imaginativo, pois este é capaz de perceber a transformação de um processo em outro e é o primeiro que tem condição de captar as qualidades inerentes daquilo em que se transforma (STEINER, 1991).

A inspiração propicia a compreensão de graus mais elevados do conhecimento, no entanto é por meio do conhecimento intuitivo que se entende a essência das entidades do mundo superior. Esse terceiro grau de conhecimento superior, a intuição, possibilita que o “eu” esteja no interior dos acontecimentos e viva em todas as coisas. É necessário, contudo, afastar-se de si mesmo para fundir-se ao “eu” de um outro a fim de compreendê-lo em sua essência, garantindo que não haja interferência de seus julgamentos nesse entendimento. Todavia, o “eu” não se perde de si mesmo e sua própria percepção é característica do mundo intuitivo. A intuição, segundo Steiner (1991, p. 145), é o “conhecimento da mais suprema e luminosa clareza, cuja justificativa, quando o ser humano a possui, é consciente no mais pleno sentido [...] são experiências sutis, íntimas e delicadas”. Nesse grau de conhecimento, as experiências exteriores e interiores relacionadas às imagens que lhe possibilitaram a imaginação e o aprofundamento, os quais, por sua vez, lhe propiciaram a inspiração, desaparecem da consciência. Entretanto, não fica um vazio, resta algo novo e especial, uma maturidade da consciência, que somente a experiência suprasensível é capaz de avaliar e perceber. Essa consciência suprasensível é adquirida após diversos exercícios para o aprofundamento no mundo espiritual. Trata-se aqui de algo conquistado gradativamente com muita paciência e determinação.

Entendemos, portanto, que a consciência tem níveis diferenciados, desde aquela que ocorre movida pelas vivências diárias, consciência comum, mas que também pode ser profunda quando tem sua raiz na intuição, obtida a partir da liberdade e diferenciação do “eu”. O pensar, o sentir e o querer são necessários para a autoeducação e a autoconsciência e são conquistados à medida que o “eu” se desenvolve e se diferencia do outro, mas segue como parte integrante do todo do mundo. Na consciência superior, entendida como consciência suprassensível, o indivíduo escolhe participar profundamente do processo evolutivo. É um processo autoeducativo, de constante comprometimento com os graus de evolução, imaginação, inspiração e intuição, sendo um processo de progressivo desprendimento de si em busca da integração com o potencial que há em cada “eu” humano e no mundo.

Esse processo de autoconhecimento e autoconsciência pode ser de alguma forma otimizado a partir da prática de contação de histórias, por ser uma experiência com imagens ancestrais que invadem a consciência por meio de um pensar vivenciado, na medida em que o contador escolhe, estuda e conta a história. Não são unicamente palavras internalizadas, mas também e principalmente, conceitos elaborados pelo pensar, uma vez que o texto é decodificado em imagens que são construídas a partir das experiências individuais de cada professor contador.

2.3.4 Contação de histórias e a consciência

A contação de histórias tem suas raízes nas experiências vividas por diferentes povos e culturas e compartilha a sabedoria milenar, a qual contém ensinamentos que se eternizaram por meio da oralidade, sendo verdadeiros tesouros universais. É uma prática que possibilita a elaboração de imagens (representação mental) individuais, estimuladas pela riqueza de acontecimentos vividos pela humanidade. Na perspectiva de Steiner (2002, p. 2), “a poesia dos contos de fadas flui da profundidade da alma humana, é algo mágico, originário de todos os séculos do desenvolvimento da humanidade”, porém, por ser algo mágico, pode perder a sua essência quando encontra a crítica intelectualizada.

Temos em alto grau o sentimento de que, por uma reflexão, por uma penetração ideal na essência dos contos de fadas, o elementar, a impressão primordial da alma é destruída — sim, é destruída a própria essência da atuação dos contos de fadas. Se, com toda a razão, julgamos que as explicações, os comentários sobre a poesia destroem a impressão estética imediata, a imediata impressão de vida que a poesia deve provocar quando deixamos que ela atue em nós com

uma simplicidade elementar, com mais razão ainda não deveríamos admitir as explicações sobre toda essa poesia infinitamente sutil e infinitamente mágica que brota, em forma de contos de fadas, de fontes aparentemente tão profundas e aparentemente tão impenetráveis da índole do povo ou da índole de cada pessoa. Ao quisermos, com a força do julgamento, intervir naquilo que brota da alma humana de modo tão espontâneo, que é a poesia dos contos de fadas, é como se, na verdade, destruíssemos a flor de uma planta. (STEINER, 2002, p. 2).

Desse modo, na perspectiva de Steiner (2002), os contos de fadas não devem ser explicados pelo pensar, de forma que o julgamento possa racionalizar a magia, trazer para a sensação aspectos que emergem da profundidade da alma humana. O que brota da alma humana (contos) deve ser sentido e compreendido por ela, assim haverá uma harmonização com a essência do “eu”, aspectos que “vão além dos estados de consciência comumente acessíveis, avançando, assim, rumo a novas dimensões [...] conhecimento dos mundos superiores” (WEHR, 2018, p. 161).

Acima da consciência diurna, há estágios de consciência de constituição anímico-espiritual que se configuram ao apresentar uma maior clareza, sendo: o estágio da imaginação, da inspiração e da intuição, em que o “eu” se mantém sistematicamente atuante, possibilitando aqui a aproximação do mundo suprasensível. Assim, nesse processo de entendimento do que emerge da profundidade da alma, “existe sempre o pré-requisito de que os órgãos sensoriais e o pensamento discursivo se calem, sem que o estado desperto da alma e do espírito sofram por isso” (WEHR, 2018, p. 161). Em contrapartida, abaixo da consciência diurna, há estados de consciência de clareza diminuída que estão mais acessíveis à vivência humana. Esse estado é alcançado no sono profundo, momento em que as imagens produzidas nos sonhos partem do inconsciente; nesse ponto o “eu” permanece como mero observador (WEHR, 2018, p. 161). Nesse sentido, a diferença decisiva entre o conteúdo imaginativo e o sonho é que o primeiro é favorecido por uma consciência clara e desperta, e o segundo é alimentado por conteúdos inconscientes (WEHR, 2018, p.162).

A magia dos contos se expressa em fenômenos sutis, percebidos a partir da autoeducação que culmina na autoconsciência. Em função da magia vívida encontrada nos contos, a contação de histórias torna-se um momento surpreendente e único, no qual contador e ouvinte estabelecem uma conexão, cada qual formando as próprias representações mentais, sustentadas pela história de vida pessoal. Essa experiência de adentrar nas profundezas da alma por meio dos contos de fadas, reconhece Steiner (2002), não é destrutiva, pois toca levemente a alma humana, sendo que o fundamental dessa

vivência é a criação do “sentimento de que as coisas que lá se encontram permanecem tão novas na alma humana, tão individuais, tão espontâneas, que nós mesmos gostaríamos de expressá-las como uma espécie de conto de fadas” (p. 2). Nesse sentido, o contato com as histórias favorece relações mais sensíveis e profundas não só com o conto, mas também com o “eu” e com o outro.

A contação de histórias alimenta o mundo imaginativo do contador e do ouvinte, são inúmeras as imagens que se sobrepõem uma a outra e que se transformam à medida que o “eu” interage com essas imagens vívidas que surgem na consciência de cada um. Para Steiner (2002, p.3), “a atuação do conto de fadas na alma humana é precisamente primordial e elementar, permanecendo, pois, aos efeitos inconscientes”, assim, o que acontece nos contos não está diretamente relacionado a algo específico da vida comum do ser humano, mas a algo mais ligado às vivências da alma, partilhado por toda a humanidade. Isso não quer dizer que, ao ouvir ou contar uma história, podemos descobrir ou solucionar algo em nós, “mas o que se expressa nos contos de fadas está enraizado tão profundamente na alma que a pessoa o vivencia, seja ela uma criança na primeira fase da infância, um adulto de meia idade ou uma pessoa idosa” (STEINER, 2002, p. 3), como se fizesse parte de si mesmo, corroborando para a autoconsciência.

As histórias permitem uma vivência lúdica, a qual é considerada “uma livre expressão imagética [...] O prazer estético, artístico dos contos de fadas talvez esteja longe daquilo a que o conto de fadas corresponde em relação à vivência interior da alma” (STEINER, 2002, p. 4), uma vez que não temos controle, não conseguimos observar ou ter conhecimento do percurso e dos resultados desse processo interno. Em princípio, entendemos que o ganho está relacionado ao prazer ou ao desprazer de ouvir ou contar determinado conto, mas sabemos que este funciona como um alimento para a alma humana, deixando fragmentos no inconsciente, como nos relata Steiner.

O prazer estético que a pessoa vivencia nos contos de fadas está muito, muito longe do que ocorre na alma humana, lá nas profundezas do inconsciente, quando aquilo que o conto de fadas emana e deixa fluir de si mesmo se une à alma humana, porque essa alma tem uma necessidade inextinguível de deixar correr por suas veias espirituais o conteúdo dos contos de fadas do mesmo modo como o organismo tem a necessidade de fazer circular em si mesmo a substância nutritiva. (STEINER, 2002, p. 4).

Visto isso, os contos são vivências anímicas inconscientes, surgem de forma momentânea para o consciente, assim como os sonhos noturnos, que quando acordamos temos um breve lampejo do que aconteceu durante a noite. Assim, são as imagens dos

contos de fadas ou uma atividade artística que preenche de forma consciente a alma humana, sendo o seu alimento diurno (STEINER, 2002).

Então, sentimo-nos impelidos a buscar um conto de fadas disponível, ou um mito, ou talvez, se temos talento artístico, a criar algo em que temos a sensação de que todas as palavras que, em teoria, podem ser usadas dão a impressão de um balbuciar diante dessa vivência, e é assim que nascem as imagens dos contos de fadas. (STEINER, 2002, p. 6).

Isto posto, a contação de histórias surge como uma forma de atender às necessidades diurnas da alma humana. O olhar atento e cuidadoso observa que “por trás da consciência cotidiana, reina outra camada da vida anímica, repleta de sabedoria e mais profunda” (STEINER, apud. WEHR, 2018, p.166). Dessa forma, pode-se pensar que na medida em que histórias fazem parte da autoeducação de professores contadores de histórias, esses se aproximam gradativamente e mais profundamente da alma humana, possibilitando níveis mais elevados de autoconsciência. Os contos possibilitam, portanto, adentrar na profundidade da alma humana, mas conservando a clareza de consciência. Nesse sentido, percebe-se que o que importa para Steiner “é o estabelecimento de uma consciência na qual o Eu observa o aparecimento da imagem, não apenas de maneira parcialmente consciente, mas na qual ele pode permanecer em um estado desperto, pleno e contínuo” (WEHR, 2018, p.166).

Steiner (2002) cita, em seu livro “Os contos de fadas: sua poesia e sua interpretação”, as palavras que ouviu em uma palestra que lhe tocaram profundamente a alma e que retratam o que sente com relação aos contos na vida humana.

Contos e mitos são como um anjo bom que a pátria dá ao homem desde seu nascimento para acompanhá-lo em sua caminhada pela vida, para que lhe seja um fiel companheiro durante toda essa caminhada e, por oferecer-lhe essa companhia, faça verdadeiramente dessa vida um conto de fadas interiormente animado! (STEINER, 2002, p. 14).

Essas palavras retratam o que a humanidade recebeu da ancestralidade, sendo a contação de histórias uma arte grandiosa que busca “nas profundezas da alma as imagens encantadoras” (STEINER, 2002, p. 13) que auxiliam a propagação do conhecimento e a jornada individual em busca da autoconsciência. Assim, “quando se consegue expressar de forma natural o que é mais difícil de compreender, então essa é a grande arte, a arte natural, essencialmente relacionada com o ser humano” (STEINER, 2002, p. 14).

Ter a contação de histórias como estratégia de autoeducação na formação de professores pode ser uma maneira de ampliar as vivências internas desse indivíduo e

torná-lo um propagador da arte da narrativa, contribuindo para a formação humana de si mesmo e de seus educandos. Para averiguar esses resultados, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa com professores contadores de histórias.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa tem enfoque qualitativo e exploratório com a intenção de investigar e compreender os significados que os participantes atribuem à contação de histórias e ao desenvolvimento do professor, por ser ainda um tema pouco estudado na comunidade científica. Essa proposta vai ao encontro do que considera Creswell quando relata que “na pesquisa qualitativa, a intenção é explorar o conjunto complexo de fatores que envolvem o fenômeno central e apresentar as perspectivas ou significados variados dos participantes” (2010, p. 162). Na pesquisa qualitativa, a coleta de dados é realizada pessoalmente pelo pesquisador, sendo a entrevista e a observação do comportamento do entrevistado uma das formas de recolher informações. É importante manter o foco nas considerações e nos significados que os participantes dão ao problema, para compreender, a posteriori, o sentido desses dados, organizando-os em categorias, com a intenção de promover mudanças e ampliar o conhecimento acerca do problema (CRESWELL, 2010, p. 26 - 209). Para Hernández Sampieri et al (2013, p 376) “o foco da pesquisa qualitativa é compreender e aprofundar os fenômenos que são explorados a partir da perspectiva dos participantes em relação ao contexto”.

3.2 CONTEXTO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

O estudo foi realizado com alunas de uma instituição de ensino que oferece formação nas áreas da Leitura, Literatura Infantil e Contação de Histórias por meio de cursos de pós-graduação, programas de extensão e formação continuada, com sede na cidade de Curitiba - PR. A instituição oferta cursos de pós-graduação na modalidade Lato Sensu.

O Centro de Formação de professores ofereceu a sala de reunião para a realização das atividades, ambiente adequado para a pesquisa, evitando a exposição do participante durante o processo. Apesar dessa possibilidade, as pesquisadoras e os participantes

optaram por utilizar as instalações da universidade e o consultório particular de uma das pesquisadoras.

Contribuíram com a pesquisa as professoras que estavam em processo de formação de contador de histórias ou que já passaram por essa mesma formação, sendo acessadas por meio da indicação da própria instituição. O estudo focou nas professoras que trabalhavam na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental e que atuavam em escolas públicas ou privadas, independente do gênero, idade, etnia ou religião.

QUADRO 1 – PARTICIPANTES

Escola	Idade	Formação	Experiência (anos)
Pública	31	Magistério, Pedagogia, MBA em Gestão escolar, Pós-Graduação em Contação de Histórias	10
	44	Pedagogia, Pós-Graduação em Contação de Histórias	2
	44	Pedagogia, Pós-Graduação em Contação de Histórias	12
	46	Pedagogia, Letras, Pós-Graduação em Contação de Histórias	10
	49	Pedagogia, Pós-Graduação em Contação de Histórias	8
	52	Pedagogia, Especialização Ed. Infantil, Pós-Graduação em Contação de Histórias	4
Privada	57	Magistério, Pedagogia, Especialização Met. Ensino da Arte e Literatura, Pós-Graduação em Contação de Histórias	30
	35	Letras, Pós-Graduação em Contação de Histórias	4
	38	Biblioteconomia, Pós-Graduação em Contação de Histórias	2
	40	Pedagogia, Pós-Graduação em Contação de Histórias	4
	47	Pedagogia, Pós-Graduação em Contação de Histórias	11
	68	Pedagogia, Pós-Graduação Contação de Histórias	8

FONTE: A Autora (2020)

Participaram do estudo 12 professoras contadoras de histórias, respeitando-se o critério de saturação na coleta de dados. As idades variam de 31 a 68 anos. Dentre as participantes, duas são aposentadas, mas ainda atuam como contadoras de histórias no ambiente escolar. Do total, 10 participantes são pedagogas, 2 cursaram letras, sendo que uma delas também fez pedagogia e uma cursou Biblioteconomia. A experiência com contação de histórias no ambiente escolar varia de 2 a 12 anos, entretanto, a professora que já está aposentada tem experiência de 30 anos. Dentre as participantes, 4 iniciaram suas carreiras como professoras e depois migraram para a biblioteca da escola, devido ao interesse de trabalhar somente com contação de histórias. Todas estavam cursando ou já tinham concluído a especialização em Literatura Infantil e Contação de Histórias no momento da coleta de dados, sendo que uma delas tem também especialização em

educação infantil, outra possui especialização em Metodologia do Ensino da Arte e Literatura e outra tem MBA em gestão escolar.

As participantes foram orientadas sobre o estudo e o seu objetivo, bem como quanto ao sigilo das informações coletadas, e tiveram total liberdade de aceitar ou não as condições necessárias para o seu desenvolvimento, portanto todas foram voluntárias e concordaram em assinar o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO 2) antes de todo o processo de pesquisa.

Foi solicitada autorização para que a entrevista fosse gravada a fim de que transcorresse um diálogo mais espontâneo e as respostas fossem transcritas em sua totalidade, para não haver perda de conteúdos significativos para o estudo. Também foi requisitada a utilização dos desenhos para fins de pesquisa. Elegemos nomes de flores para identificar as participantes e resguardar as suas identidades.

É muito importante que o entrevistado esteja bem informado sobre os objetivos da entrevista e de que as informações fornecidas serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa, respeitando-se sempre o sigilo em relação aos informantes. É preciso que ele concorde, a partir dessa confiança, em responder às questões, sabendo, portanto, que algumas notas têm que ser tomadas e até aceitando um ritmo com pausas destinadas a isso. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 37).

Foram considerados como critérios de inclusão as professoras que atuavam na educação infantil e nos anos iniciais da escola pública e/ ou privada e que utilizavam a contação de histórias em sua prática pedagógica. Portanto, não foram incluídas as professoras que não trabalhavam com contação de histórias na educação infantil ou nos anos iniciais do ensino fundamental; aquelas que no decorrer da pesquisa não participaram de todas as etapas propostas: entrevista, grupo focal e realização do desenho; contudo, não ocorreu nenhum contratempo que tenha impossibilitado a continuidade de qualquer participante.

Nesse tipo de pesquisa, o risco mais provável é a exposição de informações pessoais e profissionais em que a professora possa se sentir constrangida na entrevista e/ou no grupo focal com relação às perguntas referentes ao seu autodesenvolvimento, cognitivo, afetivo e social. Neste caso, a participante teve a liberdade de interromper até sentir-se melhor ou mesmo desistir sem qualquer prejuízo, porém não houve nenhum caso desta natureza no presente estudo.

Os benefícios esperados com essa pesquisa podem não ser imediatamente percebidos pelas participantes, contudo, os resultados poderão no futuro permitir

compreender a importância da preparação do professor como contador de histórias e fazer parte de projetos de formação continuada. Poderá ainda auxiliar nas políticas públicas relacionadas à educação que possam vir a desenvolver ações mais humanizadas na formação de professores, valorizando os aspectos afetivos, cognitivos e sociais que farão diferença, tanto no contexto escolar quanto na vida pessoal.

3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a produção dos dados da pesquisa foram utilizados instrumentos e procedimentos de estudo empíricos: entrevista exploratória semiestruturada (APÊNDICE 2); desenho; grupo focal e diário de campo. A triangulação de métodos de coleta de dados “podem oferecer maior riqueza, amplitude e profundidade se estas vierem de diferentes atores do processo, de várias fontes e quando as formas de os coletar são as mais variadas” (SAMPIERI et al., 2013, p 446).

Inicialmente fez-se um levantamento dos alunos que estavam cursando a pós-graduação em literatura e contação de histórias por meio de uma primeira apresentação do estudo em sala de aula. As pesquisadoras foram claras ao relatar a importância da participação dos professores atuantes na educação infantil e/ ou nos anos iniciais do ensino fundamental na pesquisa e solicitaram a participação voluntária daqueles que tivessem interesse. As pesquisadoras entregaram um breve formulário (APÊNDICE 1) aos interessados, contendo as informações: formação, local de trabalho, idade, gênero e tempo de atuação como contador de histórias, contato telefônico ou e-mail no caso de necessidade de o participante ser contatado. Esses dados foram importantes para que as pesquisadoras pudessem organizar as entrevistas e para futuras análises.

Foi realizada uma breve análise dos formulários (APÊNDICE 1), levando em consideração os critérios de inclusão e exclusão. As participantes foram contatadas por *e-mail* ou *WhatsApp* para o agendamento do horário e local da entrevista. Como o número de interessados foi inferior ao desejado, aceitamos indicação de ex-alunas por meio da instituição e das próprias participantes. O convite foi feito por *e-mail* ou *WhatsApp* explicando a nossa proposta de pesquisa e, posteriormente, enviamos o formulário para a análise de inclusão e exclusão por parte das pesquisadoras.

O processo da pesquisa de campo teve início após a assinatura do Termo de Autorização para Pesquisa no Centro de formação, aprovação da pesquisa pelo Comitê

de Ética com parecer do CEP/SD-PB, N° 3175306, CAEE 07337019.3.0000.0102 (ANEXO 1) e das assinaturas dos TCLE pelas participantes.

A entrevista foi a primeira etapa do processo de coleta de dados. Por ser um assunto ainda pouco explorado, a entrevista semiestruturada exploratória foi de extrema relevância para que as pesquisadoras pudessem obter uma maior familiaridade com o tema proposto. Lüdke e André (1986, p. 34), defendem que “[...] a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações”, de forma que se organize e se estruture mediante o diálogo entre o pesquisador e o pesquisado. As autoras relatam ainda que:

[...] na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo é a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.33-34)

As entrevistas semiestruturadas, considera Sampieri et al. (2013, p. 426), “se baseiam em um roteiro de assuntos ou perguntas em que o entrevistador tem a liberdade de fazer outras perguntas para precisar conceitos ou obter mais informações sobre os temas desejados”. As questões abordaram o trabalho desenvolvido pelas professoras com a contação de histórias; o desenvolvimento das professoras a partir da prática da contação de histórias; como o desdobramento dessa atividade relaciona-se ao autodesenvolvimento e ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e social do professor. A possibilidade de as pesquisadoras adicionarem perguntas não previstas ao questionário inicial favoreceu um diálogo amplo, aberto e profundo. Assim, houve a oportunidade de compreender e clarear o pensamento e o sentimento expostos pelas participantes, registrando de forma precisa as suas ideias e posições.

As entrevistas foram conduzidas a partir do Método Clínico, embasado em um diálogo aberto com o sujeito com o intuito de obter informações acerca de suas ideias e ações, tendo como ponto de partida “um núcleo inicial de problema que vai se abrindo e ampliando para seguir o curso das condutas ou explicações do sujeito [...] gera uma quantidade de informações relevantes e permite aprofundar em aspectos desconhecidos do pensamento do sujeito” (DELVAL, 2002, p. 35, 50).

Ao final da entrevista, as pesquisadoras solicitaram ao participante que realizasse um desenho e escrevesse três sentimentos em relação a ele com a orientação: A contação

de histórias na minha vida. O objetivo do desenho foi de permitir a compreensão do pensamento das participantes por meio de um método não verbal, deixando-as mais livres para expressar aquilo que sentem e pensam. Apoiamo-nos nas ideias de Bomfim (2010, p. 137) que considera que “o desenho é a criação de uma situação de aquecimento para a expressão de emoções e sentimentos e a escrita traduz a dimensão afetiva do desenho”, e é uma oportunidade de clarear os sentimentos acerca da sua expressão criativa por meio das próprias palavras.

O grupo focal teve a contribuição teórica de Gatti (2005, p. 12) que considera o trabalho em grupo uma possibilidade de “ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite também a compreensão de ideias partilhadas por pessoas no dia a dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros”. Nesta premissa, os grupos focais contribuem, na visão da autora, para o “aperfeiçoamento e aprofundamento da compreensão, a partir de dados provenientes de outras técnicas” (GATTI, 2005, p. 12), sendo útil nas análises por triangulação.

A intenção era montar dois grupos com 08 participantes cada, uma vez que grupos maiores “limitam a participação, as oportunidades de trocas de ideias e elaborações, o aprofundamento no tratamento e também os registros” (GATTI, 2005, p 22). Entretanto, em função da dificuldade de compatibilizar os horários foi possível organizar dois grupos com apenas 04 participantes cada. Os grupos foram formados por sorteio após a realização de todas as entrevistas, considerando a disponibilidade das participantes e cuidando para que houvesse professoras de escolas públicas e privadas com o objetivo de ampliar as discussões em função das diferentes experiências com a contação de histórias. A data dos grupos foi definida com os participantes. Sampieri relata que grupo focal é:

Uma reunião em que os participantes conversam sobre um ou vários temas em um ambiente tranquilo e informal [...] existe um interesse do pesquisador em saber como os indivíduos criam um esquema ou perspectiva sobre um problema, por meio da interação. (2013, p. 432).

Nos grupos foi discutido o tema: O autodesenvolvimento a partir da contação de histórias. A discussão de cada grupo durou aproximadamente uma hora e meia.

No início dessa atividade foi lido um poema³ de Rudolf Steiner com o objetivo de acolher as participantes e criar uma atmosfera de reflexão sobre a linguagem e a imagem

³ Este poema foi dado por Steiner para o início das aulas de língua antiga na primeira escola Waldorf, Stuttgart, 26/11/1922 (cf. GA 40, p. 299). Col. LJ.

tão presentes na contação de histórias. Compartilhamos aqui o poema de Steiner (1922, p. 299):

A quem entende o sentido da linguagem,
O mundo desvenda-se
Em imagem;
A quem ouve a alma da linguagem,
O mundo descerra-se
Como ser.
A quem vivencia o espírito da linguagem,
O mundo presenteia
A força da sabedoria.
A quem sabe amar a linguagem,
Ela mesma concede
Seu próprio poder.
Assim quero coração e sentido
De acordo com espírito e alma
Da palavra orientar;
E no amor
Para com ela a mim próprio
Então totalmente sentir.

As informações coletadas nas entrevistas e nos grupos focais foram anotadas em diário de campo, levando em conta o conteúdo observado, as reflexões, opiniões e dúvidas, também foram utilizadas gravações em áudio, que foram posteriormente transcritas para versão em texto, seguindo as orientações de Creswell (2014, 216). Todos esses dados foram arquivados em forma de documento no *Word* e destruídos ao término desta pesquisa.

3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

O processo de análise dos dados coletados seguiu a proposta de Creswell (2010, p. 218-219) no que diz respeito à preparação das informações, pois iniciamos com os dados brutos que foram lidos em sua totalidade para que tivéssemos uma ideia geral do conteúdo coletado e pudéssemos refletir sobre o significado do todo. Uma análise mais detalhada pôde ser realizada por meio de uma categorização, isto é, seguindo a proposta de Creswell (2010), foi elaborada uma listagem de códigos, temas ou categorias que emergiram dos dados para em seguida conferir uma relação mútua com a descrição e interpretação do significado. A validação dos dados foi realizada por meio da triangulação dos resultados obtidos nas entrevistas, grupo focal e análise dos desenhos, conforme proposto por Creswell (2010, p 234).

A análise dos desenhos seguiu a proposta de Bomfim (2010) no sentido de ser “um instrumento que facilita torná-los tangíveis, por meio de imagens, palavras e da formulação de sínteses ligadas aos sentimentos, ligadas de forma menos elaborada e de forma mais sensível” (BOMFIM, 2010 p. 137), valorizando aqui o aspecto do conteúdo criativo que emerge da subjetividade de cada indivíduo.

Os grupos focais foram analisados pelas pesquisadoras considerando a proposta de Gatti (2005) descrita na obra “Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas”. A autora aborda a importância de retomar inicialmente os objetivos e o porquê do uso dos grupos, visto que “os níveis de aprofundamento das análises também dependem dos objetivos e da configuração do enfoque teórico proposto no estudo” (GATTI, 2005, p. 43). As pesquisadoras optaram por seguir inicialmente a orientação de Gatti no sentido de construir “um plano descritivo das falas, destacando as diferenças entre os relatos e as opiniões, isso tanto para os relatos escritos quanto para os gravados em áudio” (2005, p. 48). Em seguida, realizaram uma leitura minuciosa de todo o material com a intenção de agrupar as informações, elaborando, a posteriori, categorias e “justificando o motivo da categoria de codificação escolhida” (GATTI, 2005, p 51).

A discussão dos resultados levou em consideração tanto a pesquisa contemporânea sobre o tema quanto o aporte teórico da Antroposofia de Rudolf Steiner. Foi elaborado um capítulo com as ideias a respeito do autodesenvolvimento e de sua relação com a autoeducação na perspectiva de Steiner (2009). Foi construído um diálogo entre as teorias contemporâneas e a Antroposofia de Steiner com o propósito de fundamentar a importância de uma educação integral na formação de professores como alicerce de um fazer pedagógico mais profundo e pleno.

No quadro abaixo há uma síntese dos objetivos específicos e os instrumentos que foram utilizados para atingir o proposto nesta pesquisa.

QUADRO 2: INSTRUMENTOS

Objetivos específicos	Instrumentos
Compreender o desenvolvimento humano a partir da contação de histórias à luz da teoria contemporânea e da antroposofia de Rudolf Steiner.	- Entrevista exploratória semiestruturada - Grupo focal - Diário de campo - Análise de desenho
Identificar se e de que forma a contação de histórias faz parte da rotina de trabalho dos professores.	- Entrevista exploratória semiestruturada - Grupo focal - Diário de campo
Investigar como se expressa o interesse dos professores por literatura e em específico pela contação de histórias.	- Entrevista exploratória semiestruturada - Grupo focal

Entender o processo de desenvolvimento cognitivo do professor enquanto contador de histórias.	- Entrevista exploratória semiestruturada - Grupo focal - Análise de desenho
Entender o processo de desenvolvimento afetivo do professor enquanto contador de histórias.	- Entrevista exploratória semiestruturada - Grupo focal - Análise de desenho
Entender o processo de desenvolvimento social do professor enquanto contador de histórias.	- Entrevista exploratória semiestruturada - Grupo focal - Análise de desenho
Conceber o autodesenvolvimento de professores a partir da contação de histórias.	- Entrevista exploratória semiestruturada - Grupo focal - Diário de campo - Análise de desenho

FONTE: A Autora (2019)

3.5 ESTUDO PILOTO

O estudo piloto foi elaborado com a intenção de analisar a clareza das informações solicitadas na entrevista (APÊNDICE 2) que seria utilizada na pesquisa, averiguar o tempo necessário para cada participante e se as questões propostas atenderiam de fato aos objetivos principal e específicos, bem como verificar a necessidade de alterações. Na concepção de Sampieri (2013), essa etapa da pesquisa “consiste em administrar o instrumento a uma pequena amostra para testar sua pertinência e eficácia (incluindo instruções), assim como as condições da aplicação e os procedimentos envolvidos” (p. 228), garantindo a eficácia e confiabilidade dos instrumentos e resultados.

Creswell (2014) considera o estudo piloto importante para “refinar as perguntas e procedimentos da entrevista [...] aperfeiçoar e desenvolver os instrumentos da pesquisa, avaliar o grau de viés do observador, estruturar as perguntas, coletar as informações básicas e adaptar os procedimentos da pesquisa” (p. 136). As vantagens de um estudo piloto é que “frequentemente proporciona, ao pesquisador, novas ideias e pontos de vista, não considerados antes da aplicação do estudo piloto. Essas ideias constituem uma fonte importante para a obtenção de resultados claros e relativamente precisos”, é o que afirma Richardson (2012, p. 320).

O estudo foi realizado com três professoras do ensino fundamental. Para melhor caracterizar a amostra, foram escolhidas participantes que tivessem os mesmos requisitos solicitados na proposta deste estudo, sendo duas professoras contadoras de histórias da rede particular e uma da rede pública de ensino da cidade de Curitiba.

As participantes foram convidadas por telefone a participar do estudo piloto e receberam explicações com relação ao projeto de pesquisa de mestrado. Após aceito, foi

agendado um local e horário para cada participante. Antes da entrevista, foi lido o TCLE, o qual todas assinaram.

Foi preparado o estudo piloto para a entrevista e o desenho. O resultado com relação à entrevista foi satisfatório, uma vez que conseguimos, por meio das perguntas realizadas, trazer indicativos de respostas aos objetivos da pesquisa. Chegou-se a essa conclusão porque houve completa disponibilidade das participantes em falar sobre a sua prática como contadora de histórias, demonstrando comprometimento, sensibilidade e dedicação ao trabalho que realizam. Esse entendimento pode ser observado nos depoimentos recolhidos nas entrevistas: “Compreendo que a cada dia tenho mais informações/ subsídios para planejar as histórias que serão contadas, mas percebo que existe a necessidade de me aprofundar muito para desempenhar melhor o meu trabalho de professora contadora de histórias” (ANGÉLICA).

Também foi percebido que as professoras estão atentas ao seu público, havendo uma interação mais próxima e participativa, como relatado: “apesar de todas as dificuldades que vejo nos alunos, eles param e se deixam encantar pela história, isso é mágico, é algo além” (FLORA); “O que mais me chama a atenção é que algumas crianças chegam desconfiadas e desinteressadas nas rodas e no final estão totalmente integradas, os olhos brilham e o sorriso abre” (CELINA); “Contando histórias eu pretendo mudar um pouquinho a energia do outro, seja na forma de pensar, plantar alguma sementinha, algum questionamento ou indagação, levar um pouco de carinho, sabedoria, um pouco de alegria e amor” (ANGÉLICA). Verificou-se uma percepção do desenvolvimento pessoal e da possível autoconsciência a partir das revelações compartilhadas: “Tornei-me mais compreensiva, mais amorosa e mais respeitadora das dinâmicas da vida e do universo... ser contadora me permitiu reconectar com meu lado lúdico que é fundamental para termos uma vida emocional saudável” (FLORA); “Um processo de autoconhecimento, amadurecimento e aprendizado para estar aberta ao outro – não somente ao que você admira no outro, mas às fraquezas e bloqueios” (CELINA); “Na verdade acho que estamos em constante aprendizado com as histórias. Um exemplo disto é a história ‘O Rabo do Macaco’ – Monteiro Lobato. Gosto muito desta história, por ser uma história divertida e me transmitir que podemos conseguir muitas coisas na vida, através da persistência naquilo que queremos” (ANGÉLICA).

Quanto ao desenho foi percebido uma certa preocupação das professoras com relação à parte estética, as três disseram que não sabiam desenhar e que seus desenhos são muito infantis. Nesse momento, deixamos claro que a análise não seria relacionada

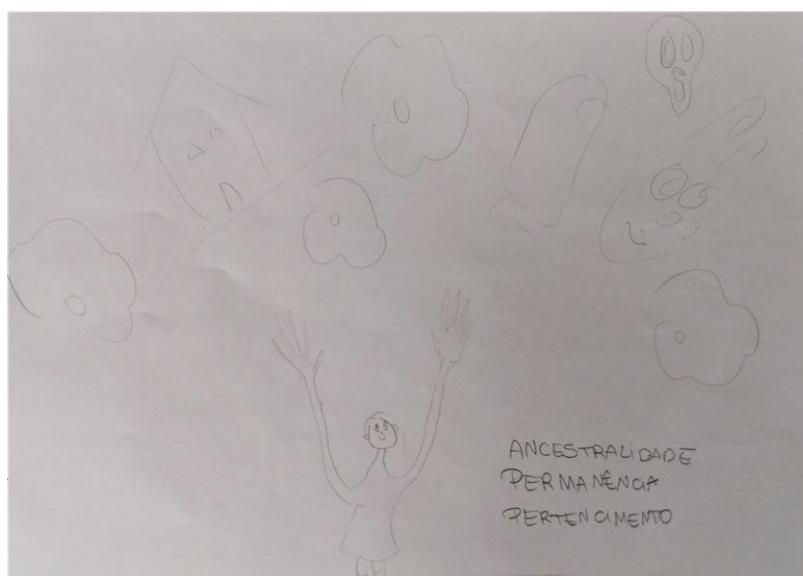
ao aspecto estético, mas sim ao conteúdo desenhado, sendo essa uma forma não verbal de expressar o interesse pelas histórias. Após essa explicação, as professoras se sentiram mais confortáveis para realizar o desenho.

O resultado do estudo com relação ao desenho atendeu às expectativas das pesquisadoras, observou-se que foi um complemento muito significativo por meio de uma linguagem não verbal em que as participantes puderam expressar o que pensam e sentem com relação à contação de histórias em suas vidas. É sempre importante termos um instrumento que “abarque imagens e palavras, pela formulação de sínteses, ligadas aos sentimentos, ligadas de forma menos elaborada e de forma mais sensível” (BOMFIM, 2010, p. 136).

Os sentimentos descritos tiveram grande importância, pois, por meio destes, as participantes puderam dar o significado e expor de forma objetiva o conteúdo estético que criaram. “O desenho é a criação de uma situação de aquecimento para a expressão de emoções e sentimentos e a escrita traduz a dimensão afetiva do desenho” (BOMFIM, 2010, p. 137).

Neste momento será analisado de forma breve somente o desenho de uma professora, posteriormente e no estudo principal, a análise de todos os desenhos seguirá as categorias encontradas a partir da reunião de todo o material, conforme proposto por Bonfim (2010).

FIGURA 2 – DESENHO DA PARTICIPANTE FLORA



FONTE: Participante Flora (2019)

A participante expõe que o desenho (FIGURA 2) mostra a si mesma de braços abertos e erguidos em direção ao universo, representando o quanto está receptiva às histórias que recebe da ancestralidade. Sente-se em conexão com algo que está acima dela, que não consegue descrever com palavras, algo maior, sensível, belo, mas que entende como pertencimento, como se fizesse parte de si mesmo. Entendemos aqui que as palavras são um complemento “são recursos de síntese aglutinadores da relação entre significados, qualidades e sentimentos atribuídos aos desenhos” (BOMFIM, 2010, p. 137).

A professora contadora relata que a permanência dessas histórias na sua vida a faz se desenvolver enquanto ser humano, cita também os três sentimentos: ancestralidade, permanência e pertencimento. Podemos inferir que tanto a imagem estética quanto os sentimentos expressos pela participante nos mostram um processo de sintonia com o universo e consigo mesma (STEINER, 2002), desenvolvido a partir da prática da contação de histórias.

O estudo piloto nos mostrou que os instrumentos selecionados estão adequados ao público da pesquisa, uma vez que possibilitam a reflexão sobre a prática, permitindo uma análise mais profunda do autodesenvolvimento de cada participante.

3.6 COMITÊ DE ÉTICA

O projeto e os procedimentos de coleta de dados seguiram todas as exigências da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), sendo executados após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná (UFPR) em 27/02/2019, parecer CEP/SD-PB. Nº 3175306, CAEE 07337019.3.0000.0102 (ANEXO 1).

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

As professoras participaram com alegria, interesse e comprometimento da entrevista, compartilharam experiências profundas e prazerosas do trabalho que realizam como contadoras de histórias na prática pedagógica. Relataram sobre o processo de desenvolvimento na narrativa oral e todo o aprendizado que estão adquirindo com essa

prática, tanto intelectual e profissional, quanto pessoal e de vida. A experiência de cada professora com a literatura é única, são histórias de vida que sustentam o encantamento por essa arte de levar as histórias para além dos livros. Vivências pessoais são relatadas com emoção e entusiasmo, lembrando as infâncias vividas, permeadas de histórias, às vezes, com poucos livros, mas cheias de oralidade, um verdadeiro resgate da ancestralidade. Os relatos mostram o envolvimento e a dedicação no processo de busca pelo conhecimento e pelo aperfeiçoamento, reconhecendo nessa prática o motivo das mudanças de paradigmas e do modo de vida. Os depoimentos a seguir confirmam essa observação:

Minha avó era contadora de histórias e isso me inspirava. Eu sempre gostei muito de contar, também pensando na minha trajetória, eu conto desde criança, essa era a minha brincadeira preferida, brincar de faz de conta, de inventar e contar histórias. Na verdade, eu nunca tive essa noção de assumir a minha identidade como contadora, isso foi se construindo dentro de mim (ORQUÍDEA).

O meu processo foi assim, me descobrindo, ouvindo as histórias, ouvindo toda a explicação, o histórico da contação de histórias e fui me encantando. Esse encanto que foi retirando a máscara da vergonha (JASMIM).

Contar histórias é minha paixão, o que mais gosto de fazer. Assim, meu processo é prazeroso, produtivo e me enriquece dia a dia. Escolher uma história, estudá-la, contá-la, para mim, é uma grande fonte de aprendizado e conhecimento, todos os dias me surpreendo com tudo que elas me ensinam (DÁLIA).

É percebido que o processo de busca pelo conhecimento e as motivações, muitas vezes, têm início na infância, quando as histórias nos chegam por meio dos familiares ou professores e somos convidados a adentrar no mundo da imaginação. Essa experiência imaginativa, nos conta Steiner (2002, p. 2), surge por meio dos contos de fadas que nascem das profundezas da alma humana e nos alcançam por intermédio da ancestralidade. Essas imagens que perpetuam as histórias vivificam quando encontram a percepção daquele que conta e daquele que ouve, uma vez que sentimentos únicos surgem em cada indivíduo e enriquecem a vida interior por meio das representações mentais (STEINER, 2000).

Os relatos das professoras contadoras em relação aos resultados que observam diariamente refletem que estão se descobrindo para além da prática pedagógica, sobretudo enquanto indivíduos, uma vez que estão em busca de uma identidade, de algo que traga prazer, mas também, e, principalmente, aprendizados mais profundos para a vida. Nesse sentido, Rodrigues (2015) nos diz que:

É importante ressaltar que a emoção, a liberdade de criação, a expressão corporal, o equilíbrio entre a emoção, a racionalização e a contextualização são os elementos facilitadores da construção e do fortalecimento da identidade do contador de histórias, da elevação de sua autoestima, da construção de seu estilo. (p. 65).

Vale ressaltar que não estamos nos referindo somente a uma prática de contação de histórias usual, parte da rotina diária do ambiente escolar e descrita nas diretrizes curriculares, ou seja, um contar pelo contar, estamos falando de um fazer consciente, vivenciado e pensado, que não atua de forma a repetir aleatoriamente as palavras do texto, mas que tempera com sentimentos e impressões pessoais a narrativa, dando vida às imagens adormecidas no conto. Steiner aborda essa vivificação da imagem no outro, relatando que só é possível esse vigor na medida em que se recorre à percepção desse outro, por ser uma experiência individual e única, uma vez que “cada pessoa relaciona sentimentos, diferentes em qualidade e intensidade, com as suas percepções. Eis o fator individual da nossa personalidade particular” (STEINER, 2000, p. 34). Nesse sentido, a contação de histórias possibilita experiências únicas da individualidade humana que contribuem para o desenvolvimento interior de cada um dos envolvidos, e, em especial, do professor contador.

Muitos são os benefícios relatados pelas participantes a partir da prática da contação de histórias no ambiente escolar, mas o maior deles é a possibilidade do deleite, a simples oportunidade de acessar um conteúdo vivido pela ancestralidade, de nossa cultura e de muitas outras distantes de nós, em tempo ou espaço. É perceptível o compromisso e a preocupação das professoras em aproveitar o melhor da literatura nas rodas de contação de histórias, porque elas sabem o quanto estão contribuindo para o desenvolvimento de cada aluno e entendem que a escola também pode ter essa participação, como podemos observar nos depoimentos:

Contação de história é simplesmente contação de história, é literatura! No meu entendimento, na minha crença, a contação de história aumenta o repertório do aluno, faz com que ele aprenda a ouvir, a esperar o momento para falar. Se naquela determinada história, algum ponto chama a atenção para a vida pessoal, ele vai trabalhar com isso, ele vai entender, mas a gente não pode tentar moralizar, falar desses ensinamentos de forma mais explícita. E eu acho que a literatura não é para trabalhar, para usar como exemplo, ou tachar algo, ela faz o trabalho por si só, a criança compreende aonde aquele determinado assunto atinge a vida dela. (MARGARIDA).

Eu sempre vi a literatura como algo a ser desfrutado, a ser aproveitado sem aquele compromisso de ensinar alguma coisa, então para mim contar a história não está ligado a conteúdo, mas sim ao prazer. (ORQUÍDEA).

A escola precisa proporcionar momentos de leitura, prazer e fruição, de ler o que quiser e como quiser, criar um espaço propício para a leitura. Toda história se você for ver tem a sua mensagem, e cada ouvinte vai receber de acordo com sua história de vida e isso acontece também com o contador que será afetado pelas histórias que conta. (HORTÊNSIA).

Tem história que a gente conta que nos faz suspirar, que faz a gente sonhar, que deixa realmente o dia mais leve. Não precisa ser necessariamente uma história que tenha uma moral ou que traga um ensinamento, mas algo para te fazer sonhar, porque hoje em dia a gente acaba tendo uma visão tão dura da vida, tem coisas tão pesadas, violência, preconceito, coisas ruins, que, às vezes, a gente só precisa se desligar um pouco disso, ver a magia, mesmo que seja num conto infantil ou até na tristeza de uma história, porque, às vezes, a história é tão triste, mas ela toca tão profundamente a gente que nos remete a algumas coisas que estão dentro da gente, escondido, que a gente não percebe. Às vezes, a gente precisa disso, sem lição, sem nada, só para viver essas emoções. (JASMIM).

O meu grande desafio na escola é falar para os professores que leitura nunca é perda de tempo, porque ainda se valoriza a história com moral, como são nas fábulas, é o que ainda pega bastante na escola. Fazer a leitura simplesmente para formação do prazer de ler, ainda é um processo que a gente está construindo. Eu hoje, como contadora de história e professora, vejo que é muito mais do que isso, é você sim fazer com que a criança sinta vontade de estar com o livro na mão. Recentemente, uma criança que está no 8º ano, que eu fui alfabetizadora, me procurou para dizer que ela cheira os livros até hoje e ela lembra que eu falava que adorava o cheiro dos livros, a mãe dela estava junto e deu risada, disse que realmente ela vai nas livrarias e cheira os livros. Então eu vejo que muito mais que a história que eu contei, foi o gesto de que aquele material, aquele instrumento, o livro tinha uma importância para mim e causou isso para ela também, então é muito mais essa relação com esse espaço, esse material dentro da escola. (ROSA).

Com a minha experiência de professora contadora de histórias, vejo que as histórias têm um grande potencial de ensinamento dentro da escola, pois quem as ouve aprende algo sem imposições ou cobranças. As histórias chegam ao coração do ouvinte do jeito que ele quer, como ele entendeu, porque sai do coração do contador, sai de dentro e isto é mágico. (HORTÊNSIA).

O engajamento das entrevistadas é com a literatura, é fazer com que essa possibilidade de contar histórias possa contribuir para o aprendizado, não só do conteúdo didático, da socialização ou da aquisição de novos conhecimentos, mas de um saber que vai além dos muros da escola e que irá subsidiar a vida de cada aluno. A dedicação pela conquista do conhecimento e aperfeiçoamento como contador de histórias vai ao encontro de uma busca interior, pois consideram o autoconhecimento um nutriente indispensável para atuar de forma integral em suas práticas diárias no ambiente escolar e na vida como um todo.

Observamos que também foram mencionados aspectos negativos da prática da contação de histórias, contudo essas menções estão relacionadas às horas dedicadas a esse trabalho e aos aspectos ligados ao desenvolvimento de uma maior sensibilidade

emocional. Ainda que esses aspectos negativos tenham aparecido, as professoras não os consideram ruins em suas vidas e os encaram como parte do aprendizado e desenvolvimento vivido por elas. Podemos observar esses aspectos nos depoimentos:

A dedicação, as horas de estudo, a disponibilidade de tempo para preparar as histórias, a gente acaba trabalhando muito mais, mas mesmo o que poderia ser negativo acaba sendo algo positivo, pois penso que estou fazendo para mim, para o meu desenvolvimento. (JASMIM).

As histórias mexem muito com as minhas emoções, hoje me sinto mais sensível, choro mesmo, vivo tudo muito intensamente e claro isso acaba exigindo demais de mim, eu acabei mudando tanto que sinto que me afastei um pouco da minha família, porque muitas coisas não concordo e como não posso mudar, procuro agir de longe, acompanhar os acontecimentos um pouco mais retirada, sem me envolver tanto, às vezes sinto que sou um pouco diferente, um estranho no ninho. (PRÍMULA).

A experiência vivida pelas professoras com as histórias é um exemplo que fazem questão de compartilhar com as crianças, tratam a literatura não como algo destituído de significados ou com significados explícitos, mas como um conteúdo abordado com respeito, em que cada indivíduo será único ao absorver a essência das imagens, uma vivência mais implícita e sensível.

Suas palavras estão recheadas de prazer estético, de encantamento e admiração pela poesia, pela literatura, por uma prática que alimenta a alma, um saber que é pensado e sentido, que nutre as relações sociais e cultiva a semente que pode germinar novos leitores e indivíduos mais humanizados, mas, sobretudo, que possam se autotransformar. Entendem que a contação de histórias deve ser um momento de contentamento, de pura entrega ao bem-estar, tanto físico quanto intelectual, mas acima de tudo um tempo para a alma apreciar a beleza e o encantamento dos contos. Nesse sentido, Steiner (2002, p. 2) afirma que a impressão estética só é mantida quando permitimos que a poesia dos contos de fadas atue na alma humana com a sua simplicidade original, capaz de captar a essência, sem interpretações ou julgamentos, pois estes últimos têm a capacidade de destruir o encanto e a sabedoria que permeia os contos. Seguindo essa premissa, podemos inferir que somente a alma humana sabe lidar com essa sutil experiência e Steiner nos fundamenta na seguinte passagem:

A atuação do conto de fadas na alma humana é precisamente primordial e elementar, pertencendo, pois, aos efeitos inconscientes. Se, porém, tentamos ter um sentimento do que ocorre nele, esse sentimento é de natureza a podermos dizer que o que se expressa nos diferentes contos de fadas não é aquilo que pode atingir o homem numa situação específica da vida, não é um

círculo limitado da vivência humana, e sim algo tão profundo, nas vivências da alma humana, que passa a ser comum a toda a humanidade. (STEINER, 2002, p. 3).

Entendemos que tudo tem início no processo de aprendizado, na dedicação, no amor e na importância que o contador dá ao seu próprio desenvolvimento, sendo necessário o anseio e o zelo pelo conhecimento.

Considerando os relatos das professoras contadoras de histórias, realizou-se a análise dos dados obtidos nas entrevistas, chegando às seguintes categorias: comprometimento no processo de contar histórias; percepção da alteridade no processo de contação de histórias; consciência da importância da afetividade; autoconhecimento, autoconsciência e autotransformação a partir da contação de histórias.

Comprometimento no processo de contar de histórias

O comprometimento com a evolução do conhecimento e com o interesse literário são impulsionados pelo encantamento de ouvir e contar histórias. É um processo de constante entrega aos desafios da investigação e da exposição, vislumbrando a competência. Não se trata somente de um saber teórico ou de técnicas de contação de histórias, mas uma busca pelo aperfeiçoamento, tanto na performance quanto no autodesenvolvimento, sendo o último a motivação que as contadoras encontram para a autorrealização. Aliado ao desenvolvimento profissional, há um interesse em se reconhecer como contador de histórias, encontrando aí uma identidade, transformada pela aquisição de um novo saber e de uma visão de mundo ampliada. Nos depoimentos, podemos averiguar esse processo de aprendizado:

Foi a partir da prática em sala de aula que comecei a querer me aprofundar mais sobre o que é contar, como me preparar, a utilização do texto, a utilização do corpo e da voz. Então eu comecei diante dessa situação problema tentar compreender, isso foi o meu disparador para a pesquisa, de me reconhecer como contadora de histórias e entender que não é simplesmente reproduzir algo de um livro, ou pegar qualquer livro, eu tinha que estar preparada, porque aquilo tem um impacto muito forte, não só nos ouvintes, seja com crianças ou adultos, mas também em mim como contadora. (ROSA).

Nas escolas por onde passei eu vi pouquíssimos professores preparados, eu sempre tenho feito um trabalho com os professores da escola onde trabalho, porque eu acho que é supernatural a gente querer ensinar como a gente aprendeu, isso é a essência humana, a gente aprende e vai repetindo, só que, enquanto professores, a gente tem que reconhecer que nós estamos em constante construção e desconstrução nesse processo de mudança social, visão de criança, visão de mundo. Então acho que é um processo de formação

continuada, de você se desconstruir, na verdade a gente tem essa ideia de verdade absoluta daquilo que aprendeu na faculdade, você acha que já sabe tudo e como tem que fazer, então esse espaço da leitura ainda é muito delicado nas escolas. Eu vejo essa questão da formação do professor, dessa falta de discussão no espaço formativo, da literatura, dessa importância do processo de construção do leitor. Você só vai conseguir encantar quando você está encantado, não adianta, se você não gosta de ler é humanamente impossível você querer ensinar 30 ou 35 crianças a gostar daquilo que você não gosta. (ROSA).

Eu vejo mesmo a história como uma construção pessoal, individual que vai despertar na criança, que é o público que eu mais trabalho, aquela vontade de procurar livros, de querer ler mais e de se construir como ser humano. Nas histórias encontramos exemplos de vida, cura para algumas coisas que não sabemos explicar, que não tem como resolver sozinho. Quando observamos um personagem sendo independente, forte, enfrentando os desafios, ele nos ensina algo e os alunos também irão aproveitar, então eu vejo a contação de história como um pilar fundamental na escola, não só para a alfabetização, mas para a construção do indivíduo mesmo. (MELISSA).

Quando a gente tem essa consciência da importância da literatura a gente fica muito crítica, então no meu ambiente de trabalho eu percebo que a contação de história não é levada tão a sério (...). Eu vejo que enquanto profissional especialista nessa área, a minha preocupação não é só com a capa do livro, não é só a imagem, é todo um conjunto. A minha preocupação é com o que está escrito também, se aquilo é para aquela faixa etária, então eu percebo que a preocupação é com o todo, por isso essa consciência é tão importante. É essencial entregar a história e deixar que a criança interiorize isso e que ela mesma faça as suas perguntas e dê as suas respostas, e quando ela vem com as perguntas, você deve responder, mas com o cuidado de não ir para o sentido de moral. (PRÍMULA).

Foi uma coisa que me encantou, o processo com os alunos, a resposta que eles me davam, isso me encheu os olhos e daí eu fui atrás. [...] Eu acho que aquele que se prepara conta a história de fato, você conta entrando dentro da história, conta com emoção, os alunos dizem, 'professora parece que você conta com o coração'. Tem também a questão da própria escolha da história, aquelas pessoas que estão bem preparadas escolhem a história que mexe consigo mesmo, o contador vai fazer isso, ele vai escolher a história que está lá no coração dele para contar para os alunos, ele não vai contar qualquer história. (FLORA).

Tem muita diferença, o professor, por exemplo, que só lê uma história, ele não transmite emoção, não transmite magia, não tem encanto, é automático, o texto em si pode até dar algum tom de magia sim, mas quando o professor se prepara, o ambiente em si parece que fica mais iluminado, parece que se enche, então essa preparação do professor é fundamental porque ele contagia. (JASMIM).

O aprendizado adquirido com a contação de histórias repercute na prática diária da sala de aula, onde o professor entende a educação como um processo de construção gradativo e a narrativa oral passa a fazer parte desse alicerce na edificação do conhecimento. O progressivo desenvolvimento percebido pelas contadoras não se constitui somente em seus alunos que absorvem os conteúdos explícitos e implícitos contidos nos contos, mas também o reconhecem em si mesmas, observam o quanto essa

prática contribui em seu próprio amadurecimento como contadora e professora, e, ainda mais, como pessoa. Nesse sentido, Pinheiro e Ramos (2013) argumentam que:

Ler literatura seria uma forma de educar pela experiência, já que a educação literária considera o sujeito na sua individualidade e particulariza modos de acesso ao conhecimento, propiciando e atualizando vivências e construindo saberes a partir delas. Em síntese, a presença da leitura literária na escola e por extensão na vida dos sujeitos seria uma forma de contribuir efetivamente para uma educação emancipatória. (p.31).

Essa possibilidade de incluir-se no processo de aprendizagem faz do educador um ser atuante, tanto como aquele que compartilha o conhecimento, quanto como aquele que aprende com o outro e a partir da própria prática. Estar instigado a buscar novos desafios e ter consciência da importância do próprio desenvolvimento cognitivo faz o professor se reinventar enquanto indivíduo e, conseqüentemente, enquanto educador. Seguindo essa premissa, Rodrigues (2015) aborda a inegável importância da arte de contar histórias no desenvolvimento tanto daquele que conta quanto daquele que ouve.

O conhecimento desenvolvido por meio da arte cênica essencial para contar histórias é uma teia de possibilidades, ideias e criatividade interconectadas que atravessam vários domínios, criando novas maneiras de “aprender” e “apreender” o mundo que está contido nas histórias, contextualizando-o com o momento histórico vivido pelo contador e pelo público que compartilha a história. (RODRIGUES, 2015, p. 65).

Na visão steineriana (STEINER, 2000), podemos entender esse processo de aprendizagem do educador por meio da contação de histórias como uma experiência no campo do “sensível” que abrange a escolha da história, a preparação e a contação em si, oportunizando ao professor vivências internas e momentos de autorreflexão, um caminho possível para a autoeducação. Steiner (2002) relata que é por meio da natureza profunda de um povo ou de cada indivíduo que brota a poesia dos contos de fadas, por isso reverbera na alma humana, sendo um rico alimento para o desenvolvimento da autoconsciência. Assim, o conhecimento é conquistado pelo professor contador de histórias na medida em que vivencia o conto, desde a observação de seu conteúdo até os sentimentos que brotam dessa experiência, compartilhando a narrativa com propriedade e singularidade, sendo um contínuo processo de autoeducação.

Entendemos que o professor contador de histórias tem consciência de seu papel enquanto educador e também sabe da importância de se manter ativo na busca do conhecimento, desfrutando da literatura e das histórias que conta como aporte para o seu

próprio desenvolvimento. No entanto, para que o contador de histórias possa realizar o seu trabalho, é fundamental que tenha interesse e disponibilidade para conhecer o outro em sua essência, sendo, portanto, a receptividade e o desejo pela socialização fatores primordiais que sustentam a narrativa oral.

Percepção da alteridade no processo de contação de histórias

Ser sensível na percepção do outro às suas necessidades e singularidades é uma das qualidades mencionadas nas entrevistas. Colocar-se no lugar do outro, ser receptivo a ele e respeitar as individualidades com o propósito de entender as carências de cada um e o contexto em que vivem. A aproximação do ouvinte e o cuidado na relação são aspectos importantes vividos e mencionados pelas participantes. Nos depoimentos, observamos esse comprometimento e a percepção dessa mudança de olhar.

Houve muita mudança. Quando eu me olhava em relação aos outros, não é que eu não me importava, eu me importava, mas eu não tinha capacidade de olhar mais internamente, eu olhava para a pessoa superficialmente. A partir da prática da contação de histórias, eu passei a me preocupar um pouco mais com a pessoa em si, a formação dela, a sua opinião, com a essência dela, o que faz com que essa pessoa seja como ela é, o que forma essa pessoa. Tem muita coisa que eu não concordo e não apoio, mas agora eu respeito e não interfiro, eu sigo a minha vida e ela segue a dela, e podemos seguir juntas em alguns projetos, antes eu simplesmente deixava a pessoa de lado, desistia dela. (JASMIM).

Sem sombra de dúvidas, eu sempre digo que a Literatura, e em especial a contação de história, nos transporta para o lugar do outro, gera empatia, isso é inevitável [...]. Neste processo eu aprendi a me colocar muito no lugar do outro, me sensibilizou muito, então obviamente essa sensibilidade enquanto o olhar de quem está ali recebendo a história me tornou uma professora muito melhor. [...] eu sou outra pessoa, me sinto uma profissional mais completa, o meu olhar para as situações está muito mais lapidado depois que eu entrei nesse mundo da contação de histórias, desde a questão de observar a expressão da criança quando eu estou explicando, olhar nos olhos dela e conseguir perceber que ela está com dúvida, sem que ela precise falar. Mudou muito o meu olhar como docente, eu me tornei uma leitora mais fluente, quando comecei a contar mais histórias e a ouvir histórias. Isso também é uma coisa bem legal, hoje eu não só conto, mas eu escuto muitas histórias e escutar o outro me permite me colocar no lugar dele, então isso também faz com que eu mude essa forma de dar aula e de ser. [...] quando eu conto uma história é como se abrisse um canal de comunicação que é incrível e a pessoa compartilha o que está sentindo, então esse laço de afetividade com as pessoas aumentou bastante, porque quando eu conto histórias eu entro, de certa forma, na vida interior dessas pessoas, muitas me procuram para me contar algo. (ROSA).

Contar histórias me capacita para lidar com o cotidiano. A percepção e o olhar para o outro é muito trabalhado, pois as histórias nos colocam perto de muitos mundos, elas nos transformam. Quando faço uma contação de histórias, percebo no olhar de quem me ouve uma conexão através da magia da história. No final, aquelas pessoas se soltam, outras histórias vão surgindo e as

conversas sobre elas ficam cada vez mais interessante, é simples assim, basta deixarmos o encantamento da contação fluir para a prosa ficar perfeita. As pessoas, quando participam de uma roda de histórias, ao final falam sempre de algo que as tocou. Neste momento está feita a interação entre as pessoas, mesmo que bem diferentes. Elas conversam de igual para igual. É mágico! É gratificante ouvir das pessoas que a história que contei lhes trouxe lembranças afetivas. Fico feliz, pois as histórias fazem isto mesmo, acordam as memórias afetivas que nem sempre são percebidas. (HORTÊNSIA).

O olhinho brilhando é tudo, é a resposta que eu busco nos meus alunos, não precisa mais nada, esse é o maior ganho, esse brilho no olho está respondendo que de alguma maneira ele está na história, ele está viajando comigo e, às vezes, muito além do que eu possa imaginar. [...] eu acho que essa transformação do contador de história passa por essa sensibilidade com o outro, eu tenho aprendido a ouvir, às vezes não é preciso falar nada, só ouvir, as pessoas estão tão carentes de falar o que sentem, hoje com a tecnologia não se conversa mais olhando nos olhos, é mais virtual, não se vê as expressões, as emoções, então eu acho que as pessoas estão carentes disso e não estão dando um tempo para essa fala. (PRÍMULA).

Uma coisa que eu sempre falo é que contador de histórias gosta de gente, gosta de ter contato, porque é para “gente” que contamos histórias, então não dá para ser indiferente ao outro e ao mesmo tempo querer ser um bom contador, é preciso estabelecer uma ligação com o outro, isso têm-se desenvolvido em mim cada vez mais. Hoje eu tenho mais paciência com o idoso, a minha avó tem Alzheimer, repete 20 vezes a mesma coisa e eu ouço as 20 vezes e respondo as 20 vezes, por que eu entendo que aquele é o processo dela. É um amadurecimento que eu estou conquistando, que é importante ter paciência, de não ser tão apressada, de não querer resolver as coisas tão rápido, porque a contação de história precisa disso, o retorno do ouvinte é importante e ele precisa de um tempo para elaborar o que está ouvindo. (FLORA).

Eu me tornei mais atenta, observo mais o outro, eu percebo mais o encantamento dos pais das crianças que trabalho, antes eu não tinha muita relação com eles, eu acho que as histórias aproximam muito as pessoas, cria laços. (VIOLETA).

Eu sempre me relacionei bem com as pessoas, mas a contação de histórias me deixou mais sensível para perceber o outro, para ver que o outro também sofre, o outro também tem angústias, me sinto menos egoísta. O grande problema hoje é que tudo é “eu, eu, eu”..., o eu é o que importa, meu mundo, minha vontade... e a contação de histórias me permitiu ser diferente disso. Eu tento transmitir a ideia de que a gente tem que se preocupar com o outro, porque eu não vivo sozinha no mundo, eu preciso compartilhar. É meio fantasioso, mas realista ao mesmo tempo, você se pôr no lugar do personagem, você imaginar a situação, é tudo muito rápido, os flashes, então isso deixa marcas, a contação de histórias me deixou mais sensível a isso, a perceber mais as ações e as atitudes. (MARGARIDA).

Sim, principalmente nessa questão de eliminar os preconceitos, se você quer ser um bom contador de histórias, se quer encantar todo mundo, você não pode julgar, e, a partir do momento que você se propõe a não julgar você aceita o que o outro tem para te dar e a maneira que o outro é, é um exercício. Eu acho que eu ainda tenho muito a evoluir, mas comparado ao que era antes, eu já vejo mudança nessa questão de não julgar, do aceitar o outro como ele é, e na potencialidade dele, com o que ele pode oferecer. Por exemplo, em relação aos pais de alunos, antes eu tinha uma postura assim, “mas essa mãe não faz nada por essa criança”, hoje eu observo que essa mãe faz para essa criança o melhor que ela pode, se é muito ou se é pouco, é o que ela pode no momento, porque ela também vem de uma vivência onde os pais talvez não eram presentes, ou

teve uma infância solitária, sem muito amparo, então ela está fazendo o melhor que ela pode, talvez muito melhor do que o que ela recebeu. (MELISSA).

A cada história contada é um novo aprendizado para a vida. Tenho como exemplo o conto “A Protegida de Maria” dos Irmãos Grimm, conheci esta história quando fui fazer o curso de formação em Contação de Histórias, eu estava em um momento da minha vida em que tentava encontrar um significado maior para a minha existência, pois não estava encontrando muito sentido na forma em que estava vivendo. Esta história me ajudou a perceber que todos os seres humanos são passíveis de falhas, mas é a forma que lidamos com isto que faz a diferença. (ANGÉLICA).

A possibilidade de se colocar no lugar do outro, de construir um novo olhar e perceber que há diferenças e que essas diferenças nos tornam únicos, ainda que façamos parte de um todo, são aspectos significativos observados nas narrativas. Nesse sentido, fazer parte do todo não significa nos submetemos a ele, mas implica em respeitar as nossas individualidades sem deixar de ser sensível à individualidade do outro, de se colocar no lugar dele, sem questionar suas ações, ainda que tenhamos opiniões e ações contrárias. Percebe-se nos relatos a construção gradual desse interesse pelo outro a partir da prática da contação de histórias, uma compreensão mais ampla e atenta aos dilemas humanos, flexibilizando julgamentos e ações. É uma questão de sensibilidade e respeito pela natureza humana.

A disponibilidade e o interesse pelo desenvolvimento do outro marcam com leveza e sabedoria a prática da contação. Oportunizar cultura, desencadear alegria, tristeza, esperança, entre outras experiências, é uma forma de propiciar vivências afetivas a fim de criar forças para lidar com as situações da vida. É uma prática poética que busca harmonizar o afetivo e o cognitivo. Assim, viver na imaginação diversas experiências faz do contador de histórias um ser humano que aprende a respeitar o outro nos momentos de maior fragilidade. (ABATE; STOLTZ, 2020, p. 10).

Essa forma de entender o outro vai ao encontro do que Steiner (2000) relatou sobre a necessidade de observar a individualidade humana, uma vez que cada indivíduo é um problema e está envolto por aspetos genéricos e individuais. Para ele, os aspectos genéricos estão relacionados não só aos fenômenos naturais do ser humano, como raça e sexo entre outras particularidades relacionadas a sua origem, mas também ao contexto social em que vive e a condição que ocupa nesse ambiente. Esses são os aspectos gerais peculiares da sua espécie, que o fazem pertencer a um todo de um determinado lugar e tempo. No entanto, os aspectos genéricos não o determinam enquanto indivíduo, o que o diferencia do outro de sua mesma espécie são os aspectos pessoais, ou seja, como cada um se relaciona com as características advindas do todo ao qual pertence e suas

peculiaridades conquistadas a partir de suas próprias vivências. Nesse sentido, Steiner discorre que:

O homem é capaz de desenvolver, em si, propriedades e funções cuja origem estão nele mesmo. Os seus atributos genéricos lhe servem, então, como meio para exprimir a sua entidade individual. Ele se utiliza das propriedades recebidas pela natureza e lhes proporciona uma forma de acordo com a sua própria essência. (STEINER, 2000, p. 69).

Esses aspectos individuais estão relacionados com a possibilidade de liberdade (do pensar e do agir) que o ser humano tanto almeja, e essa conquista ocorre com base nos conceitos intuitivos elaborados a partir de si mesmo e de suas vivências. Nos relatos das professoras, é observado esse conhecimento vivido por meio da prática da contação de histórias e da oportunidade de compreender o outro em sua individualidade, o que também contribui para o seu autodesenvolvimento. Nesse processo, prepondera a receptividade espontânea ao outro, uma vez que “quando se trata de compreender uma individualidade livre, precisamos acolher em nossa mente os conceitos pelos quais ela mesma se expressa, sem interferência dos nossos conceitos” (STEINER, 2000, p. 69). Esse modo de ser e existir pode favorecer a conquista de uma certa liberdade, pois...

Assim como a individualidade livre se liberta das propriedades da espécie, também o discernimento precisa se libertar dos modelos genéricos [...] O homem, à medida que se liberta do genérico [...] passa a desempenhar um papel como espírito livre dentro de uma comunidade. Ninguém é completamente espécie e ninguém é totalmente individualidade. (STEINER, 2000, p. 69).

A prática da contação de histórias contribui positivamente no contexto escolar, na vida profissional, acadêmica e pessoal do professor contador, libertando-o de conceitos e estigmas pré-concebidos, tornando-o mais humano e sensível ao outro e a si mesmo, bem como um pouco mais consciente de seus sentimentos e ações.

Consciência da importância da afetividade

A consciência da importância da afetividade surge a partir da experiência com a contação de histórias. É um processo que permeia as relações sociais e que propicia ao contador e ao ouvinte a amorosidade e o desejo de expressar o seu afeto, tanto a afetividade em relação ao outro quanto em relação a si mesmo são fatores que surgem nos depoimentos, como podemos observar.

Eu acho que eu tenho mais esperança agora, eu acho que eu não tinha muita esperança de um mundo melhor, um amanhã melhor, onde as pessoas sejam melhores, que as pessoas sejam transformadas. Eu acho que agora eu tenho mais esperança ou fé, eu não sei, de que algo melhore, eu acho que é isso, eu acredito mais no ser humano. (VIOLETA).

Eu acho que o que eu aprendo na verdade não é nada de pedagógico, mas um aprender de tomar consciência da importância dessas histórias, porque para mim existe uma questão afetiva por conta da minha avó, por conta das histórias que ela contava e eu gosto de reproduzir essas histórias. É a maneira que eu encontrei de manter essa lembrança viva na minha memória e também de mostrar para os alunos uma realidade diferente, então eu conto por uma questão mais afetiva. (ORQUÍDEA).

Houve uma grande modificação em mim, pois compreendi que as pessoas têm histórias diferentes de vida, isto faz com que as reações não sejam iguais. A partir deste entendimento, é possível tratar as pessoas de forma mais tranquila, entendendo as suas dificuldades. Um exemplo disto é como trato as pessoas do meu trabalho, anteriormente tinha menos paciência para aceitar a opinião dos outros e respondia muitas vezes de forma ríspida os comentários e indagações das pessoas. Compreendendo que cada ser humano tem a sua trajetória de vida, é possível aceitar a forma de tratar as situações da vida de cada um. (ANGÉLICA).

Essa consciência da importância das histórias tem que passar pelo coração, é preciso interiorizar isso, porque a partir do momento que passa pelo coração, aquilo vai trazer significado não só para você, mas também para o outro. Até nos meus planejamentos quando eu coloco contação de histórias eu tenho consciência da importância que isso tem para mim e para os alunos [...] A gente fica mais crítica, porque a gente traz referências da vida vivida antes de ser contador de histórias e quando você tem essa consciência, a gente observa tudo. Conversando no cotidiano com as pessoas eu estou lendo o mundo e isso é encantador, essa possibilidade de ler tudo, as expressões das pessoas, de perceber se estão falando aquilo que realmente querem transmitir, então eu acho que é essa sensibilidade no olhar, no ouvir [...] eu consigo entender algumas coisas, a gente vai aprendendo, porque é uma ferramenta que está ali para aplicar e você só vai aperfeiçoando essa sensibilidade. Você consegue perceber o outro, o seu comportamento, passa a entender os motivos do porquê essa pessoa é como é. Eu entendi alguns traumas da minha vida, alguns comportamentos que eu tinha e eu percebo alguns desses mesmos comportamentos nas pessoas, eu entendo que as pessoas também têm problemas e que precisam de uma transformação para se libertar disso que as prende nessa atitude explosiva, mas que é utilizada como autodefesa. Conseguir observar isso foi muito bom para mim, porque eu também não sabia lidar com isso, porque eu também tinha esses comportamentos e hoje eu tenho essa consciência, por isso eu sou mais ouvinte. (PRÍMULA).

Depois que eu comecei a contar histórias, eu me sinto mais pertencente a humanidade, porque você acaba carregando tudo o que vem antes de você com o dever de passar para quem vem depois. E eu percebo essa noção de tempo que eu carrego e essa responsabilidade. (FLORA).

A afetividade permeia as rodas de contação de histórias e é a partir da narrativa oral que se constrói a consciência da importância dessa troca afetiva, tanto para o contador quanto para o ouvinte. É um momento mágico em que o contador coloca tudo de si, não só relata o conto, mas participa com todo o seu “eu”, incluindo as experiências adquiridas,

tanto as positivas quanto as negativas, absorvidas ao longo de sua trajetória pessoal. Nesse sentido, Abate e Stoltz (2020) afirmam que “a preparação do contador é um ‘tecer’ que se compõe com afetividade, entremeando as imagens das histórias lidas, as contadas, as ouvidas e as vividas” (p. 9).

Podemos dizer que é na sutileza dos gestos, no olhar atento e acolhedor, no timbre da voz, na presença íntegra do contador, na atitude espontânea e natural que flui a narrativa oral, por isso podemos considerar essa prática como um possível atalho para se chegar mais próximo da alma humana. Arriscamo-nos a dizer que a afetividade faz parte de um agir liberto de estigmas tão comuns em nossa sociedade. Steiner (2002) fundamenta essa ideia ao afirmar que “Viver em amor com as próprias ações e deixar viver em plena compreensão da vontade alheia é a máxima dos homens livres” (p. 49) e nos parece que é a essa liberdade que as contadoras se referem quando expressam a importância da contação de histórias nas suas vidas e o quanto tem contribuído para aproximarem-se de fato da essência humana.

Também podemos dizer que por meio da afetividade construímos a confiança e o tão desejado conhecimento. Rodrigues (2015) sustenta essa ideia na seguinte afirmação:

A afetividade se constitui num domínio tão essencial quanto a inteligência para o desenvolvimento do contador de histórias, sendo um elo fundamental para a construção do conhecimento, nessa área do conhecimento artístico tão essencial e ao mesmo tempo tão complexo. (p. 65).

Ter consciência da importância da afetividade na aquisição do conhecimento faz da educação não só um conjunto de conhecimentos que vamos adquirindo ao longo da nossa trajetória escolar, mas também uma oportunidade de viver o aprendizado e nos tornarmos indivíduos mais humanos e afetivos. Outrossim, a partir do relato das participantes, é possível afirmar que contar histórias é uma arte que pode ajudar “a desenvolver a afetividade e a maneira de expressar o amor pelo outro, de chegar ao cerne do outro com sutileza e a buscar nele a sua essência. É nessa relação que se constrói o conhecimento: cognitivo e afetivo” (ABATE; STOLTZ, 2020, p. 12). Esse conhecimento também pode estar relacionado ao autoconhecimento, uma vez que as professoras relatam o quanto se desenvolveram, após se entregarem à arte da contação de histórias.

Autoconhecimento, autoconsciência e autotransformação a partir da contação de histórias

A partir do momento em que os professores se conhecem melhor e tomam consciência de certos aspectos de si, passam a se envolver em um processo de transformação e autotransformação de si mesmo e do entorno.

O caminho de aquisição do conhecimento percorrido pelas professoras por meio da contação de histórias pode ser uma maneira possível de conquistar a desejada liberdade. A participação ativa e o pensar intuitivo estão baseados na essência da consciência individual, caminho possível para o autoconhecimento. Podemos observar essa conquista no percurso diário de suas práticas, na busca pelo conhecimento adquirido no mundo externo e no processo de encontro consigo mesmo, resgatando a verdadeira essência no despertar da consciência de seu agir livre. Steiner (2000) sustenta que há uma essência ordenadora e integradora vivenciada interiormente e o pensar intuitivo é capaz de compreender as ideias e conceitos presentes na força que integra a natureza, respeitando a individuação, mas em harmonia com o todo do mundo (p. 79). Os depoimentos nos comprovam esse movimento individual.

Só quem convive com as histórias no cotidiano sabe o quanto elas nos ensinam. Contar história é uma maneira de se enriquecer de tudo, pois cada uma nos transmite algo, além de nos fazer rever e pensar conceitos que nos foram deixados pelos nossos ancestrais que muitas vezes ficaram esquecidos por alguma razão. Aprendi com elas que os conhecimentos passados são carregados de muitos segredos, segredos que todos nós temos e muitas vezes não nos damos conta deles. Aprendi a respeitar a oralidade, que é cheia de “dizeres” populares, os quais nos dão grandes lições de vida. Aprendi a prestar mais atenção no cotidiano das pessoas e no meu também e que o futuro pode sim ser planejado e conquistado passo a passo, através da nossa jornada pessoal que podemos compará-la com a jornada do herói dos contos de fadas. Aprendi ainda que as histórias vão nos iluminando por dentro, que elas nos curam, nos dão vida. (HORTÊNSIA).

Aprendo muitas coisas, até essa sabedoria de vida que a gente vai adquirindo com as histórias, mesmo que você não queira, você acaba aprendendo. O que mais me marcou foi quando eu tive um problema pessoal sério em que precisava ter muita coragem para agir, porque a minha tendência sempre foi me calar, ficar quieta, abaixar a cabeça, chorar comigo mesma. Nessa situação, eu percebi que não era eu agindo, ou era, mas já era um eu transformado pelas histórias, porque eu incorporava quase que o personagem de uma das princesas de um conto que narro, nessa coisa de olhar nos olhos e ter coragem de dizer não, ser dona de mim mesmo. (FLORA).

Já aprendi muito com as histórias, a questão de perceber, por exemplo, preconceitos. Eu me achava isenta de preconceitos e em algumas histórias você percebe que o preconceito está dentro de você disfarçado e esse aprendizado

eu pude passar também para outras pessoas, contando histórias e dando ênfase em partes específicas, onde isso fica muito claro. (MELISSA).

Eu aprendi a ser uma pessoa melhor e mais paciente, porque eu sou muito agitada, hiperativa mesmo, e com as histórias eu aprendi a ter mais calma, a ouvir mais, ouvir as crianças, porque quando eu conto elas me ouvem, então eu aprendi a ouvi-las também, o que elas falam sobre as histórias. Eu aprendi a tocar no sentimento delas, porque elas falam de coisas que você nem imagina, lembram de coisas que viveram com a família. (VIOLETA).

Eu faço a relação de percepção de mundo, comparando os nossos olhos como se fossem uma lupa. Antes eu enxergava os problemas com a lente de aumento e eles tomavam uma dimensão muito grande, sendo de difícil solução. Agora compreendendo que cada um tem o seu trajeto de vida e não resolve impormos as nossas ideias, mesmo porque nem sempre estão certas, neste momento de vida, enxergo com a lente para o lado que diminui os problemas. Devemos enfrentá-los, mas de maneira mais suave, pois existem coisas boas que podemos enxergar com uma lente de aumento. (ANGÉLICA).

Eu sou feliz por estar tendo a oportunidade de estudar a contação de histórias nesse momento da minha vida, esse é o resumo. A possibilidade desse curso me trouxe, primeiramente, essa transformação pessoal. Isso veio para mim como uma ferramenta de transformação, esse aprendizado de dentro para fora. É uma forma de ressignificar tudo na sua vida, é como uma desconstrução de tudo que você tinha até então e agora você passa a reconstruir tudo isso. Algumas vezes essa reconstrução é dolorida, ela te causa um certo incomodo, mas porque você está ressignificando muitas coisas, é transformador quando algo nos afeta de forma positiva, a gente quer literalmente que contagie todo mundo, porque todos passam por traumas e, às vezes, você não entende algumas coisas da vida, o que é perder alguém, por exemplo, algumas coisas que foram ruins na sua vida e você não entende. Esse conhecimento conquistado por meio das histórias me proporcionou tudo isso, claro que com algumas leituras também, sinto como uma oportunidade que a vida me deu, hoje me sinto plena, essa é a palavra. Essa plenitude de consciência não vai parar por aqui, porque a literatura jamais vai parar na minha vida, eu vou continuar buscando sempre, porque quando algo te traz transformação, te traz significado, você sempre quer mais, então tanto no pessoal como no profissional, eu estou plena. Essa transformação passa por uma autoconsciência, por esse olhar consciente, por essas escolhas conscientes. A contação de histórias e a literatura fazem isso, esse processo de desenvolvimento do contador, ele é transformador. (PRÍMULA).

As narrativas são de mudança de vida, transformação pessoal e profissional, uma ressignificação da forma de viver, uma desconstrução de paradigmas e modos de pensar limitantes que neutralizam as ações e comprometem o próprio desenvolvimento cognitivo e emocional. A contação de histórias surge como uma possibilidade de modificar algo naquele que conta a partir da observação, da internalização do conto e da experiência vivida por meio deste. Na concepção de Steiner (2000), resíduos das imagens que contemplamos externamente, e aqui podemos considerar os contos, permanecem no indivíduo e o enriquecem interiormente. O resultado das imagens absorvidas e elaboradas internamente pode nos guiar no caminho do autoconhecimento. É a partir dessa percepção que podemos sugerir que as observações do mundo externo (contos) influenciam a auto

percepção (mundo interno), mediadas pela consciência daquilo que observo e do meu próprio pensar. Steiner (2000) sustenta essa ideia quando reitera que o indivíduo “pelo fato de dirigir o seu pensar para a observação, ele tem consciência dos objetos; quando dirige o seu pensar para si mesmo, obtém consciência de si próprio, ou seja, autoconsciência” (p. 18).

Levando em consideração os relatos das participantes, a experiência com os contos passa por um resgate de si mesmo, da confiança e da vontade de reorganizar a própria vida, uma vez que as histórias possibilitam um agir vivenciado. Esta sensibilização mobiliza uma ação interior, um despertar profundo, capaz de transformar os medos, as angústias, as insatisfações, ou seja, os aspectos sombrios da vida em algo possível de ser assimilado e modificado. Santos (2013) avalia que “constituir-se como contador de histórias é, antes de tudo, articular processos de autoconhecimento, de formação e de produção de conhecimentos. Através das narrativas de si – sua própria história de vida e as histórias fundantes que cada um guarda” (p. 125).

É neste movimento externo e interno que o professor contador tem a possibilidade de religar-se com a sua essência, com o seu eu, integrando-se ao todo sem abrir mão de sua individualidade. Por meio das histórias, temos também a possibilidade de resgatar as experiências vividas em nossa tenra idade, memórias deixadas no passado, substituídas pelas responsabilidades ou até mesmo por um abandono das experiências infantis, muitas vezes desconsideradas na vida adulta, mas que carregam o sentido de nossa ancestralidade. Barbosa (2017) comenta que “a experiência da narrativa é um misto do fato, imaginação e releitura do narrador. Releitura esta impressa por suas experiências, sua vida” (p. 61). O autor ainda contribui afirmando que:

As histórias têm como característica ‘desdobrar-se’ durante muito tempo na memória dos ouvintes. Não é tão efêmera como a informação. A memória provocada pelas histórias vai sendo passada, resgatada, ressignificada e consolidada na memória. E estas histórias nascem das experiências e trocas [...] não é, de forma alguma, uma informação de fatos ocorridos, de aventuras vivenciadas, ou de imaginações criadas, é a recriação de tudo isso na vivência do contador de histórias. (BARBOSA, 2017, p. 61).

Nesse aspecto, a contação de histórias pode ser para o professor uma oportunidade de ampliar a consciência de si e do mundo, por isso defendemos uma formação de professores continuada voltada para a vivência pessoal, aspecto que nutre o pensar e o sentir, fazendo com que o seu agir seja transformador. Essa oportunidade de pausa para o conhecimento é essencial para que o professor possa se apropriar dele não somente

como uma instrumentalização, mas sobretudo como um espaço de autorreflexão para a reconstrução do si mesmo e para uma autoeducação.

Podemos estabelecer que a prática da contação de histórias possibilita um exercício do “sensível” (intuição), uma vez que esse olhar para si mesmo, essa oportunidade de vivenciar internamente os diferentes conteúdos de forma consciente são aspectos importantes na busca pela autotransformação. Para Steiner (2002), há algo de divino presente nos contos de fadas, algo que, segundo o autor, toca a alma humana. É por meio dessa atitude contemplativa, associada ao exercício da observação, que temos a possibilidade de adentrar no campo da auto-observação, caminho possível para o autoconhecimento. Steiner ainda declara que:

(...) a atuação dos contos de fadas na alma humana é justamente primordial e elementar, pertencendo, pois, aos efeitos inconscientes. Se contudo, tentarmos obter um sentimento do que ocorre nele, esse sentimento nos levará a dizer que o que se expressa nos diferentes contos de fadas não é aquilo que pode atingir o homem numa situação específica da vida, não é um círculo limitado da vivência humana, e sim algo tão profundo, nas vivências da alma humana, que passa a ser comum a toda a humanidade. (STEINER, 2002, p.14).

Entendemos por meio dos relatos que a possibilidade de estudar e contar histórias é um caminho possível para a autoeducação, especialmente do educador, uma vez que este precisa se autoconhecer e se preparar de forma integral, ampliando a consciência de si e do todo. Nesse sentido, podemos inferir que a autoeducação do professor é fundamental para modificar a si mesmo e o seu entorno não só com conhecimento e ações, mas sobretudo com amorosidade e respeito pela individualidade de cada alma humana que toca.

4.2 ANÁLISE DOS DESENHOS

Na investigação dos sentimentos das professoras com relação à prática da contação de histórias foram utilizados desenhos. Ao final da entrevista individual, a pesquisadora solicitou que cada participante representasse por meio de um desenho e escrevesse três sentimentos despertados, considerando a orientação: A contação de histórias na minha vida.

Utilizamos os desenhos com a intenção de explorar os sentimentos relacionados à prática da contação de histórias de uma forma criativa e não verbal, buscando sair um pouco da narrativa oral e seguir por uma narrativa criativo-artística, ou seja, as professoras

tiveram a oportunidade de contar um pouco da história pessoal usando uma linguagem que se aproxima da estética. Os sentimentos expressos nos desenhos puderam ser observados e descritos pelas participantes por meio de palavras-sínteses, sendo uma forma de significar a sua expressão, trazendo para a verbalização a afetividade representada no desenho. Bomfim (2010) sustenta essa ideia quando relata que os desenhos são:

Recursos imagéticos reveladores dos afetos que, juntamente com a linguagem escrita dos indivíduos pesquisados, nos dão um movimento de síntese do sentimento. O desenho é a criação de uma situação de aquecimento para a expressão de emoções e sentimentos e a escrita traduz a dimensão afetiva do desenho. (p. 137).

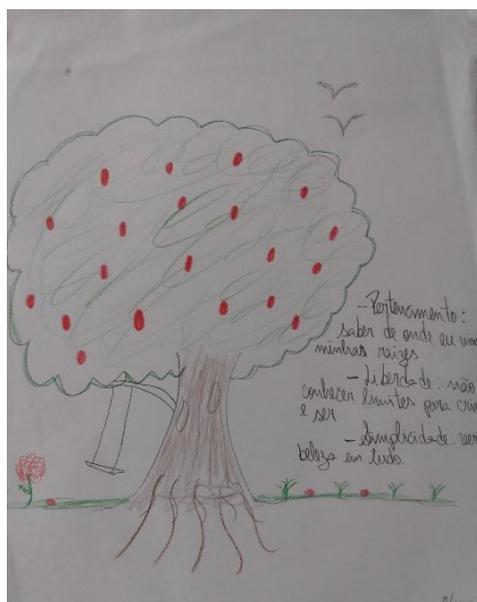
Empregar desenhos na coleta de dados é uma tarefa complexa, uma vez que muitos adultos têm dificuldade de se expressar dessa forma, alegando não saber desenhar. Foi o que aconteceu com algumas participantes, que reagiram com certa insatisfação diante à solicitação de realizar um desenho, demonstrando certa “vergonha” de sua expressão e relatando que seus desenhos são muito infantis. Foram tranquilizadas pela pesquisadora que disse que a qualidade do desenho não seria levada em consideração, mas sim o motivo, a intenção e a sua representação, mencionou também que seria uma forma mais espontânea de se expressarem. Essa situação nos mostrou que as professoras não estão acostumadas a se expressar de forma criativo-artística, sendo esta uma maneira positiva de desenvolver um pensar vivenciado de sua prática (STEINER, 2000). Bomfim (2010) também aborda dessa dificuldade de expressar os aspectos internos na seguinte passagem:

Investigar sentimentos e emoções [...] é um processo difícil de se operacionalizar porque eles, normalmente, não são identificados e nomeados com facilidade. Poderíamos dizer que as sensações, emoções e sentimentos, como parte de uma linguagem interior, podem ser muitas vezes intangíveis como expressão exterior. (p. 136).

A análise dos dados teve uma abordagem qualitativa a partir da observação dos desenhos, tendo como suporte os sentimentos e as palavras-síntese atribuídas pelas participantes. Foram identificadas três categorias após a organização, aglutinação e inúmeras leituras das palavras-sínteses, bem como da observação, do motivo e da representação estética dos desenhos, sendo elas: memória afetiva da infância, afetividade no processo e transformação pessoal.

Na categoria memória afetiva da infância encontramos as imagens, os sentimentos e as palavras que representam o lugar que a contação de histórias ocupa na vida de cada contadora. Observamos imagens da infância, da brincadeira e de momentos de alegria que habitam o imaginário das professoras contadoras e que podem ser revisitados por meio da narrativa oral. Há uma harmonia da expressão estética e dos sentimentos expressos, representados por uma valorização das próprias raízes, uma devoção à ancestralidade, um sentimento de pertencimento a um outro tempo. Nesse sentido, percebe-se um desejo de manter viva a herança afetiva das histórias vividas, cultivando o elo de ligação com essa ancestralidade, é como se tivessem reencontrado o seu lugar, em comunhão com a própria essência. Como mencionado por Bomfim (2010), o desenho é uma possibilidade de expressar as emoções de forma livre para depois, por meio de palavras, nomear os sentimentos ali expressos. É possível identificar essas qualidades nas FIGURA 3, 4, 5, 6 e 7.

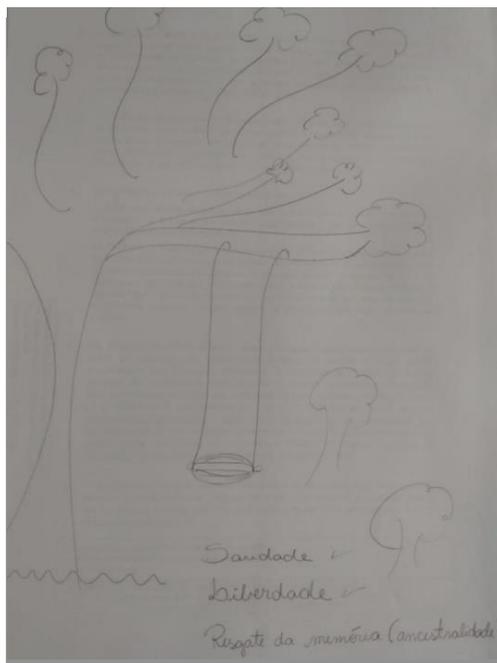
FIGURA 3 –DESENHO DA PARTICIPANTE JASMIM



FONTE: Participante Jasmim (2019)

Sentimentos: “Pertencimento: saber de onde eu vim, minhas raízes; Liberdade: não conhecer limites para criar e ser; Simplicidade: ver beleza em tudo” (JASMIM).

FIGURA 4 – DESENHO DA PARTICIPANTE ORQUÍDEA



FONTE: Participante Orquídea (2019)

Sentimentos: “Saudade, liberdade, resgate da memória - Ancestralidade” (ORQUÍDEA).

Eu representei a minha infância. Eu entendo como um aprender a tomar consciência da importância das histórias, porque para mim existe uma questão afetiva, por conta da minha avó, por conta das histórias que ela contava e eu gosto de reproduzir essas histórias. [...] é a maneira que eu encontrei de manter essa lembrança viva na minha memória, as histórias falam muito da gente e me ajudou a voltar nesse momento da minha vida [...] eu acho que isso foi um resgate para mim, foi um momento de descobrir a minha identidade, um retorno ao passado, trazer para o meu futuro, para o meu presente e trabalhar com isso, então para mim foi uma descoberta, um me reencontrar comigo mesma. (ORQUÍDEA).

Observamos que as imagens criativo-artísticas elaboradas a partir do repertório pessoal de cada contadora oportunizaram uma experiência estética que conta um pouco de suas experiências e memórias afetivas que as nutrem de um sentimento de pertencimento e valorização do legado advindo da ancestralidade. Essas imagens resgatadas a partir da prática da contação de histórias nos remetem a refletir sobre o pensamento de Steiner (2002) de que há algo de profundo e divino nos contos de fadas e que essas experiências tocam a alma humana (psique), assim como a vivência estética também é tão profunda que vai além da alma humana, sendo “[...] primordial e elementar, pertencendo, pois, aos efeitos inconscientes” (p. 3). Entendemos que a experiência artístico-criativa é uma possibilidade de vivenciar e trazer para o consciente imagens

adormecidas no inconsciente e que podem contribuir para o processo de autoconsciência desde que sejam elaboradas e compreendidas pelo pensar.

FIGURA 5 – DESENHO DA PARTICIPANTE DÁLIA



FONTE: Participante Dália (2019)

Sentimentos: “esperança, criatividade, amor” (DÁLIA)

Essa herança afetiva das histórias é observada nas produções criativo-artísticas e nos mostram um sentimento de continuidade, algo que iniciou na infância, memórias que estavam adormecidas e que foram resgatadas a partir da prática da contação de histórias. Steiner (2002, p. 14) aborda a importância da união das “raízes humanas às raízes da existência” e que os contos de fadas podem proporcionar essa vivência, independentemente da idade que temos. Podemos observar nos desenhos esse elo de ligação com as origens das participantes, como se fosse um aprendizado passado de mãe para filha, entretanto não estamos ligados somente a essa relação familiar, mas também à existência de toda a humanidade. Nesse sentido, podemos nos apoiar na ideia de que “é por esta razão que o pensar vivenciado representa a possibilidade de nos transcendermos” (STOLTZ; WEGER, 2015, p. 5) e de nos possibilitar uma autoconsciência. Ainda nessa perspectiva, Steiner (2002) relata que:

O ser humano, mesmo ao se entregar ao racional, ao intelectual, nunca consegue desprender-se das raízes da existência, e, justamente quando ele tem de estar entregue ao máximo à vida, está mais intimamente ligado às raízes da existência; e é por isso que ele, quando tem uma índole saudável e correta, retorna com prazer aos contos de fadas, independentemente de sua faixa etária. (p. 14).

A participante Hortênsia preferiu produzir dois desenhos, um representando as memórias da infância e outro retratando o momento atual.

FIGURA 6 – DESENHO DA PARTICIPANTE HORTÊNSIA – CASA DOS AVÓS MATERNOS



FONTE: Participante Hortênsia (2019) – Primeiro desenho

Sentimentos: “Memórias, imaginário, alegria” (HORTÊNSIA)

Essa é a casa dos meus avós maternos onde passei a minha infância e onde ouvi as minhas primeiras histórias, ao pé de um fogão à lenha. As memórias de minha infância feliz até hoje povoam meu imaginário. A fogueira me reporta às festas juninas, nessa época a casa da fazenda ficava repleta de crianças e adultos. Foi um tempo de muita alegria e muitas histórias que até hoje trago na memória. (HORTÊNSIA).

FIGURA 7 – DESENHO DA PARTICIPANTE HORTÊNSIA – TEMPO DE HOJE



FONTE: Participante Hortênsia (2013) - Segundo desenho

A árvore é de meus tempos de agora quando me tornei uma Contadora de Histórias. Nela, eu vejo as fadas que me acompanham desde criança. Os baús são onde guardo minhas memórias. A borboleta é meu imaginário que voa constantemente, alimentando-se das histórias que hoje pesquiso para contar.

As bonecas são minhas eternas companheiras, com elas aprendi a amar o mundo. A lâmpada do Aladim é a memória viva dentro de mim, das histórias clássicas que nunca serão esquecidas, os clássicos moram no meu imaginário. Hoje vivo das histórias e com elas eu alimento meus dias. Esta é a árvore que enfeita meu cantinho das histórias, com meus baús e tudo que me reportam a elas. Ela está em minha sala de eventos e estudos, fui eu mesma que a fiz com as fadinhas nela dependuradas. (HORTÊNSIA).

A atividade artístico-criativa proporcionou a comunhão desses dois tempos, o tempo de antes e o tempo de agora, somado a um pensar reflexivo sobre a sua existência, aquilo que faz sentido e que forma o seu “eu”. Stoltz e Weger (2015) refletem sobre a proposta dessa experiência com a arte.

Esta atividade traz elementos essenciais que indicam uma busca de sua verdade em sintonia com uma visão integrada de mundo. Mais ainda, trazem à tona a necessidade da expressão artístico-criativa, mesmo para os que não têm a sua vida pautada pela criatividade e pela arte. Por outro lado, aponta para a importância do desenvolvimento do pensar em relação à própria existência, em busca de seu sentido e da sua verdade. (p. 13).

Na categoria afetividade no processo, encontramos as imagens, os sentimentos e as palavras que representam o lugar que a contação de histórias ocupa na vida de cada professora contadora. Essa categoria foi dividida em afetividades positivas e negativas. Nas positivas, consideramos os sentimentos e palavras despertadas pela contação de histórias, sendo: sensibilidade, sentimento, sentir, amor, carinho e doação. Podemos observar essas qualidades nas FIGURAS 8 e 9.

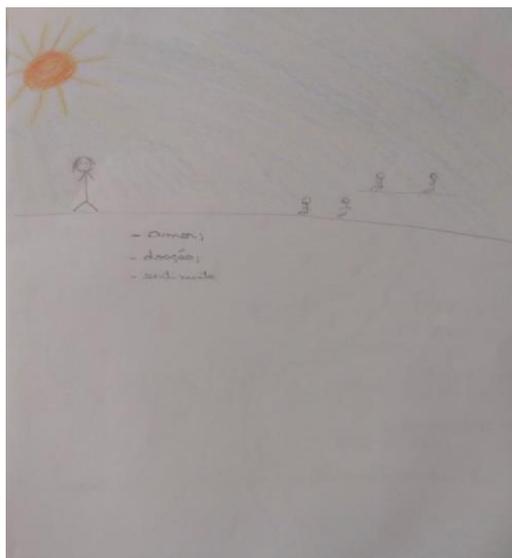
FIGURA 8 – DESENHO DA PARTICIPANTE VIOLETA



FONTE: Participante Violeta (2019)

Sentimentos: “Sensibilidade, Carinho e amor” (VIOLETA)

FIGURA 9 – DESENHO DA PARTICIPANTE MARGARIDA



FONTE: Participante Margarida (2019)

Sentimentos: “Amor, doação e sentimento” (MARGARIDA)

Observou-se que a afetividade positiva caminha lado a lado com aspectos negativos que também podem ser despertados e ressignificados. Esses aspectos podem estar relacionados aos sentimentos de medo e dor conforme expresso na FIGURA 8, mas que também podem ser observados e compreendidos a partir de um novo olhar. Assim, a contação de histórias apresenta a possibilidade de imaginar, pensar e vivenciar novas possibilidades, estando presentes sentimentos afetivos opostos, positivos e negativos, mas que povoam o imaginário do professor contador de histórias, contribuindo para o seu autodesenvolvimento. Observamos nessa experiência artístico-criativa as emoções e sentimentos de natureza diversa, como se a contação de histórias ressoasse em sua imaginação, ecoando as experiências vividas pelo pensar. Steiner valoriza a expressão artístico-criativa uma vez que por meio da arte o homem “confere a si mesmo a liberdade como forma de sua existência e transforma o mundo em beleza, ou seja, em expressão imediata da verdade e da liberdade que conseguiu individualizar” (VEIGA, 1994, p. 14).

FIGURA 10 – DESENHO DA PARTICIPANTE ROSA



FONTE: Participante Rosa (2019)

Sentimentos: “Emocionar, possibilitar, ouvir, liberdade, permitir, criar, medo, sentir, prazer, pensar, leve, rir e dor” (ROSA).

Na categoria transformação, encontramos as imagens, os sentimentos e as palavras que representam o caminho percorrido pelo contador de histórias, suas experiências e a observação de sua própria transformação e daqueles que ouvem suas histórias. Essa transformação é permeada de amor, alegria, felicidade, compreensão e novamente um sentimento de pertencimento, um encontro com o sagrado que habita o mundo dos contos de fadas e que nos reorienta na busca pelo eu interior. É possível observar essas qualidades nas FIGURAS 11 e 12.

FIGURA 11 – DESENHO DA PARTICIPANTE MELISSA



FONTE: Participante Melissa (2019)

Sentimentos: “Amor, pertencimento e felicidade” (MELISSA).

Quando eu estou contando histórias eu me sinto indo por um caminho realmente de luz e é como se eu levasse as pessoas para esse caminho também, é como se as pessoas me seguissem por esse caminho. Por isso que a gente sempre diz que as histórias nos unem, vamos todos juntos para um caminho de luz, as pessoas ficam mais felizes, mais emotivas, mais tocadas quando se envolvem realmente numa história. (MELISSA).

FIGURA 12 – DESENHO DA PARTICIPANTE ANGÉLICA



FONTE: Participante Angélica (2019)

Sentimentos: “Pertencimento, compreensão e alegria” (ANGÉLICA)

Os desenhos, os sentimentos e os depoimentos denotam uma experiência de transformação, uma oportunidade de vivenciar as imagens elaboradas a partir da prática e a ressonância com a própria vida. Na perspectiva de Bomfim (2010), “o desenho deflagra um sentimento, uma forma do sujeito estar implicado na experiência” (p. 221) não só da representação artística, mas também das emoções que habitam sua imaginação, trazendo para a consciência as experiências vividas e adormecidas.

Nesse sentido, podemos concluir que as participantes trouxeram muitos elementos inconscientes para a experiência artístico-criativa e que a necessidade de escrever sentimentos em palavras-síntese foi uma forma de contribuir para a ampliação da consciência a partir da reflexão. Essa experiência foi ainda mais elaborada pelas professoras que sentiram a necessidade de expor suas emoções por meio de texto explicando os sentimentos que quiseram transmitir por meio dos desenhos. Essa atividade oportunizou às participantes a possibilidade de esboçar os sentimentos e as emoções vividas pela contação de histórias, transformando em arte as experiências inconscientes e em palavras-síntese a consciência de uma prática vivenciada. Entendemos que foi uma proposta muito rica a de propor a realização de desenhos e a expressão de sentimentos com relação a prática de contação de histórias em suas vidas.

4.3 ANÁLISE DO GRUPO FOCAL

O trabalho com o grupo focal permitiu a interação das participantes que puderam argumentar, explicar sua forma de pensar e suas ideias, tendo como proposta o tema: O autodesenvolvimento a partir da contação de histórias. Na perspectiva de Gatti (2015), foi possível reunir uma variedade de informações consistentes, abrangendo conceitos e preconceitos, opiniões e ideias, valores, sentimentos e ações que nos permitiram compreender a ação das histórias no processo de autodesenvolvimento das professoras contadoras. A partir da leitura minuciosa de todo o material foram agrupadas as informações e elaboradas as categorias: satisfação pessoal, afetividade e autodesenvolvimento, considerando o plano de trabalho inicial proposto ao grupo.

O poema de Rudolf Steiner lido no início da atividade com o grupo como forma de aquecimento criou um bom clima para o diálogo (GATTI, 2015) e provocou algumas reflexões acerca da importância da linguagem e da imagem experienciada pelo professor contador de histórias em sua prática. Podemos destacar a seguinte reflexão:

Pensando com a poesia, ela dá um início para gente começar a falar o que a gente sente, então eu destaco o primeiro verso “A quem entende o sentido da linguagem o mundo desvendasse em imagem”, quando você lê um conto, esse conto vai pertencer a você na mesma hora em que está lendo, as imagens vão se formando. Isso ajuda muito o contador de história, essa sensibilidade, o sentir a história, porque quando nos identificamos com o texto ele passa a fazer parte de nós, a gente tem que desvendar essa história para que ela se transforme em imagem para que a gente possa passar para o aluno. E fazendo isso a gente sente a alma dessa história e cada vez mais ela vai se apropriando do contador, vai fazendo parte do nosso ser e ela não sai mais. Não são todas as histórias que nos tocam e que queremos contar, mas aquelas que nos tocam, a história que realmente conseguimos transformar, a linguagem em imagem, e que a gente conseguiu fazer entender o que estava escrito, essa história nunca mais sai de dentro de nós, ela não é mais do autor, essa história já é do contador. (VIOLETA).

Essa reflexão nos remete a pensar que as histórias habitam não só o pensamento do professor contador de histórias, mas também a sua alma, sendo algo profundo que se enraíza na essência do seu ser. Aqui está implícito que o contador não é só aquele que profere as palavras escritas nos livros, mas acima de tudo, tem a sensibilidade para sentir a história, para transformar a linguagem em imagem para depois dar vida a essas imagens por meio da oralidade, trazendo-as para o tempo presente, mas agora transformadas pela presença de alma do contador. Nesse sentido, Steiner contribui com a afirmação de que:

[...] o conto de fadas expressa o mais profundo da vida espiritual do modo mais simples possível. Na verdade, aos poucos sentimos que em toda vida artística consciente não existe arte tão grandiosa como a que completa o caminho, levando das profundezas incompreendidas da alma às imagens encantadoras, muitas vezes lúdicas, do conto de fadas. (STEINER, 2002, p. 13)

Considerando as palavras de Steiner, podemos entender que o poema resgatou as imagens que habitam a alma do contador de histórias e a reflexão da participante ilustrou a importância de trabalhar com a arte no desenvolvimento humano. A mesma professora relatou estar passando por dificuldades em seu trabalho e que isso tem lhe provocado um certo descontentamento, mas tem se esforçado muito para não deixar transparecer para os seus ouvintes, e completa dizendo:

Eu tenho plena consciência do que é a contação de histórias, o que o contador espera e o que o ouvinte espera, a importância do que eu tenho que passar na narrativa. Eu me sinto com essa obrigação, é uma cobrança minha, então para mim está difícil. Eu estou sofrendo muito, porque eu não quero contar histórias por contar, contar somente o que eu li, o vazio... eu quero contar história ... é bem complicado, mas a poesia faz dar um ânimo, eu senti um respiro, uma revigoração, muito obrigada, Senhor Rudolf Steiner...risos. (VIOLETA).

Os temas da nossa realidade pessoal também podem surgir a partir da prática da contação de histórias e nos ajudam a refletir sobre o nosso “eu”, nossos desejos, nossos ideais, ou seja, o que nos move a continuar na caminhada rumo ao autodesenvolvimento. Esse processo não é simples, não é fácil, requer do professor contador de histórias uma dedicação não só no fazer, mas nas reflexões a partir desse fazer, e no pensar sobre essas reflexões, uma autoconsciência de suas ações no mundo. Esses aspectos estão associados às sensações e aos sentimentos individuais de cada ser humano, fator primordial no processo de autoeducação (STEINER, 2000).

A categoria satisfação pessoal está relacionada ao prazer e à emoção sentida pelo professor ao contar uma história, principalmente quando percebe que de alguma forma a sua narrativa toca o ouvinte ou também quando encontra uma explicação para o que acha que possa ser inexplicável. Podemos observar esse conteúdo nas ideias expostas pelas participantes.

Quando a gente conta para um público infantil e um público adulto juntos a gente vê o encanto nos olhos deles, isso é algo que nenhum dinheiro paga, [...] esse é um tipo de pagamento que ninguém pode tirar da gente, o dinheiro o ladrão pode até levar, mas essa satisfação, essa emoção que a gente recebe de volta fica com a gente, porque não só o ouvinte se emociona, mas nós quando contamos, ouvimos e sentimos isso de volta e é gratificante ter essa recompensa. (JASMIM).

O entendimento, acho que é nisso que as histórias nos ajudam, a ter um entendimento do que são as coisas, do que são as coisas da vida, do como explicar determinadas coisas, que a gente fala, mas que não conseguimos explicar, acho que é isso, são essas explicações que a gente não consegue ter de uma forma teórica, mas a gente consegue ter por meio das histórias. (MELISSA).

A criança chegar em casa e contar a história e o pai ir lá na biblioteca para querer ver o livro ou pedir a história porque ele gostou, porque o filho contou para o pai, então isso é gratificante, isso é nosso, isso ninguém leva, esse sentimento é nosso, é muito bom, isso alimenta a alma, da força de abrir o próximo livro, procurar a próxima história, tentar chegar lá, isso é muito bom, é um acalento. (VIOLETA).

Observa-se que essa satisfação sentida pelas participantes alimenta mais do que a motivação, alimenta também a autoestima e a alma humana, é algo que transcende o ato de contar histórias, contribui para a percepção de si mesmo e para o que está em seu entorno, refletindo positivamente no processo de autorreflexão. Nesse sentido, Steiner (2002) nos fala que o ser humano tem prazer em revisitar os contos de fadas porque “mesmo ao se entregar ao racional, ao intelectual, nunca consegue desprender-se das raízes da existência, e, justamente quando ele tem de estar entregue ao máximo à vida, está mais intimamente ligado às raízes da existência” (p. 14).

Retornar aos contos de fadas por meio da contação de histórias é como entrar em contato com a própria essência, é deixar percorrer por todo o seu ser as imagens que de alguma maneira alimentam o seu interior, o seu “eu” e contribuem para o autodesenvolvimento. As professoras falam de uma realização que vai além de uma satisfação com o trabalho profissional e com o prazer pessoal, mas também de um bem-estar que lhes promove momentos de autorreflexão sobre a sua atuação no mundo. Observamos aqui um pensar vivenciado no percurso profissional e de vida das participantes.

A categoria afetividade diz respeito não só ao afeto compartilhado na narrativa oral ou à percepção que o contador tem da maneira como aquele conto ou aquele afeto chega ao ouvinte, mas também às emoções vividas pelo próprio professor contador em sua prática diária.

Cada vez que estamos contando uma história estamos vivendo aquela história, é isso que eu percebo quando eu conto uma história, é como se eu revivesse todas aquelas imagens novamente e aí partilhar isso com os ouvintes é levar para eles o que emocionalmente eu também vivi, porque eu não levo só as palavras, eu levo também a minha emoção, os meus sentimentos, a minha experiência com aquelas imagens. [...] parece que a gente toca algo que a gente não tem muito controle, muito domínio, a gente toca algo muito especial no outro [...] parece que cada história deixa um pouquinho dela em nós e aí quando

a gente passa para o outro a gente está passando um pouco de nós para o outro. (MELISSA).

Contar histórias é tão importante, porque a gente está provocando sentimentos no outro e, de repente, uma história que a gente ouve ela determina mudanças na nossa vida, eu penso que posso fazer melhor, acho que eu vou mudar e isso é muito legal. A gente não tem nem noção, mas de repente uma palavra que a gente falou fez com que aquela pessoa se determinasse a mudar alguma coisa na sua vida, a fazer algo mais. [...] ouvir histórias me tocou muito, me impactou profundamente e eu pensei é isso que eu quero, é aqui que eu quero continuar. (JASMIM).

Aqui contemplamos a atenção direcionada ao fazer diário, um fazer intencional, focado na observação e no pensar, entremeados pela afetividade e dedicação. Na perspectiva de Steiner (2002), é relevante a observação e o pensar no processo cognitivo, aspectos que antevêm o pensar sobre o pensar, elemento fundamental para o individualismo ético.

Também aparecem sentimentos negativos com relação a prática da contação de histórias, uma vez que, na maioria das vezes, o professor contador não é respeitado pelos colegas, sente-se desvalorizado. Ele dedica mais horas diárias ao seu trabalho porque precisa selecionar e preparar a história para o seu público e isso não é visto ou reconhecido, o que lhe provoca momentos de insatisfação. É o que podemos observar nos depoimentos:

Contar histórias é muito difícil, às vezes, as pessoas falam “vai contar uma historinha” diminui o trabalho que temos, mas não é só uma historinha, porque você não está só contando a história, você está dando emoção, você está dando vida, você está dando cor, o contador de histórias ele tem uma função muito importante na sociedade, o aconchego. [...] é um sonho contar histórias, só que eu estou numa fase de sonho nebuloso, mas eu não posso fazer com que o ouvinte perceba isso, então é muito cansativo, porque na hora de passar as emoções não dá motivação e se torna desgastante, mas isso ninguém percebe, não sinto nenhum respaldo nesse sentido. (VIOLETA).

Eu sinto que o educador e também o contador de histórias não podem desanimar, isso não é possível na nossa profissão, porque a vontade tem que estar mais a flor da pele, tem que ter emoção, tem que trazer esse “ser” e se esse “ser” estiver lá recuado, realmente é uma coisa sobre humana, você tem que fazer uma força maior do que você faria. Não dá para o contador de histórias colocar só as palavras lidas, porque isso não passou por você, isso não te fez sentido, ou seja, é uma entrega total. (MELISSA).

O professor contador lida com situações de constrangimento em que é tratado como aquele que conta “historinha” e que não ensina. O desdém de seus colegas muitas vezes está ligado a uma não compreensão da educação, que passa pelo viés da linguagem, da imaginação e da afetividade e que esses aspectos podem ser trabalhados por meio da

contação de histórias. Entretanto, é percebido que o contador de histórias por amor ao que faz e numa busca pelo autodesenvolvimento se recupera rapidamente e encara as frustrações como desafio, o que o motiva ainda mais na sua jornada pessoal e profissional.

A contação de histórias parece ter um efeito revigorante, uma vez que temos a oportunidade de trabalhar com as vivências internas adormecidas, trazendo-as para um novo contexto e sob um novo olhar, bem como dissolver as imagens cristalizadas. Na perspectiva de Steiner (2000), a possibilidade de trabalhar no campo do “sensível” nos ajuda a termos consciência do nosso eu, da nossa essência, na medida que lidamos com os obstáculos que nos impedem de deixar fluir as nossas ideias e ações. A experiência com os contos pode nos ajudar a refletir sobre nossa realidade pessoal, nos despertar para a consciência de nossas ações no mundo, auxiliar no processo de autoeducação, uma possível liberdade pensada e vivenciada.

A categoria autodesenvolvimento está atrelada a todo o processo de autoeducação vivido pelo professor contador de histórias a partir da consciência de si mesmo, da transformação pessoal e da sensibilidade para perceber e lidar com o entorno. Destacam-se os aspectos de mudança de vida e paradigmas, de transformação pessoal e profissional, ressignificando a forma de viver.

Enquanto você não vai no fundo do seu ser, você não consegue tocar outros seres, então isso está ainda em construção, é a parte mais difícil. Quando você vê a contação de história, pensa: ‘Nossa, eu não vou conseguir decorar ou me posicionar corretamente’, mas isso é o mais básico, mais natural, o difícil é lidar com as emoções dentro de você para poder passar para os outros sem perder o controle, sem se deixar levar demais a ponto de perder a história. Eu acho que esse autodesenvolvimento passa pela libertação das crenças limitantes e isso é muito difícil, porque é preciso procurar muito dentro de você o que te limita. A contação de histórias está me ajudando, porque eu tenho que gostar do que eu aparento para que o outro goste também, senão eu estou passando uma linguagem negativa, uma linguagem ruim, se eu não me aceito, se eu não gosto do que eu tenho aqui. Então eu vejo assim, que é bem construtivo enquanto pessoa, essa passagem, é um crescimento pessoal, é o maior que eu já tive, não é só um crescimento profissional, mas simplesmente pessoal. O que eu estou conseguindo para mim é para vida, é para toda a minha vivência, para quem está perto de mim, as pessoas colhem disso também, porque eu me torno uma pessoa melhor, então eu vejo que a contação de histórias é uma vida nova e que eu gostaria que todo mundo conhecesse. (MELISSA).

Eu acho que é isso, a contação de história me fez crescer profissionalmente e pessoalmente, como pessoa, intelectualmente, devido aos diferentes textos, isso dá um crescimento muito grande no relacionamento com os meus colegas, com minha família acho que isso mudou minha vida, a história mudou minha vida. Eu conto um pouco do que eu sou, sobre o que eu era e não sabia que eu era, estava lá escondido em mim e que eu estou descobrindo aos poucos. Eu acho que quem conta histórias, os contos de fadas principalmente, se torna um ser humano melhor. Eu aprendi a lidar com a finitude da vida, eu fico triste, eu

choro, mas eu entendo e não deixo que esse sentimento tome conta de mim e foram as histórias que me ensinaram isso. (VIOLETA).

Muitos falam que é a história que escolhe você, mas, às vezes, você tem mesmo acesso a uma história que realmente é para você, isso traz algo que eu acredito que ajuda a tirar algumas amarras que nos prejudicam. Eu penso que estar aberta para esse sentimento é uma forma de conhecimento, e também tudo que o estudo me faz, também eu aprendi muito depois que eu passei a olhar a contação como algo profissional, eu passei a estudar teorias, e querer me preparar, querer contar de uma maneira melhor, não de qualquer jeito como era antes, então isso é uma maneira de valorizar a minha aprendizagem mesmo, de aprender uma coisa nova, contar histórias traz uma visão de mundo, é um desenvolvimento não só com relação às histórias, mas com relação a mim mesma. Eu acho que é mais em relação a isso, ao pessoal, como indivíduo mesmo, você passa como no meu caso a resgatar uma identidade. Acho que a contação de histórias me ajudou a me conhecer e me identificar, a achar o meu espaço e um conforto também, porque se você está contando algo que te diz alguma coisa, você se sente confortável. Eu na sala de aula me sinto muito confortável contando história, eu brinco, dou risada, faço vozes e eles adoram, mas é porque eu estou confortável com uma coisa que eu estou fazendo que é minha, que diz sobre mim. (ORQUÍDEA).

Eu acho que esse desenvolvimento, esse olhar de permitir que cada um tenha a sua característica como contador, cada um tenha a sua história, e a gente vai se construindo, cada um vai pegando um pouquinho do jeitinho do outro, porque eu vejo que isso é a essência da vida, é isso, pegando cada um o jeitinho de cada um e vai se construindo, e daqui a pouco você não é só você, você é um pouco de todo mundo que passou pela sua vida, cada um que contou suas histórias. Acho que isso é que é o bacana, acho que esse é o desenvolvimento humano que seria o meu sonho de consumo, que todos entendessem essa importância das histórias, não só ela lida, mas contada oralmente, as pessoas poderem contar as histórias da sua família, histórias dos seus antepassados, as histórias que são construídas de forma imaginária e que te transformam em uma pessoa cada vez melhor. Eu acho que isso é o principal, essa sensibilidade para o olhar do outro, no sentido de desenvolvimento, de me tornar um ser humano. É isso, a contação e a literatura não mudou o intelecto, ela me permitiu ser um ser humano melhor, me colocar no lugar do outro, não julgar sem conhecer a história dele, eu não quero julgar o outro a partir da minha história. É muito mais do que ter me tornado uma ótima professora, é ter me tornado um ser humano melhor, é isso que faz com que eu queira ser uma professora melhor, uma contadora de histórias melhor. (ROSA).

Os depoimentos nos mostram o processo de autodesenvolvimento experimentado pelas professoras contadoras de histórias a partir da prática diária, uma prática não só vivenciada na sala de aula, mas também estudada e vivida numa perspectiva maior, com a intenção de ampliar o conhecimento de si mesmo e dos que estão ao seu entorno. Em uma visão steineriana (STEINER, 2002), essa dimensão empírica do trabalho com os contos lida com as minúcias e as delicadezas presentes na alma humana, aspectos que reverberam em experiências subjetivas em que a consciência caminha lado a lado com a cognição, refletindo em uma reconstrução da identidade daquele que se aprofunda na arte da narrativa oral.

O trabalho em grupo nos deu a oportunidade de observar diferentes opiniões e perspectivas sobre a prática cotidiana, bem como ações e comportamentos relacionados à contação de histórias, uma discussão ampla, profunda e enriquecedora, que segundo Gatti (2015, p. 11), constitui “uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias” utilizadas por pessoas que partilham de uma mesma especialidade.

Chegamos à conclusão de que o processo de autodesenvolvimento aparenta ser uma meta de vida das participantes, motivado pela prática da contação de histórias que abriu novas perspectivas a partir de um novo olhar para as próprias experiências vividas. Podemos observar nos depoimentos que a magia dos contos de fadas manifesta-se em eventos sutis e individuais percebidos com base na autoeducação a partir da autoconsciência, sendo uma experiência surpreendentemente única ancorada pelas histórias pessoais. É nesse sentido que Steiner (2002) considera os contos de fadas como alimento essencial para a alma humana, tendo uma repercussão inconsciente e que é partilhada por toda a humanidade independentemente da fase da vida. Nas palavras de Steiner, “por trás da consciência cotidiana, reina outra camada da vida anímica, repleta de sabedoria e mais profunda” (STEINER, apud. WEHR, 2018, p.166). Sob essa ótica podemos pensar que à medida que a contação de histórias fizer parte da autoeducação de professores, estes terão uma maior aproximação e aprofundamento da alma humana, culminando em níveis mais elevados de autoconsciência e repercutindo positivamente tanto em sua prática profissional quanto, de maneira ainda mais significativa, em suas vidas.

4.4 DISCUSSÃO

Os resultados sugerem que a prática regular da contação de histórias pode ser um importante aliado na formação de professores, colaborando primeiramente para a autoeducação que alimenta a consciência de si mesmo e a consciência da individualidade do outro, refletindo-se num processo contínuo de autodesenvolvimento.

Nas análises, identificamos o autodesenvolvimento cognitivo do professor contador de histórias como um processo contínuo de busca pelo conhecimento integrando conceitos aprendidos por meio das histórias que leem e contam e relacionando-os às histórias vividas ou ouvidas por outros. Essa ressonância das histórias literárias com as experiências vividas pelo contador possibilita uma ampliação da visão de mundo em

profundidade e consciência. Observamos nos relatos um misto de paixão e prazer, de aprendizado e conhecimento que enriquece não só a cognição, mas também a alma humana, sendo um processo produtivo que ressoa em novas buscas, oportunidades e desafios, fortalecendo o processo ensino-aprendizagem também descrito em Barbosa (2017) e um pensar criativo na educação, igualmente relatado por Montezi e Souza (2013). O conhecimento e a amplitude de visão de mundo ajudam os professores a construir um pensar reflexivo, culminando numa análise crítica com maiores subsídios para sustentar ideias e pontos de vista, aspecto mencionado por Queiroz e Maciel (2014), e também numa maior liberdade do pensar e do agir (Steiner, 2000). A expressão artístico-criativa nos possibilitou entender que a busca pelo conhecimento por meio da contação de histórias abre possibilidades de desenvolver um olhar estético para a educação. Além disso, contribui para o “aprender a aprender”, para a aquisição de novas competências, como também relatou Costa et al. (2016). É nesse ponto da autoeducação do professor que este estudo avança, principalmente no que diz respeito a um fazer refletido e vivenciado, no qual as contadoras percebem a si mesmas enquanto sujeitos pensantes e observam o seu entorno num processo de ensino-aprendizagem-ensino mais profundo e humanizado, resultando na autorrealização e no autodesenvolvimento. É essa percepção do professor com relação ao autodesenvolver-se por meio dos contos que aqui se configura como o seu processo de amadurecimento tanto como educador quanto como indivíduo que tem consciência da importância de olhar também para si mesmo enquanto aquele que busca o conhecimento.

Os resultados também nos mostraram a possibilidade do autodesenvolvimento afetivo do professor a partir da contação de histórias, uma construção consciente da importância da presença afetiva no fazer pedagógico e na vida como um todo. Há indícios de que o professor contador de histórias participa integralmente com o seu “eu”, tecendo imagens vivas das histórias que entrega aos seus ouvintes, compartilhando os saberes com emoção e respeito à individualidade de cada um, pois entende que cada ouvinte recebe suas palavras de forma peculiar, de acordo com suas próprias experiências, aspecto também relatado por Abate e Stoltz (2020). Podemos inferir que as sutilezas das imagens presentes nos contos têm a possibilidade de transformar a alma humana, refletindo em ações mais afetivas, capazes de tocar profundamente o indivíduo, sendo um elo na construção do conhecimento, vertente também defendida por Rodrigues (2015). Aqui, nossa contribuição é de que somente uma alma humana consegue tocar outra, uma vez que é na delicadeza e na complexidade dos contos mediados pelo contador no encontro

com o outro que a transformação acontece. Nesse sentido, identificamos e defendemos a importância da autoconsciência do educador em ser afetivo e amoroso com a própria essência e verdadeiro consigo mesmo e com o outro.

É também nessa sutileza dos gestos e das ações que o autodesenvolvimento social do professor contador de histórias flui e se consolida como importante componente no processo das relações humanas, visto que é fundamental que tenha interesse e disponibilidade para conhecer o outro em sua individualidade, sendo, portanto, a receptividade e o desejo pela socialização fatores primordiais que sustentam a narrativa oral. Percebemos que esse interesse pelo social cresce na medida em que o professor se permite conhecer novas realidades, tornando-se sensível para se colocar no lugar do outro e compreender maneiras de viver diferentes da sua. Movido pela literatura e contação de histórias, o professor tem diante de si um universo de possibilidades que o transforma pessoal e profissionalmente, uma vez que a desconstrução de paradigmas e modos de pensar limitantes dão margem para novas oportunidades de se relacionar consigo mesmo e com o seu entorno. Desse modo, as relações sociais tornam-se momentos prazerosos, de troca e aprendizado, uma releitura das experiências de vida, como corrobora Barbosa (2017), em que o pensar sobre a própria existência contribui para o sentido e a verdade de cada um, aspecto também observado por Stoltz e Weger (2015).

Nossa contribuição foi de dar voz ao professor no sentido de que ele pudesse olhar para si mesmo, perceber a sua individualidade no contexto social, seus desejos, angústias e alegrias, respeitando o que observa em si mesmo, uma vivência pessoal do pensar e do sentir para que o seu agir seja transformador. Esse autodesenvolvimento social contribui para lidar melhor socialmente com a diversidade das manifestações humanas, aprimorando a capacidade de se colocar no lugar do outro, respeitando as individualidades, sem perder de vista o próprio “eu”.

Avançamos no sentido do aprofundamento e observação da prática da contação de histórias na vida do professor, na qual ele é o protagonista, aquele que se desenvolve a partir de uma prática refletida. Essa oportunidade de pausa para o conhecimento é essencial para que o professor possa se apropriar dele mesmo, não somente como uma preparação técnica, mas sobretudo como um espaço de autorreflexão para a reconstrução do si mesmo e para sua autoeducação.

Nesta pesquisa, tivemos a oportunidade de trabalhar com professores que já estavam num processo de formação em contação de histórias ou que já haviam passado por essa formação e já utilizavam essa prática em seu fazer pedagógico, o que nos mostrou

que o autodesenvolvimento é possível a partir da prática regular de contação de histórias. Contudo, esses achados nos remetem a pensar de que maneira e em que momento esse desenvolvimento acontece. Nesse sentido, temos o interesse de trabalhar futuramente com professores que não tenham esse conhecimento e não utilizam a prática da contação de histórias em suas vidas para investigar o processo de autodesenvolvimento desde o início. A intenção é propor em estudos futuros uma formação de professores contadores de histórias, disponibilizar um ambiente de conhecimento e reflexão das suas vivências para entendermos como e de que forma a autoeducação do professor contribui para o seu autodesenvolvimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou compreender como professores significam o seu autodesenvolvimento afetivo, cognitivo e social a partir da prática da contação de histórias, podendo tornar-se um recurso importante na formação de professores.

Tivemos a oportunidade de conhecer pressupostos teóricos e conceituais que ampliaram a nossa visão a respeito da utilização da prática da contação de histórias nos diferentes contextos sociais, atendendo a várias faixas etárias. A utilização dessa prática no contexto escolar se constitui como uma oportunidade de desenvolver nos alunos o hábito da leitura e viabiliza lidar com as questões afetivas, tanto dos ouvintes quanto dos contadores de histórias.

A revisão da literatura contemporânea nos expôs a dimensão e o reconhecimento das histórias como possibilidade de oportunizar o desenvolvimento humano e a ampliação de recursos subjetivos para auxiliar no percurso individual de cada ouvinte, permitindo pensar suas escolhas e compreender a si mesmo. Quanto ao professor contador de histórias, as pesquisas têm tratado mais da sua preparação teórica e técnica, vislumbrando os resultados no seu fazer pedagógico. Ainda são escassos os estudos direcionados ao desenvolvimento amplo do professor contador de histórias como possibilidade de autoeducação, aspecto emergente na formação de professores, visto que, na visão de Steiner (2005) é a partir da autoconsciência que o homem tem plena noção de sua posição no mundo e consegue também ter consciência do seu entorno. Pensando nessa proposta do desenvolvimento humano, esta pesquisa buscou ter foco no autodesenvolvimento do professor a partir da prática da contação de histórias, aspecto ainda não explorado na literatura, tanto nacional quanto internacional.

O aprofundamento na teoria antroposófica de Rudolf Steiner nos permitiu compreender que a contação de histórias possibilita a ampliação de consciência e que o pensar sobre o pensar propicia um olhar sobre si mesmo e sobre o sentido da vida, nos aproximando da própria essência e daquilo que está no mundo (STEINER, 2000). A prática da contação de histórias permite um pensar vivenciado, proporcionando ao professor contador experiências sutis percebidas a partir da magia contida nos contos de fadas que se consolidam por meio do autoconhecimento. Esse conhecimento sutil contido nos contos advém da ancestralidade e nos aproxima da alma humana, proporcionando níveis mais elevados de consciência (STEINER, 2002).

A possibilidade da triangulação de métodos de coleta de dados (SAMPIERI et al., 2013), advindas de professores contadores que atuam em diferentes contextos educacionais nos possibilitou compreender que a contação de histórias pode otimizar uma formação mais profunda e plena, refletindo em um fazer pedagógico mais consciente de si e daqueles que estão em processo de desenvolvimento.

A partir da análise de dados das entrevistas, dos desenhos e dos grupos focais, encontramos aspectos que configuraram a importância da prática da contação de histórias como possibilidade de autodesenvolvimento na formação de professores. Essa oportunidade estética de vivenciar o fazer pedagógico pode favorecer uma formação mais consciente, implicada com a afetividade e o autodesenvolvimento, refletindo em resultados tanto no âmbito profissional quanto na vida dos educadores. Foi possível observar nas entrevistas um grande interesse das professoras contadoras em ampliar o conhecimento a partir das histórias que leem e contam, bem como a percepção de mudanças no modo de pensar e agir no mundo. Considerando os relatos das professoras encontramos categorias que vão ao encontro dos objetivos do estudo: comprometimento no processo de contar histórias; percepção da alteridade no processo de contação de histórias; consciência da importância da afetividade; autoconhecimento, autoconsciência e autotransformação a partir da contação de histórias. Nos desenhos e seus respectivos sentimentos observou-se que as professoras contadoras de histórias apreendem as vivências e fazem conexão com suas próprias vidas, onde emoções, imaginação e a busca por conhecimento favorecem o autodesenvolvimento. Os grupos focais proporcionaram uma rica discussão a respeito da contação de histórias na vida das professoras que interagiram com comprometimento, expondo experiências, reflexões e amor pela arte da narrativa oral. Atribuíram a essa vivência muitos aprendizados, entendendo a contação de

histórias como uma oportunidade de mudança de paradigmas, amplitude de consciência e autodesenvolvimento.

Observamos nas narrativas a busca pelo autoconhecimento enriquecida pela criatividade, motivação e afetividade, relacionadas aos aspectos cognitivos que contribuem para a amplitude de visão de mundo e da percepção de si mesmo frente aos acontecimentos, refletindo nas experiências de vida. O interesse pela literatura e em específico pela prática da contação de histórias, na perspectiva das professoras, propicia a elas reflexão e ampliação da análise crítica, contemplando mudanças na forma de agir, de se comportar e de ver o mundo, estando mais conscientes da sua atuação enquanto ser humano e da importância enquanto educadoras. É possível identificar uma relação amorosa e comprometida com o próprio desenvolvimento, respeitando não só a si mesmas enquanto indivíduos, mas também àqueles que estão em seu entorno, sendo empáticas na forma de ser, entender e existir no mundo, tornando as relações sociais mais humanas e verdadeiras.

Os dados trazem indícios de que a prática regular da contação de histórias possibilita o autodesenvolvimento cognitivo, uma vez que permite a conquista de novos conhecimentos e a ampliação da visão de mundo em profundidade e consciência. Por outro lado, contribui para o autodesenvolvimento afetivo, por possibilitar o encontro com os próprios sentimentos e emoções. E, quanto ao autodesenvolvimento social, contribui para lidar melhor socialmente com a diversidade das manifestações humanas, aprimorando a capacidade de se colocar no lugar do outro, respeitando as individualidades, sem perder de vista o próprio “eu”. Nesse sentido, a contação de histórias se justifica como uma possibilidade na formação de educadores comprometidos com o próprio desenvolvimento e transformação e que possam contribuir para uma educação mais humana e consciente.

REFERÊNCIAS

ABATE, E.A.B.; STOLTZ, T. Contação de histórias e desenvolvimento do adulto contador. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2014674, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>.

BACH JUNIOR, J. O pensar intuitivo como fundamento de uma educação para a liberdade. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 56, p. 131-145, abr./jun. 2015. Editora UFPR.

BACH JUNIOR, J.; STOLTZ, T.; VEIGA, M. A ideia de liberdade em Steiner: Fundamentos de uma educação fenomenológica. **Educativa**, Goiânia, v.16, n. 1, p. 5-23, jan./jun. 2013.

BARBOSA, P. H. S. **A arte de contar histórias como metodologia e a formação do professor contador de histórias: perspectivas e desafios para o processo ensino-aprendizagem**. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, PUC Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

BARBOSA, E. T.; SOUZA, T. S. Sentidos do Respeito para Alunos: uma Análise na Perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. **Psicologia e Profissão**, Brasília, vol.35, n.2, pp. 255-270, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-370300462013>>. Acesso em: 09 set. 2017.

BOMFIM, Z. A. C. **Cidade e afetividade: Estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo**. Fortaleza, edições UFC, 2010.

BORGES, R. C. G. Conflictos psíquicos en la infancia y cuentos de hadas: los cuentos infantiles como dispositivo de intervención en la práctica clínica. **Subjetividad y Procesos Cognitivos**, Argentina, vol. 19, Nº 1, 2015 Pág. 131-148, 2015. Disponível em: ISSN impreso: 1666-244X, ISSN electrónico: 1852-7310. Acesso em: 20/12/2018.

BRANDÃO, L.; SMITH, V.; SPERB, T. M.; PARENTE, M. A. M. P. Narrativas Intergeracionais. **Psicol. Reflex. Crit.** Porto Alegre, Vol. 19. N.1, 2006. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102. Acesso em: 21 ago. 2017.

BRITO, S. G. de; VIDAL, M. M. G.; TAVARES, K. R.; VIEIRA, S. P. Encantar - Encontro de Bibliotecas, Leitura e Contação de Histórias. **Rev. digit. bibliotecon. cienc. inf.**, Campinas, SP, v.12, n.3, p.157-170, set/dez. 2014. ISSN 1678-765X. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

CHESINI, I. M.; CRESTANI, A. H.; SOUZA, A. P. R. de. Narratividade do professor: mediação e linguagem na sala de aula. **Rev. CEFAC**, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/2013nahead/232-11.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2017.

COSTA, N. P., POLARO, S. H. I., VAHL, E. A. C., GONÇALVES, L. H. T. Storytelling: a care technology in continuing education for active ageing. **Rev. Bras. Enferm.** Vol. 69 (6), Brasília, Nov./Dec. 2016. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0390>. Acesso em: 04 ago. 2017.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2º. ed. Porto Alegre, Artmed, 2007.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3º. ed. Porto Alegre, Artmed, 2010.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3º ed. Porto Alegre, Penso, 2014.

DELVAL, J. **Introdução à prática do Método Clínico: descobrindo o pensamento das crianças**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FACCI, M.G.D. O adoecimento do professor frente à violência na escola. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, p. 130-142, maio-ago. 2019. Disponível em: doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i2/5647>. Acesso em: 15/10/2020.

GATTI, B. A. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Série pesquisa em educação, v. 10. Brasília - DF, 2005.

HENRIQUES, E. M. O. Textos literários e a formação do professor: novas possibilidades de narrar. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 32, n. 88, p. 319-334, 2012. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 15 jun. 2018.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental**. In: Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, p.25-44, 1986.

JUNG, C. G. **Psicologia do inconsciente**. Petrópolis, Vozes, 1980.

JUNG, C.G. **O desenvolvimento da Personalidade**. Petrópolis, Vozes, 1988.

KERRY-MORAN, K. J. Improving Preservice Teachers' Expression in Read-Alouds. **Early Childhood Educ J**, Volume 44, edição 6, pp 661–670, 2015. Disponível em: DOI 10.1007/s10643-015-0742-1. Acesso em: 29 maio 2019.

KIRCHOF, E. R.; SILVEIRA, R. M. Contação de história: uma análise da escolha de histórias em um recorte de experiências gaúchas. **Conjectura**, v. 14, n. 2, maio/ago. 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/437687777_. Acesso em: 18 maio 2019.

LOURENÇO, A. Contando histórias e encantando nos espaços de leitura. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 1, n. 2, p. 28-31, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/1442>. Acesso em: 15 jan. 2019.

MENEGHEL, S. N.; IÑIGUEZ, L. Contadores de histórias: práticas discursivas e violência de gênero. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 8, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v23n8/08.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2017.

MONTEZI, A. V.; SOUZA, V. L. T. Era uma vez um sexto ano: estudando imaginação adolescente no contexto escolar. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP, v. 17, n. 1, Jan/Jun de 2013: 77-85. Disponível em: www.scielo.br/pdf/pee/v17n1/a08v17n1. Acesso em: 20 abril 2017.

PINHEIRO, A. S.; RAMOS, F. B.; **Literatura e formação continuada de professores: desafios da prática educativa** – Campinas, SP: Mercado de Letras; Dourados, MS: Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2013.

QUEIROZ, N. L.; MACIEL, D. A. Contribuições da contação de histórias infantis e a formação de crianças leitoras. **Educação Unisinos**, Porto Alegre, jan./ abril 2014. Disponível em: revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2014.181.03. Acesso em: 20 fev. 2017.

RIBEIRO, M. F. de A. R. **Práticas narrativas e perfis de contadores de histórias**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Criança) - Instituto de Educação, Universidade do Minho, Portugal, 2013. Disponível: repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/25989. Acesso em: 05 jan. 2017.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social: Métodos e técnicas**. 3. Edição – 14. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.

RODRIGUES, E. B. T. Incentivo à leitura, contação de histórias e a formação de professores: um relato de experiência. **Cad. Ed. Tec. Soc.**, Inhumas, v. 8, n.1, p. 64-69, 2015. Disponível em: www.brajets.com/index.php/brajets/article/download/198/125. Acesso em: 15 mai. 2019.

ROMANELLI, R. A. A cosmovisão antroposófica: educação e individualismo ético. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n.56, p. 49-66, abr/jun. 2015. Editora UFPR. Disponível em: DOI: 10.1590/0104-4060.40937. Acesso em: 10/05/2019.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. del P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5ª edição. São Paulo. Penso Editora Ltda, 2013.

SANTOS, L.S. **A Emília que mora em cada um de nós**: a constituição do professor-contador de histórias. 210 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17306>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

SILVA, M. da; SILVA, A.G. da. Professores e Alunos: o engendramento da violência da escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol.43, n.2, p. 471-494, abr./jun. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623664089>. Acesso em: 15/10/2020.

SILVA, V. S.; SOUZA, R. J. Reflexões sobre a performance do contador de histórias. **Revista de Literatura, História e Memória**. Dossiê Performance e Literatura. Cascavel, vol. 13 nº 21 2017 p. 27-39. Disponível em: e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/16823. Acesso em: 14 abr. 2019.

STEINER, R. Stuttgart, 26/11/1922 (cf. **GA 40**, p. 299). Col. LJ.

STEINER, R. **Verdade e ciência**. Prelúdio a uma “Filosofia da Liberdade”. São Paulo: Antroposófica, 1985.

STEINER, R. **A ciência Oculta**. Esboço de uma cosmovisão supra-sensorial. 3. edição. São Paulo, Antroposófica, 1991.

STEINER, R. **Os graus do conhecimento superior**. O caminho iniciático da imaginação, da inspiração e da intuição. Trad. Lavínia Viotti. São Paulo. Antroposófica, 1996.

STEINER, R. **A filosofia da liberdade**: fundamentos para uma filosofia moderna: resultados com base na observação pensante, segundo método das ciências naturais. São Paulo: Antroposófica, 2000.

STEINER, R. **Os contos de fadas: sua poesia e sua interpretação.** São Paulo. Antroposófica, 2002.

STEINER, R. **O método cognitivo de Goethe: linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão goetheana.** São Paulo: Antroposófica, 2004.

STEINER, R. **Noções básicas de antroposofia.** 4. ed. rev. São Paulo. Antroposófica, 2005.

STEINER, R. **Reconhecimento do Ser Humano e Realização do Ensino.** São Paulo. Antroposófica, 2009.

STOLTZ, T.; WEGER, U. O pensar vivenciado na formação de professores. **Educar em Revista**, Editora UFPR, Curitiba, Brasil, n. 56, p. 67-83, abr./jun. 2015.

VEIGA, M. **A obra de Rudolf Steiner: Orientação geral sobre a obra e explanação introdutória dos livros básicos.** Trad. Marcelo da Veiga. Editora Antroposófica, São Paulo, 1994.

VOSGERAU, D. S. R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Rev. Diálogo Edc.**, Curitiba, v. 14, n 41, p. 165 -189, jan./abr, 2014. Disponível em:

<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/download/.../2233>.

Acesso em: 12 abr. 2019.

WEHR, G. **Psicoterapia e antroposofia: diálogos entre a Psicologia Analítica e a Psicoterapia Antroposófica.** Trad. Carolina Ribeiro Minchin. Editora João de Barro, São Paulo, 2018.

ZOLTOWSKI, A. P. C.; COSTA, A. B.; TEIXEIRA, M. A. P.; KOLLER, S. H. Qualidade Metodológica das Revisões Sistemáticas em Periódicos de Psicologia Brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Jan-Mar 2014, Vol. 30 n. 1, pp. 97-104. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ptp/v30n1/12.pdf. Acesso em: 12 abr. 2019.

APÊNDICE 1 – FORMULÁRIO

Formulário de interesse em participar da pesquisa de mestrado com o tema:
**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E DESENVOLVIMENTO AFETIVO,
COGNITIVO E SOCIAL DO PROFESSOR CONTADOR.**

Nome completo: _____

Contato telefônico: _____

E-mail: _____

Formação/ escolaridade: _____

Gênero: _____

Local de trabalho: _____

Tempo de atuação como contador de histórias: _____

APÊNDICE 2 - ENTREVISTA

Dados gerais:

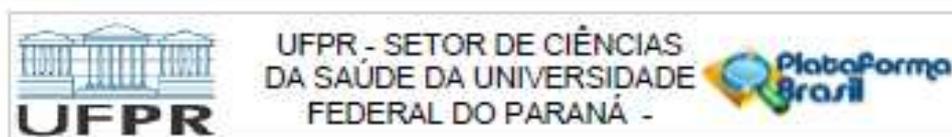
Idade:

Formação:

Tempo de experiência como contador (a) de histórias?

- 1) Como você percebe o teu processo de formação como contador de histórias?
- 2) Você já aprendeu algo com as história que contou? Exemplifique.
- 3) Alguns professores tem a opinião de que as histórias tem que ter uma função utilitária na escola, outros pensam que tem o papel de moralizar as crianças e outros ainda pensam que deve ser algo mais espontâneo que valorize uma construção literária. Qual sua opinião sobre a contação de histórias no contexto escolar.
- 4) Quais semelhanças e diferenças você observa em um professor que se prepara para contar histórias daquele que não se prepara? Exemplifique.
- 5) Como você percebe a contação de histórias em relação ao desenvolvimento da sua atenção e percepção? Exemplifique.
- 6) Como você percebe a contação de histórias em relação ao desenvolvimento da sua memória e raciocínio lógico? Exemplifique.
- 7) Como você percebe a contação de histórias em relação ao desenvolvimento da sua imaginação? Exemplifique.
- 8) Como você percebe a contação de histórias em relação ao desenvolvimento das suas emoções e seus sentimentos? Como você reagia emocionalmente às situações na sua vida antes da prática de contação de histórias e depois. Exemplifique.
- 9) Como você percebe a contação de histórias em relação a interação com outras pessoas diferentes de você? Exemplifique.
- 10) Como você percebe a contação de histórias em relação ao teu processo de socialização? Exemplifique.
- 11) Como você se relacionava antes da sua prática de contação e histórias com as pessoas e depois, houve alguma mudança? Exemplifique.
- 12) Em relação ao período anterior a contação de histórias, como você percebia o mundo e a si próprio e depois, houve mudanças? Exemplifique.
- 13) Como você percebe o seu autodesenvolvimento a partir da contação de histórias? Exemplifique.

ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E DESENVOLVIMENTO AFETIVO, COGNITIVO E SOCIAL DE PROFESSORES.

Pesquisador: TANIA STOLTZ

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 07337019.3.0000.0102

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.175.306

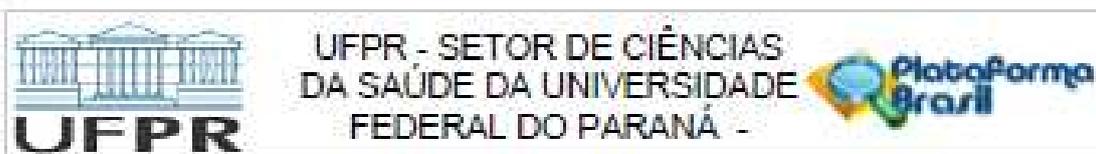
Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação que visa compreender como professores percebem o seu autodesenvolvimento e o seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e social a partir da prática da contação de histórias. Será um estudo qualitativo onde serão convidados a participar os estudantes do curso de pós-graduação em Contação de Histórias que atuam como professores na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. O processo de recrutamento é claro e cuidadoso no projeto de pesquisa onde primeiro os pesquisadores divulgam o estudo e depois pegam o contato dos interessados para fazer a abordagem por entrevistas num segundo momento. Há intenção de pesquisar pelo menos 30 professores contadores de histórias. Os dados serão coletados no ambiente físico da própria instituição de ensino ou nas dependências da universidade na qual esta pesquisa está vinculada. Serão utilizados como métodos entrevista exploratória semiestruturada, grupo focal, diário de campo e análise de desenho.

Objetivo da Pesquisa:

- Compreender o desenvolvimento humano a partir da contação de histórias à luz da teoria junguiana e da antroposofia de Rudolf Steiner.
- Identificar se e de que forma a contação de histórias faz parte da rotina de trabalho dos professores.

Endereço: Rua Pedro Camargo, 285 - Tênis
 Bairro: Alto da Glória CEP: 80.080-240
 UF: PR Município: CURITIBA
 Telefone: (41)3360-7260 E-mail: cometica.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 3.175.306

- * Investigar como se expressa o interesse dos professores por literatura e em específico pela contação de histórias.
- * Entender o processo de desenvolvimento cognitivo, afetivo e social do professor enquanto contador de histórias.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os pesquisadores relatam que o risco mais provável é a possibilidade de exposição de informações pessoais e profissionais em que o professor possa se sentir constrangido na entrevista ou no grupo focal com relação às perguntas referentes ao seu desenvolvimento, cognitivo, afetivo e social. Entretanto, ressaltam que o participante poderá interromper até sentir-se melhor ou mesmo desistir sem qualquer prejuízo.

Quanto aos benefícios relatam que os resultados poderão no futuro permitir compreender a importância da preparação do professor como contador de histórias e poderá fazer parte de projeto de formação continuada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trabalho bem estruturado e com ótimo e cuidadoso desenho metodológico

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos apresentados a contento

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

- É obrigatório retirar na secretaria do CEP/SD uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com carimbo onde constará data de aprovação por este CEP/SD, sendo este modelo reproduzido para aplicar junto ao participante da pesquisa.

*Em caso de projetos com Coparticipantes que possuam Comitês de Ética, seu TCLE somente será liberado após aprovação destas instituições.

O TCLE deverá conter duas vias, uma ficará com o pesquisador e uma cópia ficará com o participante da pesquisa (Carta Circular nº. 003/2011/CONEP/CNS).

Favor agendar a retirada do TCLE pelo telefone 41-3360-7259 ou por e-mail cometica.saude@ufpr.br, necessário informar o CAAE.

Considerações Finais a critério do CEP:

Solicitamos que sejam apresentados a este CEP, relatórios semestrais e final, sobre o andamento

Endereço: Rua Padre Camargo, 266 - Tênis
Bairro: Alto da Glória
UF: PR Município: CURITIBA
Telefone: (41)3360-7259

CEP: 80060-340

E-mail: cometica.saude@ufpr.br



Contribuição do Pesquisador: 3.175.000

da pesquisa, bem como informações relativas às modificações do protocolo, cancelamento, encerramento e destino dos conhecimentos obtidos, através da Plataforma Brasil - no modo: NOTIFICAÇÃO.

Demais alterações e prorrogação de prazo devem ser enviadas no modo EMENDA. Lembrando que o cronograma de execução da pesquisa deve ser atualizado no sistema Plataforma Brasil antes de enviar solicitação de prorrogação de prazo.

Emenda – ver modelo de carta em nossa página: www.cometica.ufpr.br (obrigatório envio)

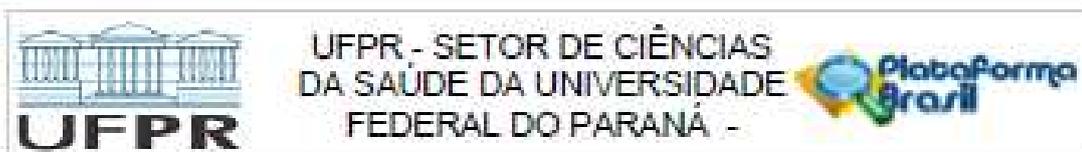
Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_12652111.pdf	07/02/2019 14:00:39		Aceito
Outros	termo_de_responsabilidades_no_projeto.docx	07/02/2019 09:08:45	TANIA STOLTZ	Aceito
Outros	termo_de_confidencialidade.docx	05/02/2019 14:29:03	TANIA STOLTZ	Aceito
Outros	termo_de_compromisso_para_inicio_da_pesquisa.docx	05/02/2019 14:25:24	TANIA STOLTZ	Aceito
Outros	oficio_do_pesquisador_encaminhando_o_projeto_ao_GEP_SD.docx	05/02/2019 14:21:31	TANIA STOLTZ	Aceito
Outros	declaracao_de_uso_especifico.docx	05/02/2019 14:20:21	TANIA STOLTZ	Aceito
Outros	declaracao_de_tomar_publico_os_resultados.docx	05/02/2019 14:19:17	TANIA STOLTZ	Aceito
Outros	concordancia_dos_servicos_envolvidos_ufpr.pdf	05/02/2019 14:18:06	TANIA STOLTZ	Aceito
Outros	concordancia_dos_servicos_envolvidos.pdf	05/02/2019 14:17:14	TANIA STOLTZ	Aceito
Outros	concordancia_de_coparticipacao.pdf	05/02/2019 14:09:18	TANIA STOLTZ	Aceito
Outros	Check_List.docx	05/02/2019 13:57:01	TANIA STOLTZ	Aceito
Outros	ata_aprovacao_do_projeto.pdf	05/02/2019 13:55:36	TANIA STOLTZ	Aceito
Outros	Analise_de_mento.docx	05/02/2019 11:09:38	TANIA STOLTZ	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_contacao_de_historias.docx	05/02/2019 11:08:34	TANIA STOLTZ	Aceito

Endereço: Rua Padre Carmo, 205 - Paraná
Bairro: Alto da Glória
UF: PR Município: CURITIBA
Telefone: (41)3360-7250

CEP: 80.060-340

E-mail: cometica.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 3175.000

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido.docx	05/02/2019 10:51:39	TANIA STOLTZ	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	05/02/2019 10:45:17	TANIA STOLTZ	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CURITIBA, 27 de Fevereiro de 2019

Assinado por:
IDA CRISTINA GUBERT
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Padre Camargo, 205 - Tênis
Bairro: Alto da Glória
UF: PR Município: CURITIBA
Telefone: (41) 3362-7250

CEP: 80.060-340

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, Elizabete Aparecida Bragatto Abate e Prof^a Dr^a Tania Stoltz, pesquisadoras da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando você professor da Educação Infantil ou do Ensino Fundamental dos anos iniciais a participar de um estudo intitulado “Contaçon de histórias e desenvolvimento afetivo, cognitivo e social de professores”. Este estudo pode possibilitar avanços importantes nas pesquisas sobre o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social de professores a partir da narrativa oral. Para este estudo, o **professor contador de histórias** é o mediador das histórias contidas nos livros, aquele que consegue transmitir ao aluno os encantos da narrativa oral e que está em constante busca do autoconhecimento para uma ampliação de consciência e que acredita numa formação humana integral; **contaçon de histórias** como caminho possível para a ampliação de conhecimento e consciência do professor, sendo uma forma de lidar com as vivências inconscientes, bem como com conceitos e questionamentos que fazem parte da realidade objetiva, desenvolvendo o seu pensar, sentir e agir; a **literatura** tem um efeito libertador, possibilita uma nova visão de mundo, aquisição de conhecimentos e desenvolvimento do senso crítico.

O objetivo desta pesquisa é compreender como o professor percebe o seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e social a partir da contaçon de histórias.

- a) Caso você professor concorde em participar da pesquisa, será necessária a sua presença em uma entrevista individual com questões referentes à: prática da contaçon de histórias em seu trabalho como professor; sentimentos que possui e os despertados após a participação nas rodas de contaçon de histórias; percepção de si mesmo com relação ao desenvolvimento emocional, social e cognitivo. Ao final da entrevista será solicitado que faça um desenho e que escreva três sentimentos expressos em relação a ele com a proposta: A contaçon de histórias na minha vida. A proposta do desenho tem o objetivo de compreender o seu pensamento por meio de um método não verbal. Também será necessária a sua participação em um grupo focal com professores contadores de histórias que terá como tema: O autodesenvolvimento a partir da contaçon de histórias.
- b) Para tanto o professor será informado do local da entrevista, que provavelmente será na instituição onde estuda, com a autorização prévia da direção, com data e horário previamente agendado. A entrevista terá duração máxima de 40 minutos. O grupo focal acontecerá em local, data e horário previamente agendado, de acordo com a disponibilidade dos professores (as). O local para as entrevistas e grupo focal será organizado para ser tranquilo, sem ruídos ou interferências, num espaço que ofereça conforto, segurança e privacidade.

Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde/UFPR.
 Parecer CEP/SD-PB.nº 317-5306
 na data de 22/02/2019. gsa

Participante da Pesquisa e/ou Responsável Legal [rubrica]
 Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE [rubrica]
 Orientador [rubrica]

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde da UFPR/CEP/SD
 Rua Padre Camargo, 285 | 1º andar | Alto da Glória | Curitiba/PR | CEP 80060-240 |
 cometica.saude@ufpr.br - telefone (041) 3360-7259

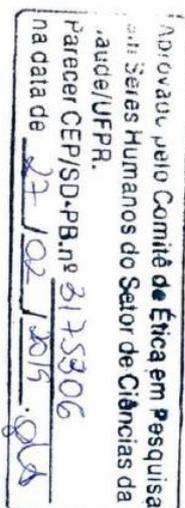
- c) É possível que você, durante ou após a entrevista ou grupo focal experimente algum desconforto como vergonha, tristeza ou raiva. O tipo de risco mais provável é a possibilidade de exposição de informações pessoais e profissionais, exposição de sentimentos e/ou incompreensão por parte do grupo com relação às suas opiniões e/ou observações. Se isso acontecer, poderá solicitar imediatamente à pesquisadora a sua saída da sala e/ou da pesquisa.
- d) No momento da entrevista ou do grupo focal você poderá responder às perguntas da forma que achar melhor, bem como realizar a sua roda de histórias com os alunos como de costume. As perguntas estão relacionadas com o seu trabalho como professor/a contador/a de histórias, autopercepção e sentimentos relacionados à sua participação na atividade, dentre outros.
- e) Os benefícios esperados com esta pesquisa são:
- 1) De forma indireta, contribuir para a ampliação de consciência dos professores, despertando o interesse por uma educação integral e por uma atuação crítica, primando pela qualidade e respeito.
 - 2) Conhecer o trabalho do professor contador de histórias, seus interesses com relação às histórias e aspectos afetivos no desenvolvimento do seu trabalho. Com o conhecimento construído por meio da pesquisa, auxiliar no aprimoramento e na formação continuada dos professores, tendo a intenção de elaborar projetos e oficinas com o intuito de desenvolver o autoconhecimento por meio da contação de histórias e atingir o maior número de professores das redes públicas de Curitiba.
- f) Eu, Elizabete Aparecida Bragatto Abate, estudante e pesquisadora vinculada ao Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná e Tania Stoltz, pesquisadora em Educação, Professora da Universidade Federal do Paraná seremos as responsáveis pela pesquisa e demais informações. Poderemos esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter pelos telefones (41) 99196-7353 e (41) 99932-6200 (pesquisadoras), 3360-5117 (PPGE) ou pelos e-mails: elizabeteabate@gmail.com e tania.stoltz795@gmail.com, as informações que queiram, antes, durante ou depois de encerrado o estudo. As pesquisadoras podem ainda, serem encontradas na Universidade Federal do Paraná, no Setor de Educação, Campus Rebouças, Avenida Sete de Setembro, 2645.
- g) A sua participação neste estudo é voluntária e se não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento sem qualquer penalidade. Assim sendo, poderá solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.

Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde/UFPR.
 Parecer CEP/SD-FB nº 3175306
 na data de 27/02/2018. QVH

Participante da Pesquisa e/ou Responsável Legal [rubrica]
 Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE [rubrica]
 Orientador [rubrica]

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde da UFPR/CEP/SD
 Rua Padre Camargo, 285 | 1º andar | Alto da Glória | Curitiba/PR | CEP 80060-240 |
cometica.saude@ufpr.br - telefone (041) 3360-7259

- h) As informações relacionadas ao estudo serão utilizadas exclusivamente na pesquisa. Poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas, neste caso as pesquisadoras do estudo. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob a forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e mantida a confidencialidade. Os questionários e observações serão objetivos, respeitando-se completamente o seu anonimato.
- i) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e pela sua participação não receberá qualquer valor em dinheiro.
- j) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome e demais pessoas mencionadas, e sim, um código.
- l) Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone 3360-7259.
- m) Autorizo (), não autorizo (), o uso de minha imagem e áudio para fins da pesquisa, sendo seu uso restrito a transcrição em formato de texto ou análise de resultados dos dados coletados, sendo eles deletados de arquivos do computador ao fim da pesquisa



Eu, _____ li esse termo de consentimento acima ou alguém leu para mim e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem que esta decisão afete a minha pessoa. Fui informada (o) e entendi que a minha participação na pesquisa é voluntária, não receberei nenhum valor para participar e também não acarretará em nenhum momento qualquer custo para mim e/ou minha família. Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, ____/____/____

Participante da Pesquisa

Testemunha

Pesquisadoras